NO SUPLEMENTO LITERÁRIO — HENRY MILLER TOMA A PALAVRA

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 914 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

Declarada guerra ao tabaco

GENEBRA, 22. — (F. P.) — A OMS declarou hoje guerra ao tabaco e condenou o cigarro como «instrumento de morte, deploràvelmente espalhado».

O conselho da Organização Mundial de Saude, reunido desde ontem em Genebra, decidiu, para dar o exemplo, convidar os seus membros a não fumarem nas sessões. Mas não se trata só de exemplos. Assim, decidiu encarregar o seu director-geral de apresentar um relatório á Assembleia Mundial de Saude, em Maio, apontando as medidas a tomar para a OMS poder ajudar os países e

(Continua na ultima página)

PROPOSTAS DE LEI SOBRE O TEATRO E O CINEMA NA ASSEMBLEIA NACIONAL

NOVOS HORIZONTES PARA O ESPECTÁCULO

Deram entrada na Assembleia Nacional, onde vão ser oportunamente apreciadas, duas propostas de lei que directamente respeitam aos espectáculos públicos. Pelas repercussões destes diplomas, a Câmara não deixará, por certo, como lhe compete, de se debruçar atentamente sobre o conteúdo destes projectos discutindo-os e introduzindo-lhes as alterações que se imponham.

Os diplomas em causa são: uma proposta de lei sobre a actividade teatral, e outra designada como «de protecção do cinema nacional».

Aumentadas as verbas do Fundo de Teatro

Procurando corresponder aos estudos feitos e exposições enviadas ao Governo pelos respectivos profissionais segundo se afirma no intróito da proposta de lei sobre a actividade teatral, procurar-se-á aumentar a receita do Fundo de Teatro; encarar novas formas de auxílio, como empréstimos e garantias de crédito; os subsídios dependerão da qualidade dos espectáculos com particular prioridade para os autores nacionais. Fomentar-se-á a construção de teatros e cine-teatros; autorizar-se-á a criação de cursos e escolas particulares de Teatro.

Propõe-se, também, no diploma, a criação de um teatro-piloto, sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. A criação, em ligação com os teatros existentes e as escolas da arte de representar, de salas de teatro experimental — a par da assistência financeira já referida, a agrupamentos de teatro amador — é também prevista no diploma, procurando-se com isso satisfazer uma repetida pretensão dos artistas e técnicos de teatro, que vêem essas actividades como indispensáveis processos para revelação de novos valores e ensaio de novas técnicas.

Fala-se, também, de fomento de teatro infantil e para a juventude.

Será, ainda, alterado o regime fiscal, ficando as actividades teatrais submetidas ao regime de contribuição industrial e cria-se, sobre o preço dos bilhetes, um adicional (menos no teatro declamado).

É criado o Instituto Português de Cinema

A proposta de lei «de Protecção ao Cinema Nacional» cria o Instituto Português de Cinema, que sucede ao Fundo do Cinema, a extinguir:

O Instituto será gerido por uma comissão administrativa presidida pelo director-geral da Cultura Popular e Espectáculos e cujos membros, á excepção do director do Instituto, são designados por inerência. Esta comissão é assistida pelo conselho de cinema, ao qual incumbirá pronunciar-se sobre todas as questões de interesse para o cinema português.

(Continua na 15.ª página)

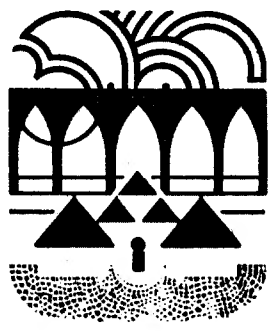
O AUTOMÓVEL CAIU AO TEJO

Esta manhã, pouco depois das onze horas, foi retirado do Tejo, em frente ao Cais da Matinha, um automóvel cujo condutor estava morto. O carro foi içado com um guincho instalado em viatura dos Sapadores Bombeiros, auxiliados no difícil trabalho por dois mergulhadores.

(LER NA PAGINA 4)

ÁLBUM DE LISBOA

A ENTREGA DAS CADERNETAS



NA 2.ª PÁGINA
REPETIMOS
AS GRAVURAS
23 e 24
DO NOSSO CONCURSO

COM A COLABORAÇÃO da Cidla e para comodidade dos concorrentes de Lisboa, a recepção de cadernetas far-se-á, a partir de segunda-feira nos «stands» Gazcidla da capital, nomeadamente: em Alfama e Madragoa, Bairro Alto e Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, Avenida 24 de Julho, Rua do Alecrim, Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios. Com absoluta comodidade, sem deslocações ou demoras, os concorrentes de Lisboa podem, assim, fàcilmente, fazer a entrega das suas cadernetas recebendo, imediatamente, o boletim de identificação, devidamente numerado, que o habilitará ao sorteio de magníficos prémios, entre os quais se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realtmo, em Miratejo, a cidade panorama; e um magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, representado

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Não foi esquecida a comodidade dos concorrentes para a entrega das cadernetas

(Continuação da pág. anterior)

e distribuído em Lisboa e no Porto respectivamente por Salvador Caetano, S. A. R. L. e Transmotor, S. A. R. L.

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Os concorrentes da província podem continuar a remeter-nos as suas cadernetas já completas, sempre pelo correio, tendo atenção á franquia correspondente ao peso do sobrescrito ou embalagem, e em linha de conta que 20 gramas correspondem a 1$00. Os concorrentes que desejarem receber o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio, devem juntar um selo de 1$00. Será, pois, mais conveniente que cada caderneta enviada seja franquiada com a importância de 2$00 (independentemente de 1$00 para devolução do boletim de identificação) a fim de evitar multas e consequentes demoras de correspondência.

COMPRA DE CADERNETAS E JORNAIS ATRASADOS

Esclarecemos muitos dos concorrentes que se nos têm dirigido: nos «stands» Gazcidla far-se-á apenas, e a partir de 2.ª feira, a recepção das cadernetas dos concorrentes de Lisboa. Os pedidos de cadernetas, bem como de jornais atrasados, deverão ser sempre feitos aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º em Lisboa.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas de recepção de cadernetas

JANEIRO

26 — Rua de S. Miguel, 9	— ALFAMA
27 — Rua da Esperança, 134	— MADRAGOA
28 — Rua da Atalaia, 131	— BAIRRO ALTO
29 — Largo da Graça, 63-D	— GRAÇA
30 — Rua de Campolide, 94-C	— CAMPOLIDE
31 — Rua Infantaria, 16, 57-A	— C. DE OURIQUE

FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32	— LUMIAR
3 — Rua Emília das Neves, 4-B	— BENFICA
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B	— OLIVAIS
5 — Av. Miguel Bombarda, 56-A	— AVEN. NOVAS
6 — Rua José Duro, 27-C	— ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A	— 24 DE JULHO
9 — Rua do Alecrim, 77	— ALECRIM
10 — Praça Marquês de Pombal, 1	— M. DE POMBAL
11 — Largo do Calvário, 12-C	— ALCANTARA
12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C	— ARROIOS

TENTARAM UM ROUBO TRÊS INDIVÍDUOS QUE IAM EMIGRAR CLANDESTINAMENTE

POMBAL, 22 — Foram presos pela G.N.R. e entregues ao poder judicial Alfredo Pereira Inácio, primeiro-cabo de Infantaria 15, de Tomar, natural da Marinha Grande e residente no lugar da Ordem, daquele concelho; José Manuel Fernandes dos Santos, solteiro, natural e residente no lugar da Pedra, do concelho de Marinha Grande e Joaquim Fortunato Mendes Pereira, solteiro, natural e residente no lugar da Ponte da Pedra, Regueira de Pontes, (Leiria) quando este último se preparava para assaltar, por meio de arrombamento, o estabelecimento de artigos electricos do sr. Joaquim Cordeiro Junior, nesta vila. Não conseguiram, todavia, praticar o roubo, por ter aquele sido surpreendido por uma patrulha da G. N. R. Os arguidos saíram na mesma noite da Marinha Grande, com o propósito de emigrarem, para a França, e pediram boleia a um militar, que vinha num automóvel de aluguer para esta vila, onde chegaram de madrugada.

Como tinham pouco dinheiro, o Joaquim Fortunato Mendes Pereira resolveu assaltar aquele estabelecimento.

O Alfredo Pereira Inácio estava na situação de ausente sem licença, do Regimento de Infantaria 15, e emprestara a sua farda ao José Manuel Fernandes dos Santos, o qual no momento da captura, na estação ferroviária se encontrava fardado, pois vinha assim desde que saíram da Marinha Grandes.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Album de Lisboa

Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

instantâneos de LISBOA

TEJO MAR DA INFÂNCIA

UM HOMEM está de pé em frente do rio. Esse rio é o Tejo. Está de pé e imóvel, apenas os olhos se lhe animam na frieza do fim da tarde. Por detrás do homem está a cidade. Essa cidade é Lisboa, a comprimir-se nos eléctricos e nos autocarros, quase a morrer de asfixia no «metropolitano», consada de mais um dia de trabalho.

Um homem está de pé. Veste um fato coçado e, pelos sapatos velhos, o frio penetra-lhe o corpo, mas não lhe arrefece a alma — que, para essa o Tejo é o veículo de uma recordação antiga e boa. O mar da sua infância. As tardes na praia, ao sol abrasador, correndo, correndo. A vida muitos anos antes.

É uma estátua, o homem. Não de pedra, não de sal por castigo, não de bronze — apenas dessa matéria, a carne, única coisa susceptível de gerar, dentro de si, a capacidade de amar e odiar. Única matéria que justifica a existência de todas as outras, embora decerto mais frágil e perecível que todas elas.

Olhar o rio é, para um homem, para aquele homem de pé, a forma mais fácil de se reconciliar com a vida. Sua história é esta: um filme rápido cuja acção se iniciou a mais de trezentos quilómetros de distância, trinta, quarenta anos atrás. Depois, a dor, a existência carregada dificilmente, pesadamente. A primeira mulher que se ama, a dificuldade de subsistir no ambiente apertado da aldeia pobre, com o mar só rico de marés que não de peixe, nos invernos-infernos. Os filmes que nascem — e, com eles, o aperto na garganta, o grito estrangulado, os dedos a esconderem-se nas conchas das mãos, de raiva. A fuga para a cidade.

Uma casa humilde, num bairro humilde dos arredores. E, de novo, o fardo difícil — agora com o sabor acre da desilusão, da morte de todas as esperanças trazidas para a cidade, as quais a própria cidade se encarregou de destruir. E a falta do mar.

Por isso, o homem está ali. Precisa de banhar os olhos, não de lágrimas (secas, essas há muito, pela dureza *disto tudo*), mas de largueza de horizontes, de extensão líquida a perder de vista, em suma, de mar.

Não tem pressa. Pode demorar-se, chegar a casa tarde. A mulher não se admira. Ela sabe. Conhece também as dores do exílio — embora a hipótese do regresso nunca se tenha posto sequer, por absurda.

E, quando diz adeus ao rio, á infância, o homem não duvida de que está feliz — e vai fazer por prolongar, pelo menos por 24 horas, essa felicidade simples. Até ao encontro do dia seguinte.

TORQUATO DA LUZ

QUATRO POETAS EVOCAM JOSÉ RÉGIO NO I. A. D. E.

O Instituto de Arte e Decoração — I. A. D. E. vai prestar, amanhã, ás 21 e 30, homenagem ao grande poeta José Régio. A sessão constará de leituras de poemas, por Natália Correia, David Mourão Ferreira, José Carlos Ary dos Santos e Dórdio Guimarães, seguida de um colóquio sobre a poesia de Régio, em que prestarão depoimento e intervirão, além daqueles poetas, os escritores José Marinho, Orlando Vitorino e António Quadros.

Com a colaboração da Portugália Editora, será apresentada, na mesma ocasião, uma pequena exposição bibliográfica da obra de José Régio.

Entretanto, continua aberta na secretaria da Escola Internacional de Decoradores, na Rua do Alecrim, 70, telefone 36 74 30, a inscrição para o «Curso básico de cultura portuguesa», que principiará a 2 de Fevereiro, com aulas em fim de tarde e á noite orientado pedagógicamente por uma comissão de que fazem parte os drs. David Mourão-Ferreira e António Quadros, bem como o pintor Lima de Freitas, director da Escola.

Ficaram os versos

SUBSÍDIOS PARA A CASA DA IMPRENSA

A Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa, Casa da Imprensa, recebeu um subsídio da Cidla no valor de 12 mil escudos e do Casino Estoril, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e da Lisnave no valor de 1000 escudos cada, o que demonstra o louvável espírito de compreensão da parte das administrações das referidas empresas para com a obra da Casa da Imprensa.

Estacionamento proibido

Novas medidas para impedir transgressões

Da P. S. P. de Lisboa recebemos, para divulgação, um aviso do seguinte teor:

«Verifica-se em Lisboa que muitos condutores, ás vezes por simples distracção, deixam os seus veículos dias seguidos em locais de estacionamento proibido, do que resulta a acumulação de várias autuações, das quais só mais tarde chegam a ter conhecimento.

Por outro lado, verifica-se que a dificuldade de escoamento do transito, sobretudo nas artérias mais estreitas ou nas de maior movimento, aumenta consideràvelmente, quando não são respeitadas as zonas de estacionamento proibido, daí resultando graves engarrafamentos devido a cortes de filas de transito a que obrigam as viaturas mal estacionadas.

No sentido de alertar os transgressores no próprio momento e de lhes possibilitar a resolução da autuação o mais cedo possível, vai a Secção de Transito da P. S. P. de Lisboa mandar colocar nas viaturas encontradas em transgressão, sobretudo na parte central da cidade, um aviso, do qual constará a matrícula da viatura, a data da transgressão e, ainda, a indicação da data em que o transgressor poderá resolver o assunto nos Serviços de Transito.

Esclarece-se ainda que o facto de o transgressor não encontrar esse aviso na sua viatura não invalida a autuação».

Australiana quer corresponder-se com portugueses

Chama-se Leonie Lucey, tem 23 anos, é casada e mãe de dois filhos (de 2 e 3 anos) a jovem australiana que agora nos escreveu a pedir que divulgássemos o seu desejo de corresponder-se com portugueses.

Na sua carta, mrs. Leonie Lucey indica alguns dos seus «hobbies»: arte e artesanato (madeira entalhada, mosaicos), desporto, musica popular e selos. O endereço: mrs. Leonie Lucey — 97 Mort Street — Lalhgow — New South Wales — *Austrália* — 2790.

ESPANHA, HOJE (2)

A OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

por AMADEU LOPES SABINO

A OPOSICIÓN DEMOCRATICA (1) espanhola aparece, aos olhos do estrangeiro desprevenido, extremamente dividida e fragmentada. À primeira vista (desarmada) trata-se penas de alguns pequenos grupos de intelectuais, radicados nas grandes cidades, sobretudo em Madrid, e que entre si se opõem. De vez em quando, logram obter uma plataforma de unidade — e os seus membros proeminentes redigem em comum um texto endereçado a Franco ou a Carrero Blanco.

O último texto deste tipo, a que os jornais espanhóis deram a relevância possível (2), é subscrito por 138 intelectuais e políticos e à respectiva redacção teria estado directamente ligado o grupo social-democrata de Enrique Tierno Galván.

«*Para que no se desvanesca el sentido que las manifestaciones del nuevo Govierno parecen tener*» — propõe o *Manifesto de los 138* — «*convendrá que se promueva por el, desde ahora y resueltamente, una clara e inequivoca evolución orientada a reducir, lo antes posible, las distancias que separan a España del mundo a que pertence, no solo en el orden economico y social, sino también en el politico. Su acción vitalizadora deberia traducirse en una rapida adaptación de nuestra vida nacional a los principios y instituciones pertinentes a las Naciones Unidas, y a la doctrina de la Iglesia Católica que, segun el articulo 2.° de la Ley de Principios del Movimiento Nacional, deve inspirar nuestra legislación.*»

«*La democracia será en España*, concluem os 138, *como en los pueblos de nuestro Continente que la pratican, el factor decisivo para el control de los actos de los gobernantes, el progresso y la estabilidad de país. Y además nos abrirá las puertas para la Comunid Europea*»...

As personalidades

A *Oposición Democrática* é evidentemente dominada pelas personalidades, todas elas de origem burguesa (3) e que repartem seus tempos úteis entre a actividade política e uma profissão liberal ou universitária. Ridruejo, Tierno Galván ou Ruiz-Jimenez são nomes que ao homem comum de Madrid ou de Barcelona dizem mais do que os grupos políticos que respectivamente dirigem. O espaço que medeia entre o efectivo desconhecimento desses grupos e a prática social, quotidiana, do espanhol médio torna real a falta de implantação da *Oposición*.

Joaquín Ruiz-Jimenez, advogado, catedrático, ministro da Educação do general Franco de 1951 a 1956 e correntemente considerado como o «leader» da democracia-cristã de esquerda, é a personalidade mais em evidência (e talvez a mais rica) nos meios oposicionistas da capital. Em torno de Jimenez agrupam-se movimentações de ordem vária que vão desde a revista «Cuadernos para el Diálogo» a um instituto de informação social e a várias livrarias e cooperativas radicadas nas cidades da província.

Após a eclosão da euforia liberalizadora dos primeiros anos da década de 60, Jimenez e o seu grupo anunciaram, a meia voz e entre dentes, a formação da «Izquierda Democratica», cujo programa político, formalmente vazado no *Manifesto de Paramos* (4), propunha a evolução progressiva do sistema constitucional espanhol para uma democracia do tipo ocidental. Actualmente, o próprio Jimenez considera desactualizado e estrito esse programa, e esforça-se por aglutinar à sua volta, na chamada *Acción Democratica*, as forças oposicionistas do centro, do centro-esquerda e da esquerda democrática. Defende publicamente uma actuação política *en espiral* que agregue sectores cada vez mais amplos, dos liberais aos monárquicos liberais, aos socialistas e aos comunistas.

A candidatura de Jimenez ao cargo de bastonário do *Colegio de los Abogados de Madrid*, no passado mês de Dezembro, terá sido talvez o primeiro êxito desta política de *acción democratica:* candidato único da oposição ao reglime, obteve mais de 40 por cento dos votos expressos (5).

Os socialistas

O socialismo espanhol por seu turno apresenta-se, ele próprio, dividido e fragmentado, vidé, inorganizado.

O *Partido Socialista Obrero de España* agrupa a velha guarda socialista que foi, sob a direcção de Largo Caballero, o núcleo e elemento motor da Frente Popular que presidiu aos últimos anos da Segunda República.

Dirigido do exterior, com os seus elementos mais proeminentes no exílio, o P. S. O. E. nunca perdeu contudo as ligações ao meio operário. Este facto, adicionado às suas tradições radicais, republicanas e jacobinas, justifica talvez a posição ortodoxa dos «velhos socialistas», que se reclamam os unicos e efectivos representantes do socialismo em Espanha.

À margem do P. S. O. E. organizaram-se, no decorrer da ultima década, vários grupos autodenominados socialistas, directamente inspirados nos figurinos socialis-democratas europeus, e cuja acção política se processa privilegiadamente nos quadros legais. Entre estes sobreleva, pelas ligações internacionais de que dispõe e pela constante presença que assegura na vida pública espanhola, o grupo encabeçado por Enrique Tierno Galván, ex-catedrático da Universidade de Madrid.

Os comunistas

O P. S. O. E., por um lado, e os grupos socialistas «heterodoxos» encontram um ponto único de unidade prática na recusa em colaborar com os comunistas. Seja dito em abono da verdade que é da parte da velha guarda socialista que provém o maior número de obstáculos a uma colaboração com o *Partido Comunista Español*. Paradoxalmente (ou talvez não) só os elementos ligados a Ruiz-Jimenez conseguem abarcar, na sua lata espiral, os comunistas do P. C. E. Uma vez mais teremos que recorrer, para ilustrar esta asserção, ao exemplo da candidatura do ex-ministro de Franco ao organismo sindical dos advogados da capital.

Para terminar esta breve nota acerca da oposição ao regime franquista, algo terá que ser dito acerca da actuação política do P. C. E. e dos dissídios entre os marxistas.

O P. C. E. tem-se esforçado nos últimos anos por assegurar uma relativa independência política face a Moscovo e tem procurado aproximar-se dos partidos «liberais» do Ocidente europeu nomeadamente do italiano (6).

A manutenção de uma actividade constante nos meios operários permite-lhe dispor, face aos outros movimentos políticos da *Oposición*, de uma capacidade de manobra invejável. Ao mesmo tempo, o descomprometimento do P. C. E. em relação à U. R. S. S. conquistou, para os seus membros, possibilidades (relativas) de actuação pública e legal. Os manifestos e os abaixo-assinados periòdicamente endereçados à Presidência do Governo contam assim com assinaturas de elementos notòriamente ligados ao partido dirigido por Santiago Carrillo (7).

À esquerda do P. C. E. surgiram, após a agudização do dissídio sino-soviético e a progressiva integração dos comunistas «ortodoxos» no seio amplo da *Oposición Democratica*, vários movimentos e grupúsculos.

A história desta (embrionária) extrema-esquerda espanhola seria longa. Conduzir-nos-ia, porém, para lá dos objectivos deste artigo: É da *Oposición Democratica*, empenhada na construção de uma democracia de tipo ocidental em Espanha que aqui se fala. Nesta O. D., o P. C. E. está já inequìvocamente embarcado: É essa via «europeia» que os grupos ditos maoistas, ditos trotskistas, ditos leninistas, ditos castristas, ditos guevaristas, recusam. Mas isso é já uma outra história.

---

(1) — **Oposición** cujos membros fazem questão em distinguir da oposição ao actual Governo existente no interior do regime e formada fundamentalmente pelos carlistas e pelos falangistas incondicionais.

(2) — Nomeadamente o «Nuevo Diário», quotidiano oficioso da Opus.

(3) — Todas elas pertencentes ao grupo social que venceu a guerra civil em 39 dizia recente (e melancólicamente) um liberal madrileno...

(4) — Paramos é o pequeno porto catalão onde Jimenez passa as suas férias. O «Manifiesto» redigido pelo seu punho e por ele assinado foi publicado nos «Cuadernos par el Diálogo»; não exprime porém apenas o seu pensamento mas o de um largo sector da sociedade espanhola — advertem os seus correligionários.

(5) — «À direita» de Jimenez encontra-se o grupo (também) demo-cristão de Gil-Ribles, que foi o primeiro-ministro da República e que apoiou Franco durante a guerra civil. Após o triunfo nacionalista, Robles incompatibilizou-se com Franco e exilou-se. No início dos anos 60 regressou Espanha.

(6) — Denunciou, por exemplo, a invasão da Checoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia e afirmou a sua simpatia pela «Primavera» de Dubcek. Manteve uma (prudente) atitude crítica na última conferência dos partidos comunistas, efectuada em Moscovo em Junho de 68.

(7) — O Comité Central e o secretariado-geral do P. C. E. actuam, evidentemente, a partir do exterior, e os seus membros principais deixaram, há longos anos, a Espanha de Franco.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ECOS

A própria contestação, na sociedade de consumo, se tornou já em objecto de consumo corrente. Na medida em que, nos países industrialmente desenvolvidos, acaba por afectar todas as camadas sociais, a contestação, em vez de somar os seus efeitos repetidos, neutraliza-se a si própria. Jacques Julliard, num importante artigo sobre deslocações do campo político, que o **Nouvel Observateur** publica, constata esse facto, mas chama também a atenção para um certo descrédito da mediação parlamentar em França, que teria levado à situação de Maio-68, com o entendimento directo do Governo e dos grupos sociais. Diz Jacques Julliard: «A política busca hoje outro terreno onde instalar-se: particularmente nos locais de trabalho, onde se desenvolve já a acção social. É significativo que um partido como o P. S. U. (Partido Socialista Unificado) representativo das tendências novas, apontadas, privilegia a acção social na base em relação às negociações de estado-maior e às suas implicações parlamentares directas. Talvez, através destas formas balbuciantes, mas à custa de grandes riscos para a liberdade, entremos na era da democracia de massa.»

★

O súbito envelhecimento das técnicas implica o envelhecimento das aptidões e qualificações. Assim acontece que muitos especialistas e trabalhadores de quarenta ou quarenta e cinco anos, e por vezes até de trinta e cinco ou trinta, se encontram profissionalmente envelhecidos em domínios onde as técnicas evoluem muito depressa. O resto da vida activa destes homens é um longo declínio, com o risco do próprio desemprego. A formação deste novo proletariado rejeitado pelo progresso só pode evitar-se por meio da educação permanente. Aliás, também os jovens correm perigos quase análogos na medida em que a sua formação não corresponda às necessidades técnicas da economia dos respectivos países. Entre nós há já «ilhas» de sociedade industrial onde este tipo de problemas também se desenha.

★

PARA Husserl toda a consciência é consciência de alguma coisa. Para Leibniz, cujo pensamento António Borges Coelho perscruta, analisa e torna claro no seu inteligente e pedagógico estudo, agora aparecido na Colecção «Razão e Diálogo», ser pensante é já «ser com», ser de companhia. Ser pensante é afirmar o Universo e negar o solipsismo.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O ELOGIO DA SEDENTARIEDADE

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O dia de hoje não existe. Há ontem e amanhã. Hoje, agora, é uma simples paragem na fronteira para verificação de passaportes. Estávamos parados e já não. Não nos é possível tocar o passado mesmo ao de leve, por mais que estendamos os braços ou apuremos a memória. O invisível comboio já nos leva.

Pois é precisamente agora, neste tempo mais do que nunca, inquieto e fugídio, tempo de aviões a jacto e foguetões, que constantemente se faz o elogio da sedentariedade. Compensação? Necessidade de se ser tranquilizado? Relax urgente?

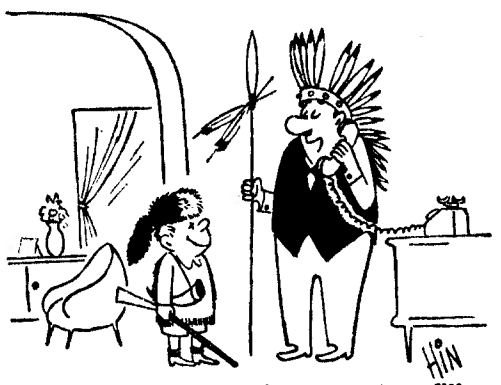
Basta folhearmos uns tantos jornais e uns tantos magazines, basta, enfim, atentar para a publicidade, e logo nos damos conta dessa chamada á quietude confortável de um bom «fauteuil» terrestre ou mesmo aéreo. As fotos são sempre sugestivas. O Homem, subitamente pachá-1970 está em sua casa a fumar um bom cigarro, a beber um bom «cognac», a estudar uma língua em três meses com os melhores professores do país escolhido. Não é formidável? Está também, claro, a caminho de qualquer lugar.

Ei-lo no seu carro, por exemplo, mas tão confortàvelmente instalado que é como se o seu próprio «fauteuil» corresse a cento e muitos quilómetros. Há quem diga com humor — com humor? — que ele, o Homem, acabará um dia por não ter pés, de tão desnecessários que são a um «transportado». Tenho aqui, pois, num magazine, um homem supercómodamente instalado no seu carro, outro no avião, outro no comboio. Este ultimo tem uma revista aberta sobre os joelhos, um cigarro entre os dedos (não digo a marca porque sou contra a publicidade aos cigarros), mais adiante um copo e uma garrafa. Tem uma expressão de total beatitude.

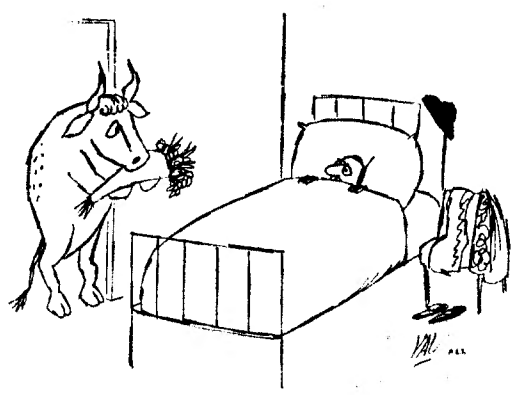
Estamos pois na época veloz mas superconfortável do Homem sedentário a 120, 160 e muitos mais quilómetros á hora. Claro que ainda há quem ande de eléctrico, de autocarro, e até, se formos ás ultimas consequências, de carroça. Coisas. Sedentários modestos, sem poder de compra (ou de aluguer), sempre os houve e há-de haver, digamos desde já. Melhor, há quem diga.

Entretanto, a Televisão vai contentando gregos e troianos, obrigando ricos e pobres, sedentários velozes durante o dia, e sedentários parados ou quase, a confraternizar á noite, diante do pequeno «écran». Todos eles atentos, macambuzios, solenes e calados.

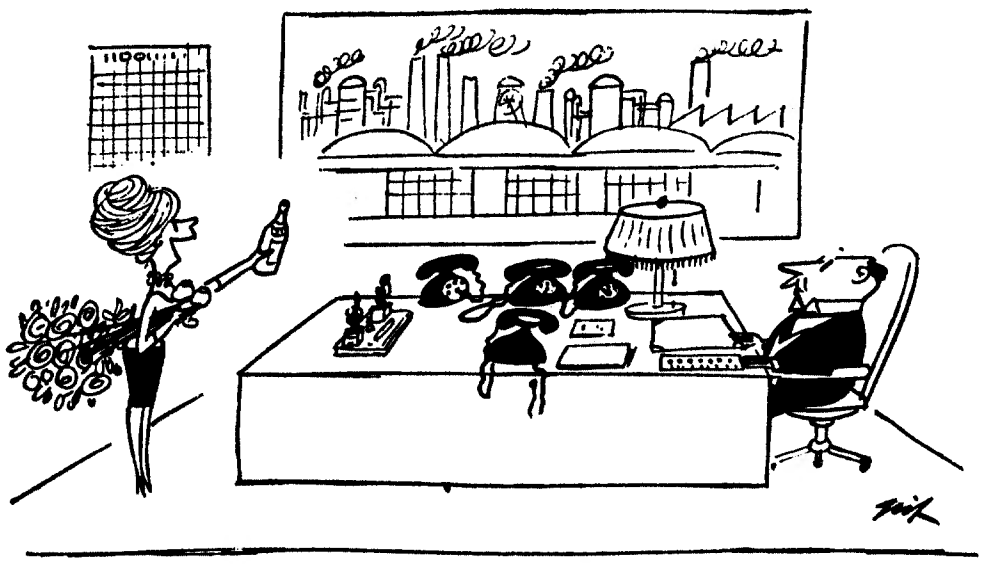
Senhores telespectadores, silêncio!



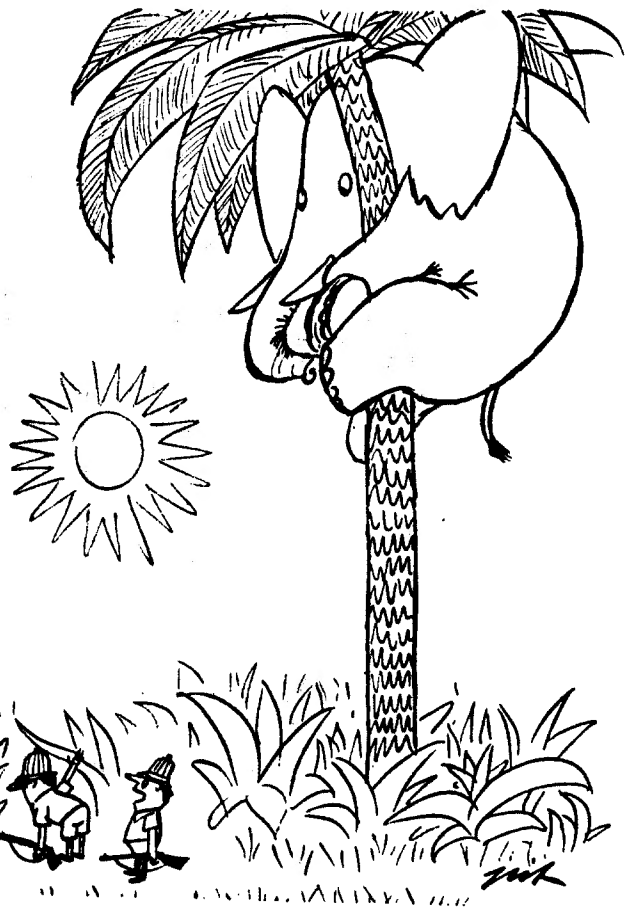
— Alô, Chico! Podes vir com os teus filhos: nós já estamos preparados.



— Com as minhas desculpas...



— Senhor director: faz hoje 25 anos que fui aumentada! Vamos comemorar?



— Ele há-de aparecer — e eu caio-lhe em cima...

O «RALLYE» DE MONTE CARLO

PARA NICOLAS A ESPERANÇA ERA A NEVE

MONTE CARLO, 22 — (A. N. I.)—O sueco Bjorne Waldegaard, em «Porsche» está á frente dos 83 veículos que «sobreviveram» á segunda fase do rallye de Monte-Carlo que ontem terminou, e parece disposto a repetir a sua vitória do ano passado.

O único rival dos três carros da equipa «Porsche», que se encontram oficialmente em primeiro, terceiro e quarto lugares, foi o francês Jean-Pierre Nicolas, que conduz o último dos quatro «Renault-Alpine». Colocou-se, efectivamente, no segundo posto, com mais 1 minuto e 52 segundos que o sueco.

Em quinta posição classificou-se o finlandês Simo Lampinen, em «Lancia», e em sexto o inglês Roger Clark, em «Ford Escort».

A terceira fase do rallye, efectuada ontem, e que foi decisiva, «presenteou» os sobreviventes com sete tortuosos desfiladeiros, na montanha, e mais de quatrocentas curvas em caracol, nos Alpes, acima do principado.

A equipa da «Porsche», desejosa de recuperar a formação 1-2-3 que detinha no início, deu ordens ao terceiro classificado, o francês Gerard Larousse, e ao quarto, o sueco Ake Andersson, para que «apertassem» com Nicolas.

Muitos observadores acreditam que o rallye dependerá das condições da estrada, nesta fase final. Na maioria, as estradas estão secas, favorecendo desse modo os «Porsche» de 2200 centímetros cúbicos, que tiveram possibilidade de utilizar a sua maior potência.

Nicolas declarou:

«Acho que Waldegaard já tem o triunfo assegurado... Mas, se nevar, talvez possamos ainda fazer qualquer coisa.»

Waldegaard seguiu na posição cimeira do primeiro ao último dos contra-relógios especiais que constituiam a segunda fase do rallye, numa extensão de 1516 quilómetros, do Mónaco a Chambery e volta.

Apenas 83 dos 155 concorrentes que iniciaram a segunda fase, «sobreviveram» á difícil prova de condução até Chambeny e volta.

O acidente mais sério da competição verificou-se na noite de terça-feira, um «Hillman Imp» inglês, conduzido pelo grego Antoin Baozovits, despenhou-se ao descer uma colina, ficando gravemente feridos Baozovits e o seu companheiro, Michael Ghiolman.

Ghiolman declarou á UPI, no hospital de Priva, 170 quilómetros a sul de Chambery, que a vida de ambos fora salva por duas concorrentes inglesas, Pat Ozane e Pat Wright, que viram as luzes e pararam para lhes prestar auxílio.

Ozane e Wright desistiram da competição, no seu «Mini-Cooper», para auxiliarem os dois automobilistas, e perderam assim a possibilidade de ganharem o prémio destinado ás senhoras

O condutor da «Fórmula um» Vic Elford, vencedor de 1968 e *leader* até á ultima fase no ano pasado, teve pouca sorte. O seu «Toyota» japonês embateu num muro e, embora o condutor, que tem 36 anos, tenha insistido em continuar, foi obrigado a desistir, devido aos estragos causados pelo acidente.

Os condutores da «Porsche» contaram uma estranha história á sua chegada. Os três carros tiveram, no mesmo troço, furos idênticos. O *leader*, Waldegaard, conduziu a toda a velocidade, com um pneu vazio, para chegar ao ponto de controle sem perder tempo.

As classificções provisórias só serão conhecidas hoje ao fim da tarde.

Prof. Borralho da Graça

Retirado do Tejo um automóvel

cujo ocupante estava morto

No cais da Matinha, em frente á Fábrica de Material de Guerra, foi descoberto, pouco depois das nove da manhã, um automóvel que se encontrava submerso no Tejo.

Deu o alarme o sr. José António Guerreiro, ajudante de motorista, quando se deslocava em serviço numa camioneta pertencente á fábrica de Concentrados Alvalade-Sado

Disse-nos:

— *Dei conta que qualquer coisa brilhava na água e disse ao motorista que parasse. Fomos ver e lá estava um automóvel. Só se via o «capot». Deviam ser nove e um quarto.*

O alarme foi imediatamente dado e prontamente compareceram no local viaturas do Batalhão de Sapadores Bombeiros que, tinham pedido a comparência de uma ambulancia dos Bombeiros Voluntários dos Olivais, que chegou pouco depois. Tinha-se entretanto descoberto a matrícula do carro e via-se que no automóvel se encontrava uma pessoa.

Devido ao lodo onde o carro estava enterrado e á água do rio, que começava a subir, dois mergulhadores, embora com grande dificuldade, conseguiram ligar o automóvel a um guincho.

Os trabalhos prosseguiram dirigidos pelo chefe Loureiro e foi só ás onze e quinze que o carro foi içado para o cais, com a ajuda dos sapadores bombeiros e bastantes populares, uma vez que o guincho era manual e a posição do carro, cheio de água, dificultava as manobras.

O automovel era um Morris 850, verde-escuro, com o numero de matrícula LB-62-10. No «tablier» uma placa com o nome de Armando Alves Lobo, morador na R. Nunes dos Santos, 13, em S. Pedro do Estoril. O cadáver que se encontrava na viatura era de um indivíduo de meia-idade, vestido com um fato castanho, e com gabardine e luvas. Tinha no pulso esquerdo um relógio cujo mostrador indicava as doze e dez hora aproximada a que se presume tenha acontecido o acidente. Também no «tablier» se encontravam outras placas com um esmalte de uma criança e de uma senhora de idade.

É natural que o desastre tenha ocorrido ontem á noite e a sua causa possível tenha sido o espesso nevoeiro que cobriu toda a cidade.

Novo professor extraordinário de farmácia

Na reitoria da Universidade de Lisboa terminou esta manhã concurso para provimento de um lugar de professor extraordinário de História Natural e Farmácia (2.º grupo) da Faculdade de Farmácia, a que se apresentou o sr. doutor João Adriano Borralho da Graça. Esta ultima prova presidido pelo reitor da Universidade de Lisboa, prof. dr. Carvalho Barreira e constituído pelos profs. Manuel Pinheiro Nunes e Joaquim Mendes Ribeiro, jubilados, de Lisboa, Ramos Bandeira, Fernandes Costa e Cardoso do Vale, de Coimbra, e constou da apreciação e discussão dos trabalhos científicos do candidato, tendo sido arguentes os prof. Cardoso do Vale e Mendes Ribeiro.

Em seguida reuniu-se o juri, Correia da Silva, Nogueira Prista e Correia Alves, do Porto, além de todos os professores em exercício da Faculdade de Farmácia de Lisboa.

O juri deliberou aprovar o candidato.

///

A folha oficial publicou uma declaração do Ministério do Ultramar pela qual é reconhecida como corporação missionária a Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal.

LOTAÇÕES ULTRAPASSADAS NA LINHA LISBOA-CASCAIS

Esta manhã, o comboio n.º 312 da linha Lisboa-Cascais-Lisboa, que deveria chegar ao Cais do Sodré ás 8 e 24, apenas entrou na linha n.º 4 daquela estação ás 8 e 43.

Razão do atraso? A principal estava bem á vista: na 1.ª carruagem, para além da lotação oficialmente estabelecida, viajaram — contados um a um por um repórter do «Diário de Lisboa» — mais 171 passageiros, numa autêntica «pilha» humana que obrigou a porta dianteira direita da composição a estar aberta desde Algés ao Cais do Sodré, impedindo ao revisor qualquer intervenção. Aliás, seria impossível fechar a porta: três passageiros estavam ali, pé á frente e pé atrás, arriscando (positivamente) a vida em cada metro da lenta progressão do comboio.

Vários (e contínuos) foram os comentários de desagrado dos utentes da «linha» que, com razão, encaram apreensivamente a possibilidade de um acidente de irremediáveis consequências.

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

A SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO: «Os Homens de Las Vegas» (The Came to Rob Las Vegas)

REALIZAÇÃO: António Isasi Isasmendi, 1968 (co-produção espano-ítalo-franco-alemã).
INTÉRPRETES: Gary Lockwood, Elke Sommer, Lee J. Cobb, Jack Palance, Georges Geret, Jean Servais e Roger Hanin.

É extremamente curioso surpreender alguns dos aspectos dominantes da produção cinematográfica de raiz comercial nas áreas abrangidas pelos mercados americano e europeu. Assim, enquanto os estúdios ianques procuram desesperadamente a fórmula ideal de um super-espectáculo, que seja, simultaneamente, uma mescla de géneros e de estilos os europeus enveredaram por um outro caminho, explorando, sistemàticamente, filão após filão, os diversos géneros que anos atrás fizeram parte da glória de Hollywood. Após os *westerns* made in Itália, os filmes de guerra; depois destes, o policial negro e o musical, agora o *hold up*. «Os Homens de Las Vegas» que Isasi Isasmendi foi rodar ao E. U. A., em 1968, dividido entre a fotogenia de São Francisco e Las Vegas, é a história de mais um roubo audacioso praticado por uma

(Continua na 7.ª página)

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

HOJE e todas as noites, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO: «matinée» às 16 horas

ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO
2.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!

RIA COM
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO
À frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional

A escultural ELOINA em «Telefone de luxo»

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Teatro Maria Matos

BREVEMENTE
Em teatralização de Stau Monteiro e Artur Ramos
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
Uma nova produção de IGREJAS CAEIRO
(ADULTOS)

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

"UM DOS MELHORES ESPECTÁCULOS DA HISTÓRIA DO CINEMA"
(Motion Picture Herald)

SWEET CHARITY
a rapariga que queria ser amada

Shirley MacLaine

SAMMY DAVIS, JR. · JOHN McMARTIN · CHITA RIVERA · PAULA KELLY · STUBBY KAYE · RICARDO MONTALBAN
Realização e coreografia de BOB FOSSE · Música de CY COLEMAN · Baseado na obra de FEDERICO FELLINI "AS NOITES DE CABÍRIA" – TECHNICOLOR

SELECCIONADO PARA INAUGURAR O FESTIVAL DE CANNES DE 1969

HOJE ESTREIA
EM LISBOA
MUNDIAL
VOX
Adultos
NO PORTO
TRINDADE e S. JOÃO

EASTMANCOLOUR

Adultos

MEIAS PRETAS

COM:

SUSAN GEORGE VICTOR HENRY JACK SHEPHERD

PROD. LEON CLORE REAL. CHRISTOPHER MORAHAN

ELE FICOU PRESO AQUELE PAR DE MEIAS PRETAS QUE SE MOSTRAVAM POR BAIXO DA MESA. JUROU LOGO A SI PRÓPRIO QUE A «GAROTA» SERIA SUA, QUER O QUISESSE OU NÃO!

HOJE

GRANDE — ESTREIA

ÀS 21.45

NO EDEN

COMEÇA AMANHÃ

A TEMPORADA DE ÓPERA DO TEATRO SÃO CARLOS

Como foi já anunciado, o Teatro Nacional inaugura amanhã, ás 21 e 15, a Temporada Oficial de Ópera de 1970. Para a récita inaugural, foi escolhida uma das mais representativas obras do teatro lírico contemporaneo: a «Ariana em Naxos», do grande compositor Richard Strauss.

Considerada uma das mais belas obras daquele compositor, a ópera «Ariana em Naxos» será interpretada por um elenco de grandes cantores de carreira internacional entre os quais se destacam: Theresa Stich Randall, Bella Jasper, Irmgard Stadler, Rugene Tobin, Heribert Steinbach e Andreas Angrelli que se encarregam dos principais papéis. Dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional o maestro Friedrich Pleyer e é regista Karlheinz Haberland.

A Temporada de ópera de 1970 prolongar-se-á até Abril, apresentando as seguintes óperas: «Tannhauser», de R. Wagner, «Penélope», de Sousa Carvalho, «Os Contos de Hoffmann», de Offenbach, «Os Diálogos das Carmelitas», de F. Poulenc, «Falstaff» e «Ernani», de Verdi, «Lucia de Lammermoor», de Donizetti e «La Bohême», de Puccini.

VILLARET EVOCADO

No Cinema S. Jorge efectuou-se ontem o VI Recital de Poesia evocativa de João Villaret, durante o qual foram ouvidos poemas de Pessoa e de José Régio.

A sessão (comemorativa do aniversário da morte do actor) teve o patrocínio do «Diário de Notícias» e foi possível graças á cedência de gravações pertencentes aos arquivos da R. T. P., David Mourão Ferreira fez um breve comentário em que se referiu aos dois poetas e ao espantoso declamador.

A receita integral destina-se á Cruz Vermelha

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

DOMINGO, 25 DE JANEIRO, ÀS 11,00 HORAS DA MANHÃ

Concerto pela

BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONISIO

PROGRAMA

ABERTURA FESTIVA (op. 96) — CHOSTAKOVITCH ● CONCERTO em Dó Maior para duas TROMBETAS — VIVALDI ● OS PLANETAS — HOLST (1.ª Audição pela Banda) ● ARCO IRIS — Fantasia Popular — DUARTE FERREIRA ● LA REVOLTOSA — Preludio da Zarzuela — CHAPI ● CAPRICHO ESPANHOL — RIMSKY-KORSAKOW

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje

Maiores de 6 anos

Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

CAPITÓLIO

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

A MAGNIFICA PEÇA DE ROMEU CORREIA

«O CRAVO ESPANHOL»

Realização de PEDRO LEMOS

Cenários de LUÍS SUAREZ

(M. 17 anos) Tel. 32 03 79

Sábado e Domingo tarde às 16 horas

SINTRA ESPERA O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

COLISEU

HOJE, às 21.30

(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970

As maiores atracções

Números de sensação

SÁBADO

À TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos

À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

10.ª SENSACIONAL SEMANA!

A MANEIRA GENIAL DE UM HOMEM SEPARAR-SE DA SUA CONSORTE, É O SEGREDO DO

DIVÓRCIO À ITALIANA

MARCELLO MASTROIANI

NA MAGISTRAL COMÉDIA DE PIETRO GERMI

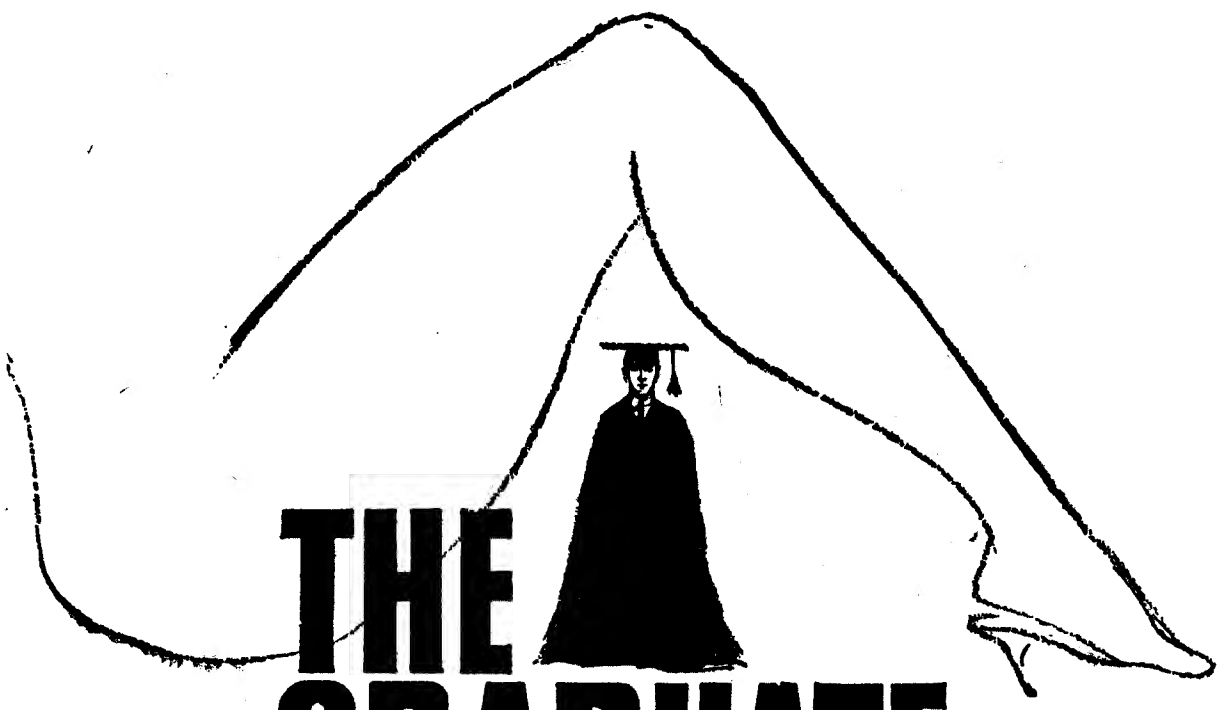
ADULTOS

TALMA FILMES

OSCAR PARA O MELHOR REALIZADOR

MIKE NICHOLS

UMA PEDRADA NO CHARCO DA HIPOCRISIA!



THE GRADUATE

A PRIMEIRA NOITE

ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

2.ª SEMANA NO SÃO JORGE

Imagem de «O Salto», filme polémico de Christian Chalonge que inaugura o ciclo «A Responsabilidade na Vida»

FILMES DE QUALIDADE
(QUINZENALMENTE, AOS DOMINGOS)
NO CINEMA SÃO JORGE

• No próximo domingo às 11 horas: «O Salto»

Atento ao crescente interesse do publico por um «cinema de qualidade», o cinema São Jorge inicia no próximo domingo, ás 11 horas, uma nova modalidade de espectáculos, concebida em moldes inéditos.

Com estas sessões (que serão quinzenais e têm o patrocínio do Cine Clube Católico) pretende o cinema São Jorge contribuir para promover a divulgação de obras cinematográficas de alto nível, dando assim, uma oportunidade aos que nunca as viram e aos que gostariam de revê-las.

Dentro desta orientação, as sessões são facultadas a preço acessível a todo o publico, sendo a entrada gratuita para os sócios do Cine Clube Católico.

A iniciar esta nova modalidade de espectáculos, o cinema São Jorge vai apresentar uma série de quatro filmes subordinada ao tema geral «Responsabilidade na Vida»: «O Salto» (A responsabilidade na promoção humana); «Um Homem para a Eternidade» (A responsabilidade na justiça); «No Calor da Noite» (A responsabilidade na imposição da Lei); «A Palavra» (A responsabilidade na opção).

Trata-se, como se vê, de importantes obras da «7.ª Arte» assinadas por Christian Chalonge, Fred Zimemann, Norman Jewison e Carl Tr. Dreyer, que o Cinema São Jorge vai proporcionar, neste primeiro ciclo de «cinema de qualidade» que apenas pretende colaborar no alargamento dos conhecimentos cinematográficos não só dos cine-clubistas, mas também do publico em geral.

As sessões realizam-se, como se disse, quinzenalmente, e iniciam-se no domingo, ás 11 horas, com «O Salto». Os bilhetes estão já á venda nas bilheteiras do cinema São Jorge.

VASCO MORGADO apresenta
SÓ PARA ADULTOS

HOJE, às 21 h. e às 23 horas

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

IO APOLONI, ARTUR e RAUL no momento da peça em que o vison voa e deixa IO nesta «alegre figura»

A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e a colaboração de Maria Paula

UMAGARGALHADAPEGADA!

• Hoje, às 20,45 e 23 horas

EM TRIUNFAL 4.º MÊS, A COLOSSAL REVISTA

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

• ESPERTEZA SALOIA

O triunfo de um óptimo elenco, com:

● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL

● VÍTOR MENDES ● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA

E AS ATRACÇÕES:

● HELENA TAVARES e «THE MELODIES»

À frente de uma grande companhia

HELENA TAVARES no «Fado»

● DOMINGO: «MATINÉE», ÀS 16 H.

Atrás do Reposteiro

- *A actriz Clarisse Belo deve participar na próxima peça a apresentar pelo Teatro Popular de Luanda.*
- *No Teatro Laura Alves vai principiar a ser ensaiada uma peça de um autor espanhol ainda sem título em português.*
- *Helena Cardinali deve participar na próxima revista do Variedades e da qual será primeira figura a actriz Florbela Queirós.*
- *A nova revista do Capitólio vai ser encenada pelo artista Luca de Tena.*

Quatro novas interpretações de Nuno de Aguiar foram reunidas num 45 rotações para a «Estudio». Trata-se das composições «Um fado nasceu comigo» (de Jorge Canede-Jorge Rosa), «Noiva do Tejo» (Carlos Conde), «A morte baixou os olhos» (Jorge Canede-Vasco Lima Couto) e «Não passo bem a noite» (Álvaro Martins). Os acompanhamentos pertencem a Carlos Gonçalves e Jorge Canede (guitarristas), prof. Martinho da Assunção e Liberto Conde (violistas)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

quadrilha de modernos tecnocratas do crime, reunidos especialmente para o efeito.

Na América já se haviam dirigido dezenas de obras idênticas («Os 7 Ladrões», por exemplo) e na Europa também (entre muitos outros «Rififi», «Melodie en Sons-Sol», etc.). «Os Homens de Las Vegas» é mais um título a acrescentar á lista. Sem o ritmo dos melhores americanos, sem os prolongamentos psicológicos de alguns europeus anteriores, o filme de Antonio Isasi Isasmendi é, no entanto, um bom divertimento, cozinhado para agradar ao público e, até, com certa inteligência na elaboração de um argumento compósito, feito de conotações várias, de pistas que se entrelaçam, de perseguidores que se neutralizam... até á vitória final do bem sobre o mal (como é óbvio!).

Para além disto, *os Homens de Las Vegas* demonstram uma certa desenvoltura escrita assinalável. Sem pontos mortos, nem grandes malabarismos, tudo roda sobre esferas nesta fita que põe frente a frente duas mentalidades de criminosos, prefigurados pelos irmãos Tony e Gino. Jean Servais, saído dos anos 50, atira-se com impotência e raiva contra o carro blindado dos seus sonhos, utilizando um *instalaza* (de fabrico espanhol). Gary Lockwood, vindo de *2001: Odisseia no Espaço*, defronta os computadores que dominam a década com armas bem mais adaptadas ás circunstâncias. Para além disto, haverá que referir a crueza e a eficácia de todo o plano arquitectado para o roubo do ouro (que deixa pelo caminho muitos cadáveres inoportunos) e que só é comparável á eficácia narrativa do estilo de Isasmendi. Ambos têm em mente uma finalidade muito específica, ambos a procuram por todos os caminhos ao seu alcance. Teremos de concordar que Isasmendi (de quem já havíamos visto uma *Operação Istambul* — Estambul 65 muito movimentada e bem construída) sabe do seu ofício que, pelos vistos, é um «ofício de matar».

Entre os intérpretes, um conjunto de actores que sabe bem rever: Jack Pallance, que não é bandido, mas sim inspector da polícia que conduz a investigação; Lee J. Cobb, que não é polícia, mas sim um dos traficantes e certamente o mais comprometedor (curiosa, portanto, a troca de lugares operada entre Pallance e Lee J. Cobb que em certos aspectos se parodiam a si próprios); Jean Servais abre a fita e abre-a com chave de ouro numa sequência de pré-genérico que fica como uma das melhores desta película; Roger Hanin que aparece e desaparece com o seu ar de *tigre*; Elke Sommer, de generoso decote (e que mais se lhe pode pedir?); e, finalmente, Gary Lockwood, o crónico adversário dos computadores que ainda aqui perde a jogada, se bem que vá subindo na hierarquia dos novos valores de cinema americano.

Resumindo: um bom espectáculo, bem condimentado, melhor cozinhado. Que isto tem pouco a ver com o cinema-cinema é verdade. Mas, nem só de pão vive o homem e Isasmendi sabe-o muito bem.

LAURO ANTÓNIO

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

CECILE DEVILE

VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

GALLI GALLI
grande nome do ilusionismo mundial

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITICA

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wander bar à 1.00h m/21 anos

Às 17 e 21.30

O HOMEM QUE MATOU BILLY THE KID

M/ 12 anos

Um aspecto da mesa que presidiu á reunião de concessionários da firma J. J. Gonçalves, Sucrs. Com. e Ind. SARL

REUNIÃO DE CONCESSIONÁRIOS DE AGÊNCIA DE J. J. GONÇALVES, SUCRS. COM. E IND. SARL

Com a presença da administração, realizou-se a reunião anual dos concessionários de agência da empresa J. J. Gonçalves Sucrs, Com. e Ind. S.A.R.L., no Hotel Palácio, do Estoril.

Num ambiente de agradável convívio, foram tratados vários problemas de interesse comum e que naturalmente constituiram o objectivo principal. Previsões, política de vendas e planos de acção foram os assuntos visados.

Usaram da palavra os srs. Mário Gonçalves e eng. Carlos Fernando Gonçalves, administradores da empresa que, respectivamente, abriram e encerraram a sessão e os srs. Francisco Mata e Rui Ferreira, directores de Divisão. Entre as afirmações que foram feitas incluiu-se a seguinte: J. J. Gonçalves Sucrs, Com. e Ind. S.A.R.L., tem por lema servir o público, o que significa dar ao público aquilo que ele pretende, portanto bons produtos, bons serviços e boa assistência — tem sido o respeito por este princípio que levou à preferência dos clientes pela empresa, justificando-se assim a dimensão que ela actualmente atingiu.

Durante a tarde, assistiu-se à projecção de filmes de interesse geral, no fim dos quais foi servido um «cocktail» aos concessionários de agência e a alguns convidados.

ora diga-nos...

— Já viste algum ministro?

MINISTRO, s. m. **(do lat.** ministru —). **Aquele que serve de intermediário para se executar qualquer coisa; medianeiro, executor: «Diz o texto, que sobre estar Crieto na cruz, veio um** ministro **do mundo, e lhe meteu a lança pelo peito», António Vieira,** Sermões **(Dicionário de Morais). E o que dizem as crianças?**

● *Fausto Gonçalves Mateus, aluno da Escola Primária n.º 93, nove anos, diz-nos:*

— Já.

— E onde?

— Foi há muito tempo. Já não me lembro.

— E tu sabes o que é um ministro?

— Um ministro... Não, não sei.

● *Jaime Magalhães, também aluno da Escola Primária n.º 93, 11 anos espigadotes, adianta-se a dizer que quer falar:*

— Já, sim, senhor!

— ...

— Já vi na Televisão.

— E sabes o que é um ministro?

— É um do Estado.

● *Outro aluno da Escola Primária n.º 93, Vitor Hugo Godinho, de 12 anos, saí do grupo para dizer que:*

— Já, já!

— ...

— Já vi ministros na televisão. E vi as fotografias deles nos jornais.

BOLSAS DE ESTUDO DA NATO

Sob o patrocínio do Comité Científico da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) vai entrar em execução o 12.º ano do programa de bolsas de estudo, a que poderão concorrer todos os licenciados com interesse pela investigação científica que pretendam realizar trabalhos ou prosseguir os seus estudos nos domínios de Matemática, Física, Química, Biologia, Engenharia e Medicina não clínica.

Os pedidos de bolsas, a formular em impresso próprio, deverão ser apresentados ou enviados à Comissão Coordenadora da Investigação Para a OTAN (INVOTAN), até ao dia 15 de Fevereiro.

Quaisquer informações poderão ser solicitadas ao Secretariado da Comissão, pessoalmente, por escrito ou pelos telefones 56 10 61, 56 10 62 e 56 10 63, na Rua Barata Salgueiro, 28, 2.º, em Lisboa.

Concurso de tradução do Instituto Alemão

Foram tornados públicos os nomes dos premiados no concurso de tradução promovido, na recente quadra de Natal, pelo Instituto Alemão. O primeiro, segundo e terceiro lugar couberam, respectivamente, a João Henriques, padre António Fernandes e Maria da Graça Simeão.

Novos corpos gerentes do ABC Cine-Clube de Lisboa

Na S. N. de Belas-Artes realizou-se a eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, ficando assim constituído o novo elenco directivo:

Assembleia Geral: Presidente, Artur Ramos, 1.º secretário, Luís Fortuna de Carvalho, 2.º secretário, Raul Boaventura.

Direcção: Presidente, Lauro António, vice-presidente, Aida Maria Reis da Mata, 1.º secretário, Aldina Dias Pereiro, 2.º secretário, Lília Diná Leitão, tesoureiro, João Artur Braz, vogais, Helena Campelo Lobo e Maria Natividade Afonso.

Conselho Fiscal: Presidente, Ramiro Ramos Costa, secretário, José Julio Abreu, relator, Rafael Ferreira de Almeida.

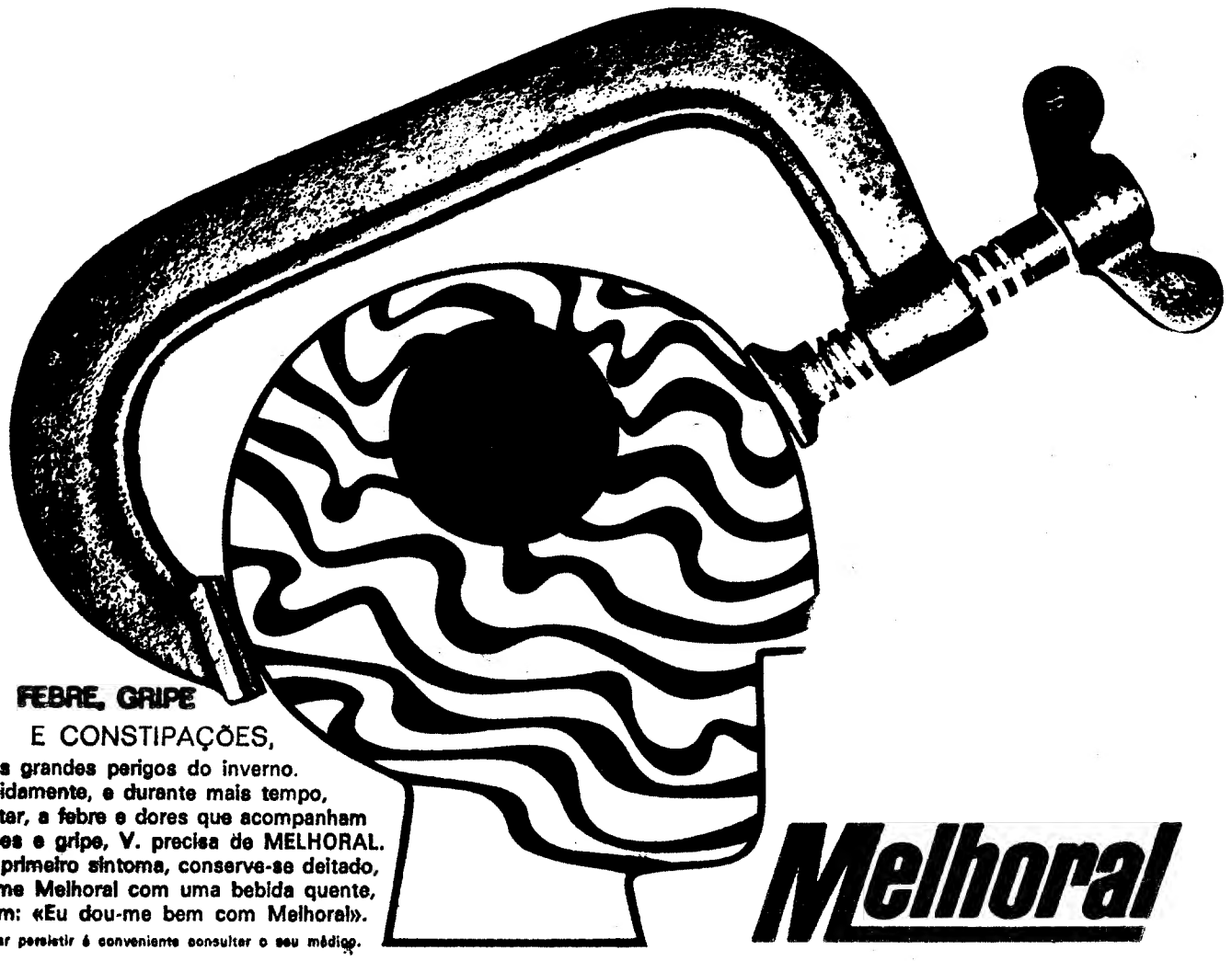
Exposição de livros ingleses para crianças

Organizada pelo British Council, e com o patrocínio do Instituto Britânico em Portugal, é aberta esta tarde, ás 18 horas, na Galeria do Diário de Notícias, ao Chiado, uma «Exposição de Livros Ingleses para Crianças».

Constituída por uma selecção de mais de 600 obras, recentemente publicadas em Inglaterra e destinadas a crianças dos diversos grupos etários desde os 3 aos 12-13 anos, esta exposição tem por objectivo revelar não só a variedade e qualidade da produção inglesa de livros infantis, mas também dar a conhecer a nova geração de escritores e ilustradores britânicos deste género literário.

BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA
SECÇÃO N.º 3
TUDO PARA SENHORA
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



«DESEJO AS MELHORES RELAÇÕES ENTRE OS POVOS PORTUGUÊS E SUECO»

– AFIRMOU O NOVO CHEFE DO GOVERNO DA SUÉCIA AO «DIÁRIO DE LISBOA»

Em Estocolmo, defronte da minha mesa de almoço, no restaurante «Cattelin», da cidade velha, alguém, noutra mesa, oculto atrás das folhas desdobradas de um jornal da manhã, produzia uma estranha mescla de gargalhadas nasais e assobios aspirados, que, naturalmente, atraíu a minha observação. Estávamos apenas nós dois naquela acanhada sala de meia dúzia de mesas.

A minha curiosidade saciou-se quando, de ângulo difícil, se me deparou o rosto de uma figura já minha conhecida: Olof Palme, o jovem que, recentemente, me declarara a impossibilidade do primeiro-ministro Tage Erlander, de quem era secretário, conceder-me a entrevista que eu solicitara — e de cujo questionário constavam perguntas sobre Portugal, Angola e a posição oficial sueca...

Isto aconteceu, numa tarde cor de chumbo, á oito anos — mas, se eu fosse um Henrique Medina, seria capaz, ainda hoje, de pintar a cena daquele encontro no «Cattelin», cuja excentricidade ficou tão profundamente impressa na minha memória.

O primeiro-ministro mais jovem do mundo

Subitamente, estou de novo sentado diante de Olof Palme, agora chefe do Governo da Suécia — e, apesar de, entretanto, o ter voltado a encontrar vezes sem conta (ele nas mais diversas situações, eu sempre como jornalista) sinto-me, neste tão expressivo momento, transportado ao quadro de há oito anos passados. No «Cattelin»

A mesma fisionomia algo infantil, o mesmo corpo franzino, o mesmo cabelo em desalinho, o mesmo desajeitado nó da gravata, a mesma impaciência e os mesmos gestos nervosos...

Sven Olof Joachim Palme, de 42 anos (que parecem não chegar a 30), casado pela segunda vez (a primeira foi para ajudar uma estudante checa a fugir de Praga) é o primeiro-ministro mais jovem do Mundo.

Uma ascensão tão meteórica como inacreditável e inquietante. De secretário de Erlander, a ministro sem pasta, ministro das Comunicações, ministro da Educação e, finalmente, chefe do Governo — o cume que lhe ofereceu a unanimidade do congresso do Partido Social-Democrata, ao elegê-lo seu presidente. O topo conquistado por uma longa e famosa série de acções e palavras que, produzindo sucessivos choques psicológicos numa massa humana sonolenta e mecanicamente dirigida, o tornaram ídolo de um sector em que predomina um tipo de juventude irrequieta, arrogante, agressiva, cujo objectivo parece o de querer transformar a Suécia na consciência do Mundo, numa espécie de monopólio da verdade e da razão...

A relações diplomáticas com Portugal

Dias após a sua nomeação, Olof Palme reuniu-se com uma centena de jornalistas, incluindo vinte americanos (presença provocada pela «bomba» do auxílio financeiro sueco ao Vietnam do Norte, e cujos «estilhaços» estão a danificar a própria Suécia) tornam quase irrespirável a atmosfera excitante da longa sala de reuniões do Governo.

Todos tinham um ror de questões «incendiárias» a apresentar ao então neófito condutor dos destinos da Suécia. Este enfrenta-as corajosamente e desembaraça-se o melhor que pode, procurando não comprometer a face perante os seus partidários.

Mas, para mim, só conta Olof Palme, aquele que, como no «Cattelim», está sentado na minha frente, e ao qual atiro também as minhas perguntas «escaldantes»:

— Na sua última conferência de Imprensa (quando foi eleito chefe do seu partido) o senhor afirmou que a Suécia deseja manter relações amigáveis com todos os países com os quais possui ligações diplomáticas. Qual a coerência que encontra entre essa declaração e as relações actuais com Portugal?

A resposta surgiu directa:

— *Eu referi-me, especialmente, ás grandes potências mundiais. Disse, então, que um país como o nosso tem manifesto interesse nas boas relações com as maiores potências, por serem elas que, além de outros factores importantes, possuem, no mais alto grau, a chave do futuro da Humanidade, de problemas decisivos, como o desarmamento, a protecção atmosférica, etc.*

Acrescentando, depois de um breve olhar lateral:

— *Isto não obsta, porém, a que tenhamos opiniões divergentes de alguns países, com os quais mantemos relações diplomáticas, sobre certas questões fundamentais. Refiro-me, por exemplo, ao regime de ditadura militar da Grécia; ao regime da África do Sul, devido ás perseguições raciais; e nós não temos feito qualquer segredo da nossa posição negativa quanto ás restantes dominações colonialistas do tipo que Portugal exerce em Angola e Moçambique.*

«Nunca tivemos em Angola ou Moçambique qualquer delegação governamental»

Volto á «carga»: a decisão que determinou o apoio financeiro aos chamados «movimentos de libertação» de Moçambique e da Guiné Portuguesa é exclusivamente resultante dos contactos e informações desses grupos — ou o Governo e o Partido Socialista sueco possuem provas verdadeiras de que as próprias populações desses territórios querem, de facto, aceitar o género de liberdade que tais movimentos lhes pretendem impor?

Nota-se, claramente, que Olof Palme não esperava a pergunta, e tenta esgueirar-se-lhe. Fala da sua amizade pessoal com Eduardo Mondlane, que conheceu em 1949 nos Estados Unidos, quando organizou uma subscrição a favor de estudantes africanos que tinham sido privados das suas bolsas de estudo numa Universidade daquele país, um dos quais fora o assassinado pelo chefe do Frelimo.

Insisto numa resposta concreta:

— Está o Governo sueco, de facto, perfeitamente informado acerca da situação portuguesa em África? Algum representante qualificado do Governo sueco investigou devidamente, e recentemente, o problema no próprio local?

Reconheço não ser nada confortável a posição do novo chefe do Governo. Sente-se que não estava preparado para o tema:

— *De facto, nós nunca tivemos qualquer delegação governamental nas colónias portuguesas. Isto é verdade.*

Palme tem um significativo instante de meditação — e esclarece:

— *Mas temos podido receber, por outros meios, bastantes informações. Através das Nações Unidas, por exemplo. E a última vez que obtivemos informes muito pormenorizados foi durante a recente visita ao nosso país (aquando do congresso social-democrata, de que foi convidado) do presidente Julius Nyerere (da Tanzânia).*

Entrevista de CÉSAR FAUSTINO

Olof Palme com César Faustino

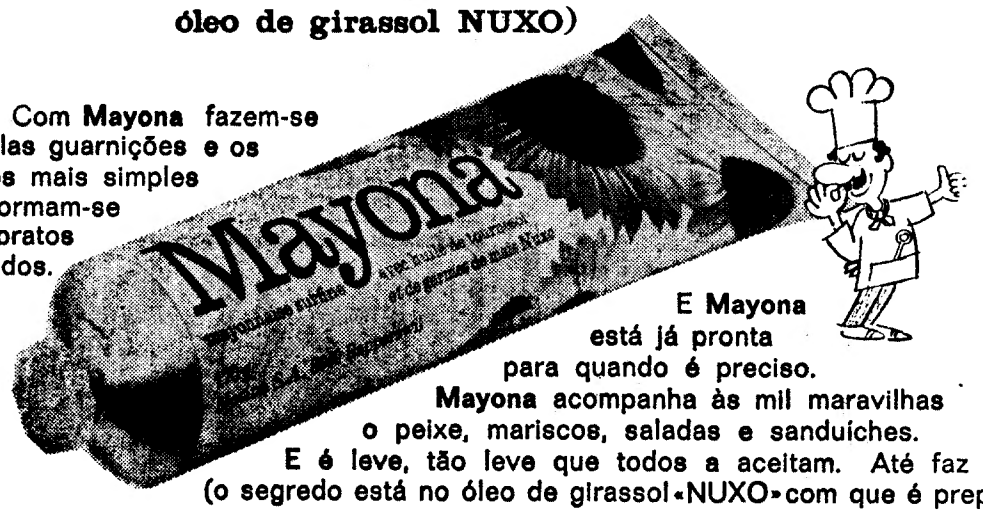
As pressões suecas dentro da EFTA

Frequentemente interrompido pelo «bombardeio» dos

(Continua na 16.ª página)

...e finalmente
Mayona
maionese deliciosa
e leve (não admira - é feita com
óleo de girassol NUXO)

Com Mayona fazem-se belas guarnições e os alimentos mais simples transformam-se em pratos requintados.



E Mayona está já pronta para quando é preciso.
Mayona acompanha às mil maravilhas o peixe, mariscos, saladas e sanduíches.
E é leve, tão leve que todos a aceitam. Até faz bem!
(o segredo está no óleo de girassol «NUXO» com que é preparada).

em tubos de 170 g • só nos bons estabelecimentos • distribuição Diesa

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

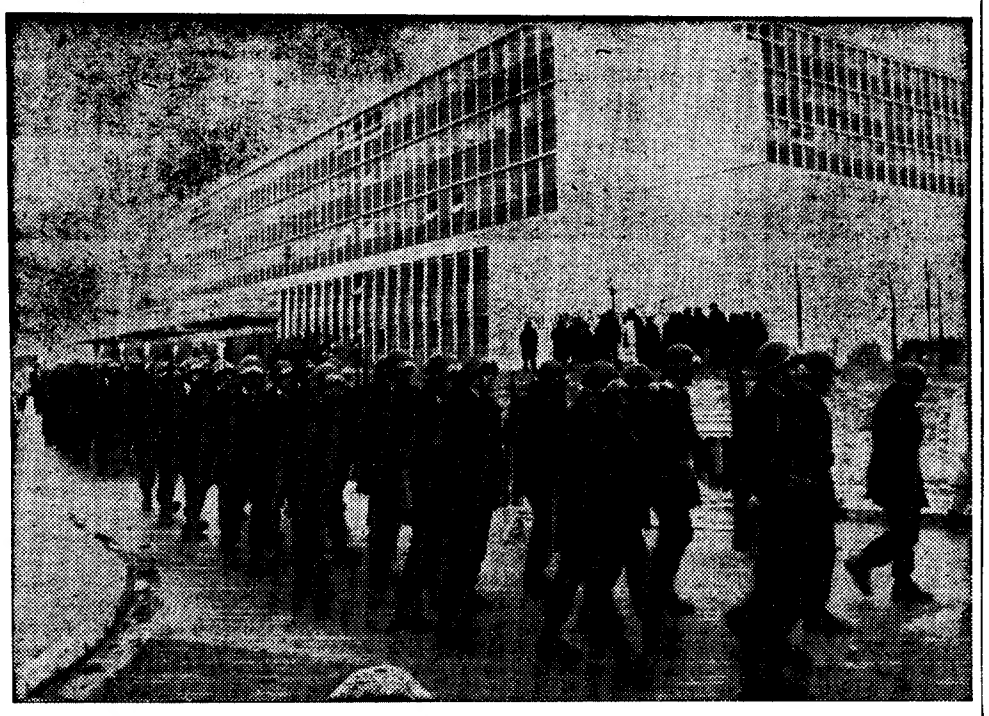
Suspeitos detidos em ligação com o assassínio de Yablonski

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — O F.B.I. anunciou ontem ter detido três homens acusados de serem responsáveis pela morte de Joseph Yablonski, membro da comissão executiva do Sindicato dos Mineiros das Estados Unidos, encontrado morto em sua casa com um tiro na nuca, juntamente com a sua mulher e a filha, no dia 5 de Janeiro.

OS JORNALISTAS PODERÃO DEIXAR PORT HARCOURT

LAGOS (Nigéria), 22 — Os embaixadores norte-americano e britânico, William Trueheart e «sir» Leslie Glass, avistaram-se a noite passada, em nome dos jornalistas detidos na Nigéria, com as autoridades federais. Julgava-se que o general Yakubu Gawon estivesse ausente.

Fontes fidedignas disseram que aos embaixadores foi indicado claramente que o grupo de jornalistas poderia partir hoje de avião de Port Harcourt.



O RECOMEÇO DA AGITAÇÃO EM NANTERRE (França) provocou a intervenção da Polícia. Seis pessoas feridas foram hospitalizadas

A paisagem marciana idêntica à terrestre

SAN FRANCISCO, 22 — (R.) — O planeta Marte tem uma paisagem que se parece extraordinàriamente com a da Terra, segundo afirma o astrónomo Ronald Wells, da Universidade da Califórnia.

Dois dos continentes marcianos são do tamanho aproximado da Austrália e o maior dos leitos secos dos seus «mares» é aproximadamente igual ao Mediterrâneo.

Falando na Sociedade Americana de Astronomia, Wells disse haver indicações de que a diferença de altitude entre os mais altos picos de Marte e o fundo das suas depressões é de 12 mil metros.

O astrónomo disse ter feito esta descoberta com um telescópio especialmente equipado com uma sonda de eco.

Wells disse que a sua descoberta vem apoiar a teoria segundo a qual o progresso formativo de Marte foi semelhante ao da Terra, no que diz respeito á separação dos continentes e ao aparecimento das cadeias de montanhas.

As duas sondas norte-americanas «Mariner» enviadas a Marte em 1967 e 1969 transmitiram notáveis fotografias do Planeta Vermelho e valiosas informações sobre a sua atmosfera, mas não conseguiram medir diferenças de altitude nem distinguir a forma dos continentes — salientou Wells.

As observações feitas pelo astrónomo, no Verão passado, quando Marte se encontrava a 72,5 milhões de quilómetros da Terra deverão contribuir para a futura escolha do melhor lugar para a descida suave de uma sonda naquele planeta misterioso.

A SUSERANA DE SARK NÃO ABDICARÁ

LONDRES, 22 — (R.) — «Dame» Sibyl Hathaway, de 86 anos, suserana de Sark, a minuscula ilha do Canal da Mancha, anunciou a noite passada que, apesar de tudo, não abdicará.

No entanto, as libações festivas por parte dos 556 habitantes nas cinco tabernas da ilha poderiam fazer com que «Dame» Sibyl mudasse de ideias e entregasse Sark á ilha vizinha de Guernsey, como ameaçou fazer em Julho passado.

Uma das suas queixas na altura foi que os seus subditos revelavam «o maior desrespeito» pelas leis autorizando a venda de bebidas alcoólicas na ilha, que exige que as tabernas fechem ás 22 horas no Inverno.

A suserana lamentou-se, também, que «não podia fazer mais propaganda da ilha como um paraíso de sossego quando havia 42 tractores, dos quais poucos obedecem ás regras de transito». Os tractores são a unica forma de transporte motorizado de Sark, além duns coches decrépitos.

A ameaça da suserana de entregar Sark causou a crise mais grave do Governo de 46 anos de «Dame» Sibyl e provàvelmente a coisa mais próxima de revolta desde a colonização da ilha há mais de quatro séculos por 40 arrendatários feudais.

Contudo, possivelmente a razão principal para a sua mudança de atitude foi a relutancia de Guernsey em ser-lhe impingida Sark.

Expulso do Iraque o embaixador persa

BEIRUTE, 22 — (A. N. I.) — O Governo do Iraque ordenou hoje a expulsão do embaixador da Pérsia em Bagdad e de mais quatro diplomatas persas e pediu-lhes que abandonem o país nas próximas 24 horas — anunciou a Rádio Bagdad.

A Rádio declarou ainda: «O Governo persa, apoiado pelos Estados Unidos e os agentes dos serviços secretos norte-americanos, combinou com os conspiradores iraquianos a tentativa para derrubar o actual regime iraquiano, levada a efeito na terça-feira á noite».

NOVAS EXECUÇÕES

BEIRUTE, 22 — (R.) — Mais sete iraquianos foram hoje executados sob a acusação de terem estado envolvidos numa conspiração para derrubar o Governo de Bagdad, o que perfaz o total de 29 execuções em 24 horas, anunciou a Rádio Bagdad.

MOEDA DECIMAL RODESIANA

SALISBURY, 22 — (A. N. I.) — O dólar rodesiano, do novo sistema monetário, com base decimal, aprovado pelo Governo da Rodésia, entra oficialmente em circulação no dia 17 de Fevereiro, com o valor de meia libra actual, ou dez xelins.

A nova moeda divide-se em cêntimos.

Em relação ao escudo da vizinha província portuguesa de Moçambique, o cambio passa a ser o seguinte:

Um dólar = dez xelins = 40 escudos.

● RELAÇÕES CAMBIAIS COM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 22 — (A. N. I.) — As taxas a cobrar pelo porto e caminho-de-ferro da Beira, no ambito das medidas relacionadas com a decimalização da nova moeda rodesiana, passam a ser calculadas em dólares e suas fracções decimais, a partir do dia 1 de Fevereiro, apesar de a data oficial estabelecida na Rodésia ser a de 17 de Fevereiro — foi decidido pelas administrações ferroviárias daquele país e da Beira, em Moçambique.

As relações cambiais entre a Rodésia e a província portuguesa de Moçambique assentam essencialmente nos serviços portuários e ferroviários e no turismo.

NOVIDADES

DOM QUIXOTE

HOMEM DE PALAVRA(S)
Ruy Belo
Col. Cadernos de Poesia n.º 9

DE ADENAUER A WILLY BRANDT
Textos de
Gunter Grass, Ivor Montagu, Wolfgang Abendroth e outros
Col. Cadernos D. Quixote n.º 21

A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO DE 1836
(2.ª edição)
estudo de Victor Sá
Col. Estudos Portugueses n.º 2

UM PORTUGUÊS EM CUBA
(2.ª edição)
Alexandre Cabral
Col. Diálogo n.º 6

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
R. LUCIANO CORDEIRO 119

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

TUTTI MUNDI «DRUGSTORE»
AVENIDA DE ROMA, 48-B
MAURICE TOUBAS
com a sua orquestra TZIGANE completa
o requinte de bem-estar nos
CHÁS DAS 16.30 ÀS 18.30 HORAS
E NOS
JANTARES DAS 21 H. EM DIANTE
Aceitam-se marcações de mesas pelo telef. 714021
sem alteração de preços — Garagem privativa

Renovado o convite para que Nasser visite a Espanha

CAIRO, 22 — (F. P.) — A Republica Arabe Unida mantém uma posição realista e espera ver o conflito do Médio Oriente solucionado, declarou Gregório Lopez Bravo, ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, durante uma conferência de Imprensa dada, ontem á noite, no Cairo. A resolução do Conselho de Segurança de Novembro de 1967 tende a estabelecer a paz nesta região, e «seria uma vergonha celebrar as bodas de prata das Nações Unidas sem se ter chegado a uma solução do conflito do Médio Oriente», assegurou o ministro.

Lopez Bravo deve deixar hoje o Cairo, depois de uma visita oficial de três dias á R.A.U.

YASSER ARAFAT, chefe da organização palestiniana Al Fatah, avistou-se, em Beirute, com o primeiro-ministro libanês Rashid Karame. A situação no Líbano tem-se deteriorado devido ás divergências quanto á utilização do país como base dos guerrilheiros que atacam Israel. Forças israelitas já penetram, por diversas vezes, em território libanês, para acções punitivas

Apoio crescente da França aos países árabes

PARIS, 22 — (F. P.) — O primeiro-ministro e o ministro da Defesa Nacional expuseram em pormenor aos parlamentares, pela primeira vez desde o caso das vedetas de Cherburgo, a política francesa no Mediterrâneo e no Médio Oriente.

Os observadores concluiram, do que ambos disseram, que a política francesa se encaminha para um apoio crescente aos países árabes. Com efeito, Michel Debré revelou que serão fornecidos á Líbia um cento de aviões — entre eles 80 «Mirage» — até 1974. Esta orientação é igualmente confirmada pela menção particular que o ministro da Defesa Nacional fez a respeito do Iraque perante os deputados da comissão de defesa, precisando que no sentido estrito este país «não pertence ao campo de batalha» da guerra dos seis dias.

Paralelamente, o primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas definiu, pelo seu lado, perante os parlamentares gaulistas, a política do Governo nesta parte do mundo, a qual «visa a paz e é feita unicamente no âmbito dos interesses da França». Chaban-Delmas acentuou bem «França», para que não houvesse duvidas. Todavia, acrescentou que a França não é nem pró-Israel nem pró-árabe e que acaba de fazer novas propostas a favor da paz no âmbito do concerto dos «quatro».

PREOCUPAÇAO EM WASHINGTON

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — O Governo norte-americano está «profundamente preocupado» com a decisão do Governo francês em vender cem aviões militares á Líbia.

O secretário de Estado, William Rogers, publicou uma declaração em que diz não ter havido qualquer consulta francesa ao Governo norte-americano, a respeito desta venda. Rogers acrescenta que as transacções deste tipo podem comprometer o equilíbrio das forças militares em presença no Médio Oriente.

É a primeira vez que os Estados Unidos manifestam publicamente, de forma tão nítida, que desaprovam o fornecimento dos aviões franceses á Líbia.

PROTESTO

PARIS, 22 — (F. P.) — A política francesa de embargo em relação a Israel bem como a entrega de aviões «Mirage» á Líbia foram denunciadas e condenadas, ontem á noite, durante uma reunião que se realizou no Palais des Sports de Paris, na presença de numerosas personalidades.

AVARIA NO «JUMBO» ANTES DA DESCOLAGEM PARA O VOO ATRAVÉS DO ATLÂNTICO

NOVA YORK, 22 — (R.) — Foram retirados a noite passada os passageiros do gigantesco jacto Boeing «Jumbo», após ocorrer uma avaria num dos motores quando o avião era rebocado, a fim de descolar para o seu primeiro voo através do Atlântico.

O enorme aparelno, transportando 362 passageiros, preparava-se para realizar o voo inaugural para Londres. Foi trazido de regresso para o edifício do terminal do aeroporto Kennedy, após instrumentos revelarem «temperatura excessiva» no motor numero quatro.

A era dos aviões de passageiros gigantes começou finalmente esta madrugada, embora com o pé esquerdo, quando os Boeing-747 da Pan American partiu para Londres com 380 pessoas a bordo, em substituição do que devia em principio fazer a viagem.

ENTRE OS PASSAGEIROS O MILIONÁRIO «HIPPIE»

O avião gigante sofreu anteriormente outras avarias mecânicas, durante os ensaios, nomeadamente uma deficiência nas saídas de emergência, a qual forçou os técnicos a introduzirem modificações para que a evacuação dos passageiros fosse possível nos 90 segundos previstos pelo regulamento de segurança.

Michael Brody, o milionário «hippie» que causou sensação ao anunciar que ia distribuir a sua fortuna, era um dos 362 passageiros que seguiam hoje para Londres no voo inaugural do Boeing-747.

O jovem milionário afirma já ter distribuído por numerosas pessoas mais de dois milhões de dólares.

Linda Kasabian: julgamento em Fevereiro

LOS ANGELES, 22 — (F. P.) — Os pais de Jay Sebring, o cabeleireiro de Hollywood que foi assassinado em casa de Sharon Tate, apresentaram hoje uma acção contra Charles Manson e os outros quatro réus acusados do crime colectivo na residência de Sharon Tate. A firma de produtos de beleza fundada por Jay Sebring juntou-se aos pais deste, para reclamar cinco milhões de dólares de indemnização aos quatro «hippies» acusados dos crimes.

Entretanto, um juiz de Los Angeles decidiu que comece em 9 de Fevereiro o julgamento da jovem Linda Kasabian, de 20 anos, que assistiu ao massacre. Os advogados de Linda tinham pedido a anulação do julgamento, alegando que a sua cliente estivera presente no local do crime devido a ameaças formuladas contra ela e contra a filha, de 2 anos de idade.

GUIAR...
...é agora mais fácil!

com o Volkswagen automático 1300·1500

SEM PEDAL DE EMBRAIAGEM
SEM MUDANÇA DE VELOCIDADES

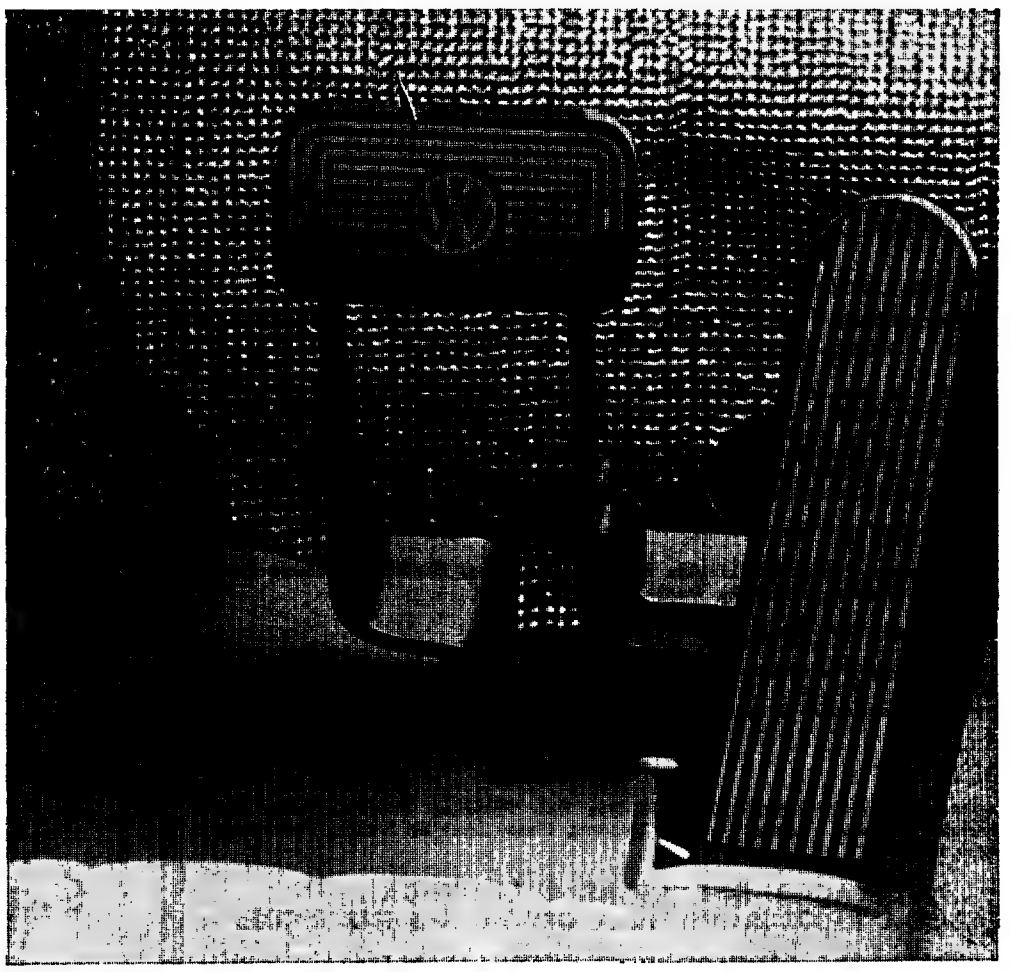
Para arrancar e... partir
escolha essa fase na alavanca selectora.

Depois... vencido o trânsito da cidade,
passe à segunda fase de marcha e ande, ande,
ande até ao fim do mundo,
sem tirar mais as mãos do volante.

Só com o acelerador (e o pé esquerdo em descanso)
V. resolve tudo!

Com o Volkswagen Automático

DOIS GESTOS
NÃO SÃO DOIS MIL.



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. - Av. da Liberdade, 12 - Telefs. 366751/7 - 370171/5 • Lisboa
FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA — R. DA ESCOLA POLITECNICA); MIRANDELA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, ANGRA DO HEROÍSMO, BISSAU, FUNCHAL, HORTA, PONTA DELGADA, S. TOMÉ

INTERESSAR A GENTE NOVA PELA ÓPERA

— PROPÓSITO DO NOVO DIRECTOR DO TEATRO DE SÃO CARLOS

O dr. João de Freitas Branco dirige-se ao director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes que lhe conferiu posse no cargo de director do Teatro Nacional de S. Carlos

«*Qual vai ser a minha actuação como director do Teatro Nacional de S. Carlos? Não é altura para enunciar exaustivamente um programa de acção, mas, em síntese, poderei dizer que ela se resumirá nesta fórmula: tirar o maior rendimento cultural possível daquela instituição. E peço a V. Ex.ª a melhor colaboração e apoio da prossecução deste propósito*», afirmou o dr. João de Freitas Branco ao assumir, esta manhã, o cargo de director do Teatro Nacional.

A cerimónia de posse, concedida pelo director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, dr. João de Almeida, decorreu no seu gabinete, no Ministério da Educação Nacional.

Assistiram ao acto o prof. Kurt Jacobsohn, vice-reitor da Universidade de Lisboa; os drs. João Falcato, chefe de gabinete do ministro da Educação; Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa; Sollari Allegro, presidente da direcção da E. N.; Armando Rocha, director-geral dos Desportos; Serra Formigal, director do Teatro da Trindade; o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, Joaquim Serra e Moura; dr. Paiva Raposo, secretário-geral do Automóvel Clube de Portugal; maestro Silva Pereira; dr. Álvaro Malta, médico e cantor de ópera; eng.º João Peres; Tomás Ribas; e muitas outras individualidades das relações do empossado.

Ao usar da palavra, o director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes acentuou os títulos e merecimentos, por todos reconhecidos que o dr. João de F. Branco ostenta, e congratulou-se «*vivamente com o largo crédito que o ministro cessante, dr. José Hermano Saraiva, abriria á cultura, valor, inteligência, entusiasmo e capacidade de trabalho*» do empossado nomeadamente para aquele cargo. Significou igualmente ao dr. Freitas Branco igual confiança do actual titular da pasta, transmitindo-lhe os seus cumprimentos. Evocou ainda, sentidamente, a figura e a obra do dr. José de Figueiredo e a sua apaixonada devoção ao Teatro de S. Carlos.

Por seu turno, o dr. João de Freitas Branco, que igualmente recordou, muito sentidamente, o dr. José de Figueiredo, «*meu antecessor e meu querido amigo que marcou efectivamente uma época*», sublinhou a sua emoção ao assumir a direcção daquele teatro, ao qual a sua família está intimamente ligada (seu pai foi seu director artístico, seu tio teve ali a apresentação de muitas das suas obras e ele próprio tem sido colaborador assíduo daquela casa). Recordou ainda a sua emoção ao assistir, pela primeira vez, ao ensaio, no São Carlos, de nomes como Benjamino Gigli, Maria Caniglia e Gino Becchi, reunidos no mesmo espectáculo, sublinhando quanto esse facto significava quanto á acção do dr. José Duarte de Figueiredo na direcção da nossa sala lírica.

Afirmou ainda que procurará interessar a gente nova pela ópera, pela acção do Teatro de S. Carlos, tentando fazer algo nesse sentido, de aspecto eminentemente didactico, secundando, aliás, um propósito sugerido pelo anterior titular da pasta da Educação.

Expressou, também, o propósito de «*boa, da melhor colaboração com outras entidades*», não como política de boa vizinhança ou de coexistência pacífica, mas sim porque é esse, sem duvida, o melhor caminho para a ópera. A propósito sublinhou a excelente colaboração mantida pelo Teatro de S. Carlos com a Emissora Nacional, cuja excelente orquestra é a orquestra daquela casa, e com o Teatro da Trindade, que vem erguendo uma obra notável no campo da ópera».

E terminou:

— *Não sou um super-homem, vou sim trabalhar, o melhor e mais que puder e souber, pela nossa causa.*

«NÓS E O ENSINO»

— CICLO DE DEBATES NO INSTITUTO INDUSTRIAL

No Instituto Industrial, efectuou-se, ontem, uma sessão organizada pela Secção Cultural da Associação dos Alunos do Instituto Industrial de Lisboa, subordinada ao tema «A Escola Face ás Classes Sociais» e na qual foram participantes os drs. Gaspar Teixeira, Glória Marreiros e Sedas Nunes.

A realização enquadra-se num ciclo de debates que tenta contribuir para uma definição ideológica do Ensino tal qual ele é aqui e agora, estruturado sob a designação geral de «Nós e o Ensino».

E' curioso referir que a sessão de ontem, embora a terceira do ciclo, foi a primeira a efectivar-se nas instalações próprias do Instituto Industrial, pois as anteriores (uma, sobre «Evolução e Características da Sociedade Portuguesa», com a participação de António Reis e Sérgio Ribeiro; outra, sobre «Evolução e Características da Sociedade Internacional», com a presença de Blasco Hugo, Raul Rego e Salgado Matos), tiveram que se efectuar em Económicas.

Um aspecto da assistê

IADE

Instituto de Arte e Decoração

MEMBRO DA INSEA — International Society for Education through Art — patrocinada pela UNESCO

ESTÁ ABERTA INSCRIÇÃO PARA:

CURSO BÁSICO DE CULTURA PORTUGUESA

Coordenador: Dr. António Quadros

Comissão orientadora: Pintor Lima de Freitas, Dr. David-Mourão Ferreira, Dr. António Quadros

Curso livre de dois anos, de dez horas semanais, em regime de fim de tarde ou noite a principiar em 2 de Fevereiro de 1970, especialmente destinado a pessoas de profissões técnicas ou liberais que não tiveram oportunidades para estudar de perto a cultura portuguesa; a estrangeiros residentes em Portugal; a bolseiros estrangeiros interessados na nossa cultura; a todos os que, homens adultos, senhoras ou jovens, desejam adquirir formação humanística e conhecimento da cultura portuguesa, dos seus valores, dos seus temas e dos seus problemas.

DISCIPLINAS DO 1.º ANO

História da Literatura Portuguesa, História da Arte Portuguesa, História do Teatro Português, Introdução à filosofia portuguesa, Teoria da Cultura.

DISCIPLINAS DO 2.º ANO

História da Literatura Portuguesa, Teoria da História Portuguesa, Introdução à Estética Portuguesa, Introdução à Psicologia Portuguesa, História da Ciência Portuguesa, Introdução à Música Portuguesa, Introdução à Etnografia Portuguesa, As instituições Portuguesas (facultativa).

PROFESSORES

Dr. David-Mourão Ferreira, Arq. Júlio Gil, Drs. Luís Francisco Rebello, Duarte Ivo Cruz, José Marinho, Orlando Vitorino, António Quadros, Pintor Lima de Freitas, Pinharanda Gomes e Afonso Botelho.

A LOTAÇÃO DAS AULAS É LIMITADA
RESPEITAR-SE-Á RIGOROSAMENTE A ORDEM DAS INSCRIÇÕES

INFORMAÇÕES SOBRE OS CURSOS NA SECRETARIA DA:

ESCOLA INTERNACIONAL DE DECORADORES

RUA DO ALECRIM, 70 LISBOA TELEFONE: 36 74 30

«O livro (O Meu Pé de Laranja Lima) manda uma mensagem de ternura e de compreensão à criança e vale como um trato de pedagogia para todos os que precisam entender a criança e poderem fazer da sua vida uma infância de agradáveis lembranças e de condicionamentos capazes de ajudá-la a vencer bem a idade adulta. Ele é destinado aos que gostam de crianças e ali encontram um sentimento profundo de compreensão a ela; ele ajudará a esclarecer aos que, maltratando, consciente ou inconscientemente um menino, poderão melhorar sua conduta e pelo remorso, redimirem-se com outros Zezé espalhados por aí»

DENISE TAVARES

Preço 60$00

UMA DISTRIBUIÇAO DO

G L B

CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

Rua Rodrigues Sampaio, 30-B
LISBOA

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Ourivesaria G

UM NOME NA OURIVESARI

FUNDADA EM 1875

RUA D
(Edifício

PROFESSORES EM «FULL-TIME» NA UNIVERSIDADE

— PEDIU UM DEPUTADO

A instituição do regime de profissionalização do pessoal docente das Univereidades foi hoje apontado pelo deputado Joaquim Pinto Machado Correia da Silva como condição necessária para o começo de uma reforma da instituição.

«*A Universidade Nova* — disse o deputado — *tem de ir sendo edificada, progressivamente, experimentalmente — o que implicará, muitas vezes, abandonar um caminho e ensaiar outro —, a partir da que está, embora, uma vez de pé, quase nada conserve da Universidade que, na vivência lúcida da sua morte lenta, a vai gerando. Creio que ninguém, em parte alguma do mundo, está apto a apresentar, acabado e perfeito, um plano convincente da Universidade Nova. Porém, todos os que se têm empenhado a fundo na tarefa de a pensar, reconhecem como inalienáveis os atributos da autonomia e da participação. Mas seria desastroso começar a edificar a Universidade Nova sem com anterioridade serem criadas as condições que permitam aos universitários pensá-la e discuti-la, efectiva e eficazmente, para depois lhes ser possível exercer, com responsabilidade, a participação específica num quadro de autonomia cultural, científica, pedagógica, administrativa e financeira.*

Ora, e em relação ao corpo docente, a primeira dessas condições indispensáveis é a da profissionalização da sua actividade. Refiro-me á substituição do regime vigente de tempo parcial — um mini-tempo em tantos casos — pelo de tempo completo, sem o que — há que declará-lo cruamente — não pode haver docência universitária plenamente realizada, mesmo nos casos raros em que qualidades excepcionais de inteligência, trabalho, dedicação e, até, de resistência física atenuam consideràvelmente os prejuízos inerentes ao regime de tempo parcial.

O deputado J. Pinto Machado proferiu estas palavras depois de ter referido palavras recentes do Chefe do Governo sobre a «grande, urgente e decisiva batalha da Educação» e saudado afirmações do novo ministro da Educação a propósito da necessidade de reforma da Universidade, nomeadamente a promessa de que esta «será fruto da participação responsável dos representantes de todos os sectores constituintes da Universidade».

O «carácter exclusivista *devorador*» da actividade dos professores universitários foi acentuado pelo deputado portuense, mas coube ao papel dos assistentes a maior parte da sua atenção:

Quanto aos assistentes — professores de amanhã — o exercício honesto das suas obrigações pedagógicas — que, como anda esquecido, não se limitam a um mínimo de 12 horas semanais de aulas práticas (4 horas na Dinamarca), pois exigem a sua cuidada preparação, sempre renovada — associado á preparação do seu curriculum científico — em que se levanta, qual gigantesco e tenebroso Adamastor, a famigerada dissertação de doutoramento nos moldes vigentes — e a um convívio aberto, dialogante, permanente e educativo com os estudantes e á aquisição esforçada de uma cultura sem a qual o qualificativo de universitário constitui ilegítima apropriação, impõem, com evidência cristalina, o exercício das suas funções em regime de tempo inteiro.

Creio, meus senhores, que só por precipitação, esclarecimento deficiente ou ignorância radical se pode defen-

(Continua na 15.ª página)

assistência á sessão no Instituto Industrial

SUMIU-SE (NO NEVOEIRO) O ASSALTANTE COM HÁLITO A TABACO

Ainda não foi encontrado o indivíduo da gabardina azul (e de 35 a 40 anos, boa presença e acentuado hálito a tabaco) que assaltou a residência da sr.ª D. Maria Manuela Magalhães, á Rua Frei Amador Arrais, tendo-se apossado de quatro pulseiras de ouro, dois fios de ouro, quatro anéis de senhora com pedras, um anel de homem, género brasão, um alfinete antigo, uma medalha de ouro e um brinco de safiras com dois brilhantes, objectos avaliados em cerca de 9 contos.

O larápio introduziu-se na residência acima mencionada pela janela que a locatária abrira a fim de arejar o aposento, antes de se dispor a arrumá-lo.

Sob a ameaça de uma chave de fendas, o desconhecido obrigou a senhora a dar-lhe as jóias descritas e ainda uma nota de cem escudos. Depois fechou-a na dispensa e escapuliu-se.

As autoridades investigam.

Palestras sobre arquitectura no Museu de Arte Antiga

O Museu Nacional de Arte Antiga prossegue o seu trabalho de expansão cultural especialmente dedicado á juventude, com um novo curso realizado pelo sr. dr. Jorge Henriques Pais da Silva, professor de História de Arte na Faculdade de Letras de Lisboa.

Este ciclo de palestras, sob o título «Rumos da arquitectura portuguesa», terá início amanhã, ás 18 e 30, prosseguindo semanalmente até ás férias da Páscoa, com o mesmo horário. A entrada é livre, pela Rua das Janelas Verdes.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

✱ *A Assembleia Nacional, que, no ano passado, por esta altura, lutava com falta de oradores (o que chegou a ser motivo de avisos do dr. Soares da Fonseca) está agora a braços com uma autêntica inflação de discursos. Ontem, estavam inscritos dezasseis parlamentares (doze antes da ordem e quatro na ordem do dia). O presidente só deu a palavra a metade. Mesmo assim, a sessão durou cerca de quatro horas!*

✱ Segundo o eng.º Amaral Netto, introduziu-se, ontem, no hemiciclo uma nova figura de retórica: «o discurso a duas bocas». Esta intervenção do presidente da Assembleia teve origem no seguinte facto: o deputado por Portalegre, professor Manuel Silva Mendes, encontrava-se no uso da palavra, fazendo o elogio do poeta José Régio. A certa altura, foi interrompido pelo dr. Veiga de Macedo, que leu um discurso preparado, também de homenagem ao grande escritor recentemente falecido. Como a interrupção demorasse, e o orador de Portalegre continuasse à espera de poder terminar, o presidente pediu ao dr. Veiga de Macedo, já quando este deputado lia um poema, que abreviasse a sua interrupção. E disse nessa altura:

— Estamos perante uma nova figura de retórica que não gostaremos de ver repetida na Câmara: o discurso a duas bocas.

O sr. dr. Veiga de Macedo calou-se, depois de manifestar o seu desgosto pelas palavras com que o presidente pusera fim à sua interrupção.

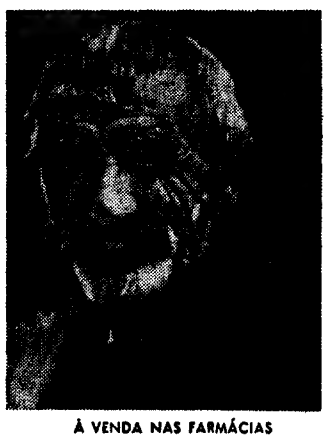
✱ *Entre as respostas a perguntas feitas oportunamente por deputados, o Governo anuncia estar a ser preparado um novo regime para o fabrico do pão, no sentido de este apresentar melhor qualidade.*

✱ O sr. eng.º Camilo de Mendonça, no período antes da ordem do dia, apresentou um projecto de lei em que propõe a eleição dos vogais dos organismos de coordenação económica. E isto porque «há membros dos conselhos dos organismos de coordenação económica que representam (?) há vinte e tantos anos a lavoura por escolha e nomeação do Governo, sem que tenham qualquer função ou presença na mesma lavoura, e, consequentemente, na sua organização, que nem lavradores são, se alguma vez o foram...».

✱ *Outro orador, o deputado Maximiliano Fernandes, pediu que seja criada, com a máxima brevidade, a Secretaria do Estado Português da Índia, com a missão de orientar e dirigir superiormente todos os negócios, assuntos e projectos respeitantes a Goa, Damão e Diu.*

✱ A Câmara começou a discutir o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela. Ambos os deputados que discutiram a proposta de lei sobre o assunto aludiram à falta de boas estradas na região. Na verdade, sem estradas não há turismo.

PILULAS DE ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE
ALHO FORTE
PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.



À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:
CREFAR
RUA DA MADALENA, 171-2.º
LISBOA

4 uo-11
EXPO'70
OSAKA
JAPÃO
PROGRESSO E HARMONIA PARA A HUMANIDADE
O ACONTECIMENTO DO ANO
VIAGENS ESPECIAIS
com partidas todos os meses de Março a Setembro *
* excepto Julho
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:
SAS
Rua Joaquim António de Aguiar 41 - LISBOA - Telef 4 93 74

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ta da
JUIA
ESARIA PORTUGUESA
UA D. DUARTE, 4-B
difício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

A REUNIÃO DA CÂMARA

PREVÊ-SE A CONSTRUÇÃO DE 1080 CASAS PARA POBRES

«No prosseguimento de uma campanha sistemática e persistentemente continuada desde 1959», a Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras do Município construiu 241 casas para famílias de fracos recursos (115 na Quinta da Musgueira e 126 no Casalinho da Ajuda). Encontra em curso a construção de mais 1720 casas e prevê-se ainda a construção de 1536. Nas casas construídas até ao princípio deste ano a Camara gastou 10 500 contos. O total do custo de obras previstas (294 700 contos) será liquidado em parte no corrente ano (110 000 contos) e em anos futuros (184 700 contos).

Estes numeros foram revelados no início da reunião de hoje do Município pelo presidente da Camara. O general França Borges chamou a atenção para o facto de, além da actuação da D. S. U. O. para se ter em consideração a actividade do Gabinete Técnico de Habitação No presente ano prevê-se a construção de 1080 fogos (400 na Boavista, 210 no Casalinho da Ajuda; 70 na Musgueira do Norte; 400 na Quinta do Morgado). As 115 casas construídas na Quinta da Musgueira não têm ainda ligação de água

A medalha de ouro da cidade para D. Julieta Ferrão

Por proposta do presidente da Câmara, a edilidade distinguiu com a medalha de ouro da cidade a sr.ª D. Julieta Ferrão, conservadora-chefe dos museus de Lisboa, que atingiu o limite de idade. O general França Borges fez o elogio da homenageada, destacando a sua competência e os altos serviços que prestou a Lisboa durante o desempenho do seu cargo.

Depois da votação (unânime) o presidente da Câmara leu a proposta de concessão de terrenos para a Fundação Helen Keller, (11 000 m2, ao Parque de Monsanto) pelo preço simbólico de 550 contos, o qual foi também aprovada por unanimidade.

Foram igualmente aprovadas várias propostas de venda em hasta pública de terrenos, destinados a prédios de habitação e a um instituto de religiosas.

Parques de estacionamento

Em relação á nova modalidade de parques de estacionamento, foi aprovado o seguinte regulamento.

1.º) *As taxas por períodos de quatro horas ou fracção são cobradas em cada dia por utilização de um só parque*

2.º) *As taxas por um período de 24 horas, com início ás 2 horas, dão direito á utilização de todos os parques municipais durante aquele período.*

Ignora-se o paradeiro do casal implicado no roubo das jóias da Rua Vítor Hugo

A Polícia Judiciária ignora ainda o paradeiro, em França, do casal Luisa Natividade Teixeira e José da Silva Cruz, tidos como principais implicados no importante roubo de jóias na residência da sr.ª D. Maria da Conceição Jacinto, na Rua Vítor Hugo. roubo largamente noticiado por toda a Imprensa

Ultimas informações dão o casal como fugido de um hotel parisiense. A conta da hospedagem ficou por pagar, pelo que o proprietário do hotel moveu contra o casal Cruz um processo por burla, o qual está a decorrer seus trâmites no tribunal competente.

Julgamento adiado

Foi adiado mais uma vez, agora para o dia 24 de Fevereiro, pelas 10 horas, o julgamento do caso da Tabacaria da Brasileira do Rossio, que se encontrava marcado para a manhã de hoje, no 4.º Juízo Correccional da Boa Hora.

Problemas do banco do Hospital de S. José

A situação da assistência hospitalar na zona sul do País, designadamente na região de Lisboa, foi exposta ao secretário de Estado da Saúde e Assistência, prof. Gonçalves Ferreira, no decorrer de uma reunião efectuada, esta manhã, no Hospital de S. José.

Na reunião participaram, além do director-geral dos Hospitais, diversas entidades ligadas ao sector da saúde.

Aquela situação foi objecto de uma exposição feita pelo enfermeiro-mor, dr. Carlos George, que analisou detalhadamente o funcionamento do banco de S. José.

No final, foi adoptado um esquema de trabalho preparatório das soluções que se encaram viáveis, prevendo-se que em breve se realize nova reunião

O julgamento no Porto do criminoso da Rua Chã termina na segunda-feira

Na segunda-feira, ás 14 e 30, em última audiência será lido o acórdão do julgamento no 2.º juizo Criminal, de José Correia da Silva, de 33 anos, pedreiro, natural da freguesia de Ferreira do Douro (Lamego) e residente em Queimadela (Armamar), acusado de ter morto a tiros de pistola, António Jesus Ferreira da Silva o «Toni», de 31 anos, casado, engomador, que residia na Rua dos Caldeireiros, 206, 2.º, ferindo, ainda, Armando Saraiva Baptista de 28, fiandeiro, Rua da Varziela, 24, em Rio Tinto.

A cena ocorrera, conforme, noticiámos, ás 5 horas da madrugada de 8 de Junho do ano passado, á esquina da Rua Chã para a do Cativo. O réu seguia pela primeira daquelas ruas, com um seu primo, e, ao chegar á referida esquina, depararam com um grupo de indivíduos, do qual faziam parte o «Toni» e o Armando Baptista. Gerou-se viva discussão, após uma série de empurrões, e o José da Silva, disparando uma pistola, atingiu o Armando com dois tiros, de raspão, e o «Toni» também por duas vezes, mas causando-lhe a morte imediata.

Na audiência de ontem, á qual presidiu o corregedor sr. dr. Góis Pinheiro, o advogado de defesa, sr. dr. Miguel Pereira Abreu, procurou demonstrar que o seu constituinte não teve intenção de matar.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 4%	532$	531$	532$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	1.485$
Obrigs Tesouro 5%	1.001$	1.000$	1.001$
Externo Série	—	600$	680$
Externo Série C	—	820$	830$
Externo 3 Série	—	730$	—
Externo 3 Série C	—	780$	820$
Cautelas 1 Série	—	150$	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	930$
C P 4 1/2% 65	—	890$	—
C P 5 1/2% 67	—	1.006$	—
C U F 6%	—	998$	—
C U F 6% 68	992$	990$	995$
Gás Elect 4% 48	800$	790$	—
Gás Elect 4 1/4% 51	—	810$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	890$	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	925$	940$
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.000$	—
H E A Alentejo 5%	—	810$	—
H E Cávado 5%	—	—	830$
H E Cávado 6%	1.000$	998$	1.002$
H E Douro 5%	—	—	805$
H E Douro 6%	—	1.000$	003$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	990$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 5%	—	1.000$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	990$	999$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	850$	850$	855$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	820$
Petroquimica 5%	—	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	825$	815$	825$
T A P 4%	940$	940$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	83 $	82$5	84$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.240$	2.285$	2.245$
Alentejo	1.120$	1.115$	1.125$
Angola	—	3.550$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	5.500$	5.630$
E Santo	—	19.000$	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p	—	20.000$	21.000$
Fomento Nacional	2.420$	2.410$	2.450$
L & Açores p	7.250$	7.200$	7.300$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.790$	5.780$	5.795$
Portugal n.	—	3 260$	3.300$
Portugal p.	4.300$	4.200$	—
Totta Aliança	6.600$	—	6.600$
Ultramarino n.	3.580$	3.570$	3.580$
Ultramarino p.	3.890$	3.890$	3.900$
Seguros			
Alentejo	1118$	1118$	120$
Douro	—	1 500$	—
Mundial	860$	860$	870$
Sagres	—	1.100$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	840$	850$
Ag Cassequel	805$	803$	807$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	350$	330$	—
Boror	—	200$	—
Buzi	91$	91$	92$
Cabinda	245$	244$	245$

Ultramarinas	Efec	Compro	Vendo
Diamantes Angola	2.560$	2.560$	2.580$
H E Revué	679$	675$	680$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	198$	198$	199$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	449$	449$	450$
Zambézia	93$	92$	94$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.800$	7.900$
Cim Leiria	—	5.400$	5.500$
Cim Tejo	—	7.200$	—
Col Navegação	1.480$	1.460$	1.480$
C U F	1.570$	1.560$	1.580$
Ind Aliança	—	620$	900$
Nac Navegação	4.100$	4.100$	4.200$
Petroquímica	2.150$	2.150$	2.170$
Port e Colónias	—	1.480$	1.500$
Port Celulose	—	4.300$	—
Port Pesca	1.150$	1.120$	1.200$
Port Tabacos	782$	782$	783$
Sacor	—	4 730$	4.770$
Siderurgia Nac	—	—	1.890$
Socel	3.750$	3.730$	3.760$
Tabacos de Portugal	—	1.980$	2.000$
Tabaqueira	—	7.900$	—
U F Azote	875$	870$	875$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa D	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	380$	390$
Eléct Beiras	—	1.740$	1.790$
Gás Electr	445$5	445$	446$
H E Alto Alentejo	164$	164$	165$
H E Cávado	1.255$	1.251$	1.255$
H E Douro	1.255$	1.252$	1.256$
H E Norte Portugal	—	315$	320$
H E S Estrela	—	1.650$	—
H E Zêzere	—	1.250$	1.260$
Nac Electricidade	—	1.265$	—
Termoeléctr Port	1.256$	1.255$	1.256$
U E P	197$	197$	198$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	208$	214$2
D E	—	127$4	181$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	15/1/70	21/1/70	22/1/70
GERAL	153,3	155,2	155,7
METRÓPOL.	144,9	146,6	146,7
ULTRAM.	215,0	218,1	222,0

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suíça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$70	36$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

O AEROPORTO REPLETO DE PASSAGEIROS À ESPERA

Embora o aeroporto não esteja fechado ao tráfego aéreo, o nevoeiro continua a provocar desvios na rota de aterragem de vários aviões. Até ás 11 e 30 de hoje, foram já três as tripulações que preferiram não se aventurar em aterragens dificultadas pela má visibilidade.

O Aeroporto mantém o mesmo aspecto, isto é, cheio de passageiros aguardando o embarque. Embora as previsões não sejam, por enquanto, muito famosas, parece, contudo, poder contar-se com uma melhoria que permita regularizar o escoamento do tráfego.

Durante a madrugada, só tinha havido dois movimentos: aterragem do voo TAP vindo de Johannesburg; partida para Luanda do avião da carreira, também da TAP.

De manhã, só o avião da Alitália vindo de Nova York conseguiu aterrar.

O mesmo não aconteceu com o voo da Canadian Pacific proveniente de Montreal que foi aterrar a Faro. Igualmente, dois outros aviões vindos respectivamente de Luanda-Caracas (South African Air Ways) e Nova York (TWA.), desviaram o seu destino de Lisboa, indo ambos procurar o aeroporto de Mad

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas e Comunicações

O ministro das Obras Publicas e das Comunicações recebeu os governadores civis de Santarém e de Bragança (este acompanhado pelo presidente da Camara Municipal daquela cidade); o governador do distrito autónomo de Ponta Delgada; o director-geral dos Desportos; o director do Centro de Zoologia do Ministério do Ultramar; o visconde de Botelho; o arquiteto Jorge Mounier, o major Mário Pessoa; e os srs. José António Arsénio e Alvaro Rolim.

● Secretário de Estado das Obras Públicas

O secretário de Estado das Obras Publicas escolheu para seu secretário o eng. Alberto Luís Leite Ramalho Fontes.

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu o deputado pelo círculo de Timor, coronel Themudo Barata.

● Secretário de Estado do Trabalho e Previdência

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência recebeu os srs. dr. Ribeiro da Cunha; Romão Vicente, presidente do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório; o presidente da Federação dos Sindicatos da Industria de Metalurgia e Metalomecanica; os deputados dr. Santos Bessa e eng. Santos e Castro; o prof. dr. Pinto Correia; e o arquitecto Formozinho Sanches.

CINECLUBE UNIVERSITÁRIO

O filme «Ofício de Matar», que, por iniciativa do Cineclube Universitário de Lisboa, foi exibido, ontem, no Cinema Imperial, sê-lo-á novamente, no sábado, ás 18 e 30, no Cinema Paris. Aquele cineclube admite novos sócios á entrada da sessão.

Maria Luísa de Almeida Pedroso Quaresma

FALECEU

João Eduardo de Almeida Pedroso Quaresma, Maria José de Almeida Pedroso Quaresma Antunes, marido e filhos, Maria Madalena de Sotto Mayor Quaresma, filhos e demais família participam o falecimento de sua querida irmã, cunhada e tia e que será rezada missa de corpo presente, ás 11 horas, do dia 23, na igreja de Santa Isabel, efectuando-se o funeral ás 14,30 horas, do mesmo dia, para o cemitério do Senhor Jesus do Carvalhal.

OS DEBATES NA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da pág. central) *der o amadorismo que a lei institui. Recuso-me a admitir que se verifique a realidade da hipótese teórica de existirem interesses pessoais antinacionais na raiz de silogismos propostos em defesa do statu quo.*

Ora, se os docentes não podem realizar razoàvelmente as tarefas que a lei lhes comete, como terão possibilidade de se debruçarem afincadamente na análise séria da actual situação universitária e na perscrutação funda de largos horizontes, em ordem a se irem tornando cada vez menos imprecisos os contornos, ainda tão difusos, da Universidade do devir? Serão de recear opções participadas, mas precipitadas, ou imposições do Poder — quem quiser que escolha entre os dois males.»

CARREIRA DE SEGUNDA CLASSE

As posições que os docentes universitários ocupam no abcedário que hierarquiza os servidores do Estado foram, também, objecto da atenção do deptuado Pinto Machado, que afirmou: *tudo se passa como se a carreira universitária fosse considerada de segunda classe:*

1.º — Ao contrário das carreiras militar, diplomática, administrativa e da magistratura, a carreira universitária não dá acesso á letra A, detém-se na B.

2.º—Os professores extraordinários situam-se na letra F, e, como não se lhe reconhecem diuturnidades, na dita letra poderão ficar até á reforma os que — embora não lhes escasseie o mérito — não podem, por falta de vaga, ascender á cátedra (note-se, que a letra E, inacessível ao professor extraordinário, repito, contempla os investigadores do Instituto Nacional de Investigação Industrial — do Ministério da Economia —, os silvicultores, técnicos estatísticos e engenheiros-chefes, os adjuntos do procurador da República e de delegado de Saude, inspectores-adjuntos da Polícia Judiciária e de Segurança, etc.).

3.º—Aos primeiros-assistentes cabe a letra J, na companhia dos professores de canto coral, agentes-técnicos de 1.ª classe, escrivães do Supremo Tribunal Administrativo e dos Tribunais do Trabalho de Lisboa e Porto, terceiros-bibliotecários, etc. Os primeiros-assistentes tiveram, no mínimo, 6 anos de docência como segundos-assistentes, realizaram e publicaram trabalhos científicos — e exige-se-lhes que os continuem a realizar e publicar, pois, de contrário, a sua recondução de 2 em 2 anos, que nunca é definitiva, pode ser negada —, realizaram e publicaram uma dissertação de doutoramento de que prestaram provas públicas. Também eles não usufruem de diuturnidades, havendo os que, por falta de vaga, se eternizam nessa situação, não podendo sequer ascender á letra I, onde se situam agrónomos, geólogos, engenheiros e arquitectos de 3.ª classe, assistentes de 3.ª classe do Instituto Nacional de Investigação Industrial — do Ministério da Economia, recordo — segundos-conservadores das bibliotecas e arquivos e de museus, palácios e monumentos, silvicultores e técnicos calculadores de 3.ª classe, etc.

4.º — Os segundos-assistentes — letra M — são equiparados a agentes-técnicos de 3.ª classe, chefes de encadernação, de fundição, de gravura, de impressão, de armazém, e não sei de que mais... Contudo, exige-se aos segundos-assistentes um curso superior com a nota final mínima de 16 valores, para ter acesso ao doutoramento e, portanto, á promoção na carreira universitária, e a dissertação que têm de elaborar e publicar custa-lhes o que ganham num ano de trabalho.»

«Esta tabela classificativa — acrescentou o orador — *é um dos traços que caracteriza o perfil português e o distingue do das outras nações civilizadas, para onde fogem muitos dos nossos recém-licenciados e docentes universitários jovens — com raras aptidões intelectuais, vocação para o ensino e investigação e espírito de trabalho que não dá tréguas — em busca, não da riqueza — que nunca foi ambição do universitário autêntico —, mas de uma remuneração justa, que lhes permita a entrega total a uma das mais eminentes actividades em prol do bem da sociedade.»*

Prosseguindo, o deputado Pinto Machado considerou o regime de tempo parcial, além de discriminativo, intrinsecamente errado e pseudo-económico, e terminou pedindo a demonstração imediata da *«intenção de honradamente encetar a longa e esforçada construção da Universidade Nova».*

FRANCISCO BALSEMÃO: contra o teleférico Piornos-Torre

Embora aplaudindo a intenção do Governo de desenvolver a rgião de turismo da Serra da Estrela, o deputado Francisco Balsemão (círculo da Guarda), pôs restrições quanto ao assentamento desse desenvolvimento num teleférico inoportuno.

O deputado Francisco Balsemão, que se afirmou praticante de desportos de neve e conhecedor de estações austríacas, francesas e suíças, manifestou-se contrário á construção do teleférico Piornos-Torre, *«uma obra idealizada antes da Estrada Nacional 339 e que, depois da construção desta, se tornou inutil e obsoleta, para não dizer sumptuária».*

«Antes do teleférico, a serra precisa de acessos — afirmou. — *A serra não pode ser monopólio de uns em detrimento de outros. A grande maioria dos turistas que se dirigem á Estrela penetrarão nela pelo distrito da Guarda. A manutenção da estrada entre Seia e Torre aberta á circulação automóvel durante todo o ano é fundamental para a vida de visitantes do Norte, do Centro e de Lisboa. A construção da estrada, há tanto tempo solicitada entre Trinta-Videmonte e Folgosinho é essencial para a entrada dos visitantes estrangeiros. Além disso, há itinerários de grande beleza, que não se podem disfrutar, como o de Manteigas-Nave de Santo António, por enquanto em péssimo estado, ou o de Senhora do Desterro-Lagoa Comprida, prejudicado pela portagem cobrada pela Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela».*

Insistindo na necessidade de *«hotéis, ocupações e divertimentos para os turistas»*, o dr. Francisco Balsemão afirmou, no entanto, aceitar que *«na situação a que se chegou»*, é preferível *«pôr em funcionamento um teleférico de utilidade — e, sobretudo de prioridade — altamente discutível do que transformar em ferro-velho o material já pago ou a pagar e deitar á rua alguns milhares de contos nem sempre gastos de acordo com o melhor critério».*

Por fim, o dr. Francisco Balsemão afirmou que *«será de toda a vantagem o encurtamento do prazo de criação da empresa de economia mista prevista na proposta governamental, não só porque, em princípio, a sua gestão será mais profícua, mas também porque decerto os seus administradores estariam mais interessados em orientar, desde já, todo o desenvolvimento turístico da Serra, em vez de receber daqui a um ano, se não for mais, a incómoda herança da Comissão Regional de Turismo.»*

Tempo mais quente (que o normal na época) até 5 de Fevereiro

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 5 de Fevereiro: De hoje a 26 de Janeiro: A norte do Mondego — *Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de sudoeste; possibilidade de chuva ou chuvisco.* A sul do Mondego — *Céu pouco nublado; vento fraco; neblina ou nevoeiro matinais.*

De 27 de Janeiro a 5 de Fevereiro: A norte do Tejo — *Céu muito nublado, por vezes encoberto; vento fraco a moderado do quadrante oeste; períodos de chuva ou aguaceiros e possibilidade de trovoadas nas terras altas; melhoria do estado do tempo no fim do período.* A sul do Tejo — *Períodos de céu muito nublado; vento fraco; nevoeiro ou neblina matinais no litoral oeste.*

Em todo o período: *Temperatura média do ar superior aos valores normais na época.*

PERMITIDA A DOBRAGEM DE FILMES ESTRANGEIROS

(Continuação da 1.ª página)

No preâmbulo do diploma — tal como se fazia para o Teatro — afirma-se a intenção de debelar a crise do sector cinematográfico.

Nas receitas do Instituto figuram diversas taxas. A de exibição deixará de ser fixa e variará em função do período de exibição em estreia. Uma percentagem das receitas destinar-se-á ao Fundo de Teatro.

No que se refere á produção, reconhece-se a necessidade de uma «significativa assistência financeira» — subsídios e crédito a conceder pelo Instituto. Fala-se das vantagens da co-produção e co-participação e do afluxo de capitais estrangeiros.

Vai permitir-se a dobragem

Vai também ser permitida a dobragem de filmes estrangeiros «desde que não afecte a qualidade do filme». A dobragem não é obrigatória. Apenas autorizada.

Vai, igualmente, ser criado um contingente de filmes portugueses, obrigatório na programação.

O diploma afirma que será estimulada a construção de novos cinemas e aumentadas as facilidades para a exploração de filmes de formato reduzido.

Serão instituídos prémios de qualidade, de exploração e exportação. Haverá, ainda, prémios para o cinema de amadores e para os filmes publicitários.

A aprovação dos estatutos das associações cinematográficas (cinema de amadores, cine-clubes) passa a ser da competência do secretário de Estado da Informação e Turismo.

A Lei de Imprensa e os jornalistas

Efectua-se amanhã, pelas 16 horas, na Casa da Imprensa, uma assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional de Jornalistas a fim de discutir e votar as bases a propôr pela classe para uma Lei de Imprensa que se julga virá em breve a ser discutida na Assembleia Nacional.

Na assembleia geral de amanhã, que em tempos foi requerida por 170 jornalistas profissionais, será apreciado um projecto elaborado por uma comissão nomeada pela direcção do Sindicato, e constituída pelos jornalistas Leopoldo Nunes, João Arnaldo Maia e dr. José Carlos de Vasconcelos.

Drogaria assaltada de madrugada

Esta madrugada, na Rua Cidade de Benguela, foi assaltada uma drogaria pertencente á firma Lopes & Melo, Ld.ª.

Os larápios, hábeis em processos de arrombamento, levaram pilhas de rádio e a quantia de 300 escudos.

A P. J. está a proceder a averiguações.

O ministro da Defesa e o subsecretário do Exército na capital do Norte

PORTO, 22 — Na sua anunciada visita ao comando da I Região Militar, chegaram aqui hoje os srs. generais Sá Viana Rebelo e José de Oliveira Vitoriano, respectivamente, ministro da Defesa Nacional e do Exército e secretário de Estado desta pasta.

Os dois membros do Governo foram recebidos, á porta de armas do quartel-general, por uma força da Polícia Militar, com estandarte, de Cavalaria 6 e banda de música e fanfarra do Regimento de Infantaria 6, sob o comando do sr. capitão Falcão, que prestou as honras da praxe. Os visitantes seguiram para o salão nobre, onde decorreu a cerimónia de cumprimentos, por parte do sr. general Julio Pereira, comandante da Região Militar, dos comandantes de todas as unidades e estabelecimentos militares dependentes da mesma e dos chefes de repartição e dos serviços.

Numa breve saudação, o sr. general Julio Pereira disse ser «hábito, nestas cerimónias, apresentar ao ministro as dificuldades e os problemas que os preocupam e que necessitam de ser resolvidos. Não apresentarei, porém, neste momento e não aproveitarei, pois desejo que estas minhas palavras sejam apenas de saudação e de regozijo por estarem entre nós». E concluiu, depois de diversas considerações, por fazer votos pelo bom êxito da missão que aqueles dois membros do Governo têm a seu cargo, dizendo que podem contar com a lealdade e a dedicação de toda a oficialidade e restantes componentes da I Região Militar.

Agradeceu o sr. ministro da Defesa, após o que houve, na messe dos oficiais, na Praça da Batalha, um almoço íntimo.

AS CHEIAS DO TEJO

SANTARÉM, 22 — A situação provocada pelas cheias no Ribatejo não se apresentat de molde a que se registe um rápido regresso á normalidade. As produções agrícolas continuam a ser gravemente afectadas e os trabalhadores rurais vêem-se privados de ganhar para a sua subsistência e dos seus.

Por outro lado, continuam interrompidas ao transito as estradas Tapada-Alpiarça, Ribeira de Santarém-Alcanhões, bem como as que ligam Reguengo a Pombalinho e ainda todas as estradas de Valada, povoação que permanece isolada.

Em Santarém as escalas hidrométricas não sofreram alteração entre as três e as nove horas, registando o valor igual de 6,45 metros.

Em Abrantes, as oscilações do nível das águas durante o mesmo período foi insignificante, o mesmo sucedendo em Ródão e na Barquinha.

música barroca para órgão

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

concertos do auditório dois

RECITAIS INAUGURAIS

GRANDE AUDITÓRIO — Sábado, 25 de Janeiro, ● 16.30 h.
Seixas, Corelli, Séjan, J. S. Bach, Rodrigues Coelho, Purcell, Couperin

PIERRE COCHEREAU
COM A COLABORAÇÃO DO TROMPETISTA
ROGER DELMOTTE

SÉ CATEDRAL — Domingo, 25 de Janeiro ● 16.30 h.
Torelli, J. G. Walther, J. S. Bach, Stradella, Purcell

TEMPORADA DE 1970
PRIMEIRO CONCERTO
Sexta-feira, 23 de Janeiro ● 18.30 h.
COLIN TILNEY
CRAVISTA
W. Tisdall, W. Byrd, O. Gibbons, G. Farnaby, Haendel, J. S. Bach, F. Couperin, D. Scarlatti

PREÇOS: Grande Auditório, 20$00 e 10$00; Sé Catedral, 10$00 e 5$00; Auditório Dois, 20$00 ■ 50 % de desconto a estudantes
LOCAL DE VENDA DE BILHETES:
■ Fundação Gulbenkian (Av. de Berna) — Todos os dias úteis
■ Sé Catedral — Nos domingos em que se realizam os recitais de órgão neste templo
ESPECTÁCULOS PARA MAIORES DE 6 ANOS

O problema da passagem do comboio pelo centro de Coimbra de novo na reunião camarária

COIMBRA, 22. — Na reunião da Camara Municipal, com a presença do vice-presidente e de todos os vereadores, o presidente, sr. eng.º Araujo Vieira voltou a falar da passagem do comboio da Lousã pelo centro da cidade, acentuando que a sua remoção é indispensável, especialmente para continuação da elaboração do Plano Regulador da Cidade. Julgando que o caso voltaria ao esquecimento ou seria relegado para plano muito secundário, na verdade teve conhecimento que antes de ser posto, oficialmente, á C. P., o problema mereceu das entidades oficiais a melhor atenção.

Depois de afirmar que se não pode parar nem prejudicar interesses alheios, no desejo de que a cidade vá evoluindo e avançando em progresso, mesmo se necessário, á custa de um maior esforço de todos, disse que, embora a escolha de uma das soluções não deva ser precipitada e careça de estudo, entende ser limitado o numero delas o que — disse — facilitará a sua opção. Mas seja qual for — acrescentou — a solução escolhida, há necessidade de que seja conhecida e com a maior urgência, para a integrar no Plano Regulador. Disse ainda o orador confiar na energia, na coragem e no dinamismo do Governo e depositar as maiores esperanças no sr. ministro das Obras Publicas, que — acrescentou — tem acompanhado com a maior simpatia os problemas da cidade e resolvido já alguns dos mais importantes.

Outros problemas da cidade

Prosseguindo, o sr. eng.º Araujo Vieira falou da criação na Universidade dos cursos de Engenharia Civil, Química e Agronomia, dizendo não lhe parecer oportuno insistir, dada a criação dos Institutos Politécnicos. Disse, também, que está em suspenso a reinstalação da sede da Região Militar, mas que não se desistirá de pedir o seu regresso a Coimbra.

Toda a vereação exprimiu o seu apoio á iniciativa, manifestando o interesse que representa para a cidade qualquer das questões, insistindo o sr eng.º Azevedo Sobral na solução mais rápida para o problema da linha da Lousã, problema que apresentou na reunião anterior.

A finalizar, o sr. eng.º Araujo Vieira disse que seriam solicitadas, através do Governo Civil, as audiências ministeriais necessárias para se apresentarem superiormente os problemas do caminho-de-ferro e da Região Militar. Quanto ás novas Faculdades, seria transmitido á Universidade o inteiro apoio da Camara Municipal.

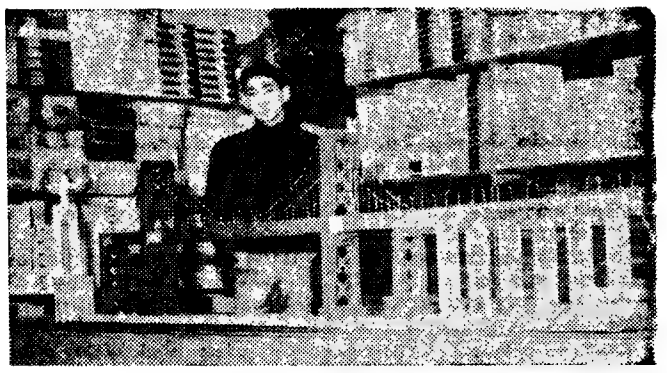
Depois, o vereador sr. dr. Viriato Namora solicitou o arranjo da rua de acesso á igreja do Instituto Missionário do Sagrado Coração de Jesus, em Montes Claros, onde a missa dominical é muito concorrida, devido a não existir mais próximo outro templo. Por sua vez, o vereador sr. dr. Francisco Cortês pediu o arranjo de uma estrada de Redonda, freguesia de Eiras e foi tomado conhecimento de um ofício da Junta de Freguesia de São João do Campo pedindo diversas obras.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província de Moçambique, o furriel miliciano n.º 70534668, João Crisóstomo Neves Ferreira, do recrutamento daquela província.

*

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na provincia da Guiné, o soldado pára-quedista n.º 100-68, João Alexandre Capela Silva Maneta, natural de Casa Branca (Sousel), filho de Mário da Silva Maneta e de Maria das Dores Capela.



O Eurico e a ponte que ele fez

UM PEQUENO ARTISTA construiu (em Aljustrel) uma «Ponte sobre o Tejo»

ALJUSTREL, 22 — Tem 16 anos e vive nesta vila, onde nasceu, o jovem Eurico Manuel Barão dos Reis, que, com muita paciência, construiu, aqui, uma «Ponte sobre o Tejo». Cinco meses levou o jovem artista a ultimar a sua obra, que tem 2.10 metros de comprimento, 50 cm de altura e 7 cm de largura e é toda em cimento armado.

Ouvido pelo representante do «Diário de Lisboa» nesta vila, o Eurico disse:

— *A minha arte preferida é fazer coisas deste género. Fiquei muito contente por ver que todas as pessoas, que, em Dezmbro, passaram em frente da monira do estabelecimento onde a «ponte» esteve exposta, a admiravam muito e também a instalação que eu fiz com luzes a acender e a apagar, com duas lampadas em cada pilar.*

No entanto, o artista anda triste: tem muita habilidade, mas não tem emprego.

O primeiro-ministro sueco falou ao «Diário de Lisboa»

(Continuação da 9.ª página)

restantes repórteres, consigo, a custo, retomar o meu diálogo com o primeiro-ministro, mudando de assunto:

— As empresas suecas que se estabeleceram em Portugal têm manifestado grande preocupação, não só quanto á actual situação diplomática entre os dois países, mas também acerca de certas restrições impostas pela Suécia no âmbito da E. F. T. A., como, por exemplo, as de confecções têxteis. Acha que as pressões que a Suécia tem procurado exercer sobre o seu comércio com Portugal não brigam com o Tratado da E. F. T. A.?

Palme parece-me insuficientemente informado, ao responder:

— *Estou convencido de que as restrições que têm sido discutidas dizem respeito, fundamentalmente, á «Lei da Rodésia», ás sanções contra a Rodésia e á competência da lei neste ponto (caso do afastamento da empresa sueca ASEA do grupo ZAMCO, construtor da barragem de Cabora Bassa).*

E o estadista sueco prossegue:

— *Dentro da E. F. T. A. temos mantido uma posição de acordo com as disposições do próprio tratado. O caso que o nosso ministro do Comércio tem procurado actualizar, na E. F. T. A., é o de que o problema da liberdade sindical devia ser considerado no contexto do tratado.*

Um entrevistador da TV sueca intercala um «a propósito»:

— Tem a política sueca relativa ás colónias portuguesas exercido qualquer influência na atitude da Suécia, dentro da E. F. T. A., perante Portugal?

— *Não. Trata-se de problemas distintos. Na E. F. T. A., o ministro do Comércio tem apenas tentado actualizar os referidos questões sindicais. E tem sido isto, suponho, que o Governo português, ou alguns jornais portugueses, não sei bem, têm atacado.*

Um paradoxo — ou uma oferta...

Não quero perder o ensejo de — quem sabe — dar uma novidade ao novo primeiro-ministro:

— Não considera, por acaso, paradoxal o contraste entre a actual situação, que tão duramente atinge as empresas suecas estabelecidas em Portugal, e o facto de os negócios em Portugal do «rei da cortiça» sueco, Carl Wicander, falecido em Lisboa, terem contribuído para a doação, em testamento, da sua residência em Harpsund, para servir, precisamente de representação ao chefe do Governo da Suécia?...

Um misto de surpresa e hesitação. Por fim, também uma resposta, aliás, em tom bem humorado:

— *Esse é, de facto, um caso em que nunca pensei — e que não acho, de resto, particularmente relevante... Recordo, por exemplo, de que na India e outros territórios coloniais as administrações exercem a sua actividade em palácios dos velhos colonizadores...*

Uma forçada pausa — para encontrar o remate:

— *Bem, a minha opinião é de que se trata de um presente ao Estado sueco...*

«As melhores relações entre os dois povos» — desejo de Olof Palme

O problema da ajuda sueca ao regime de Hanoi e a tempestuosa reacção norte-americana dominaram o resto da conferência. O «metralhar» incessante dos jornalistas americanos impede-me de formular a Olof Palme todas as questões que eu pretendia.

A «batalha» encerra-se subitamente. O novo responsável pelos destinos deste país ergue-se, agradece, despede-se e é muito felicitado pelos funcionários governamentais que assistiram ao acto, bem como por muitos jornalistas suecos que o tratam por «tu».

Para fazer, pelo menos, mais duas perguntas, quis propositadamente evitar a influência excitante que as audiências colectivas — mesmo (ou sobretudo) as de homens dos jornais — exerce sobre jovens políticos triunfantes, ambiciosos e impulsivos, provocando-lhes, quase instintivamente, palavras e gestos embuídos de artificialismo e teatralidade, para consumo doméstico.

Enquanto toda a gente saía apressada, acerco-me de Olof Palme e peço-lhe ainda alguns segundos de atenção. Concede-mos sem relutância. Pareceu-me, até, interessado nisso. Isolamo-nos num canto da sala, sòzinhos, de pé, e interrogo-o bem de frente:

— Em todo o caso, deseja, ou espera, que as relações oficiais com Portugal venham a melhorar?

O novo chefe do Governo encara-me firmemente. E responde apenas:

— *Sim, naturalmente. Espero que sim.*

— E de que forma admite que essas relações possam ser melhoradas?

Palme hesita e pensa. Noto-lhe as «olheiras» de noites mal dormidas e traços de fadiga, causados talvez, pelos terríveis problemas que se acumulam sobre os seus ombros débeis, logo ao sentar-se na cadeira do Poder.

— *É para mim muito difícil, nesta ocasião, entrar em pormenores. Não estou preparado para isso.* — disse, antes de uma derradeira pausa. E concluí: — *Posso afirmar-lhe, no entanto, que desejo as melhores relações entre os povos português e sueco!*

Corpos gerentes da Casa do Ribatejo

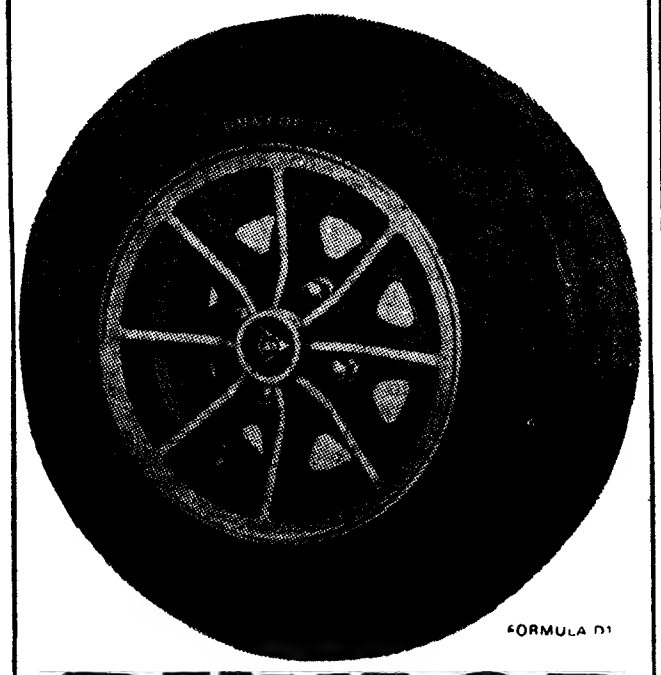
Foi convocada para as 21 horas do próximo dia 30 uma assembleia extraordinária da Casa do Ribatejo para eleição de novos corpos gerentes. A convocação de assembleia foi pedida por um grupo de sócios, ao abrigo do disposto no artigo 17.º dos Estatutos.

A lista de candidatos apresentada é a seguinte: *Assembleia Geral* — presidente, Marquês de Rio Maior; vice-presidente, eng.º António Branco Cabral; secretários, Luís Glórias Ferreira e João Gomes Moreira; substitutos, João Augusto Ferreira Mogas e António Aleixo Dias. *Direcção* — presidente, capitão Eduardo da Silva Redondo; vice-presidente, Fernando Ribeiro Gonçalves; secretários, Alvaro de Jesus Dias e Afonso Serrão Gomes; tesoureiro, Benjamim dos Santos Violante; vogais, José Julio Graça e António Salgado; suplentes, Jaime Gens Azevedo, Felisberto Valério, Constantino Nunes Vicente e Octávio de Oliveira Santos. *Conselho Fiscal* — presidente, eng.º Sidónio Nunes Dias; secretário, dr. António Ferreira Lourenço; relator, tenente José Rodrigues Clemente; vogais, António Polainas, João Faustino Rosa Mendes, Pintor Noel Perdigão e Carlos Dias da Silva. *Conselho Regional* — presidente, dr. Francisco Augusto Costa Frois; vice-presidente, dr. Vidal Baptista; secretários, José Luís Frazão e João Augusto Ferreira Mogas.

ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA

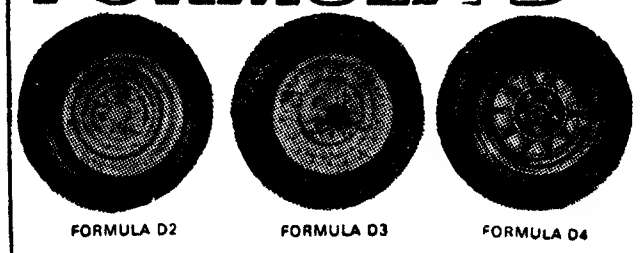
Na próxima terça-feira, ás 21 e 30, na Associação Vegetariana Portuguesa, Etelvina Lopes de Almeida falará sobre «Crianças de hoje, homens de amanhã».

JANTES LEVES



FORMULA D1

DUNLOP FORMULA 'D'



FORMULA D2 FORMULA D3 FORMULA D4

IMPORTADOR EXCLUSIVO

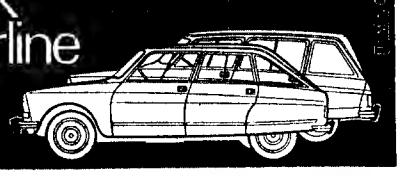
escape

RUA CASTILHO, 72-A — TELS. 561616/561919

Uma nova dimensão á sua escolha

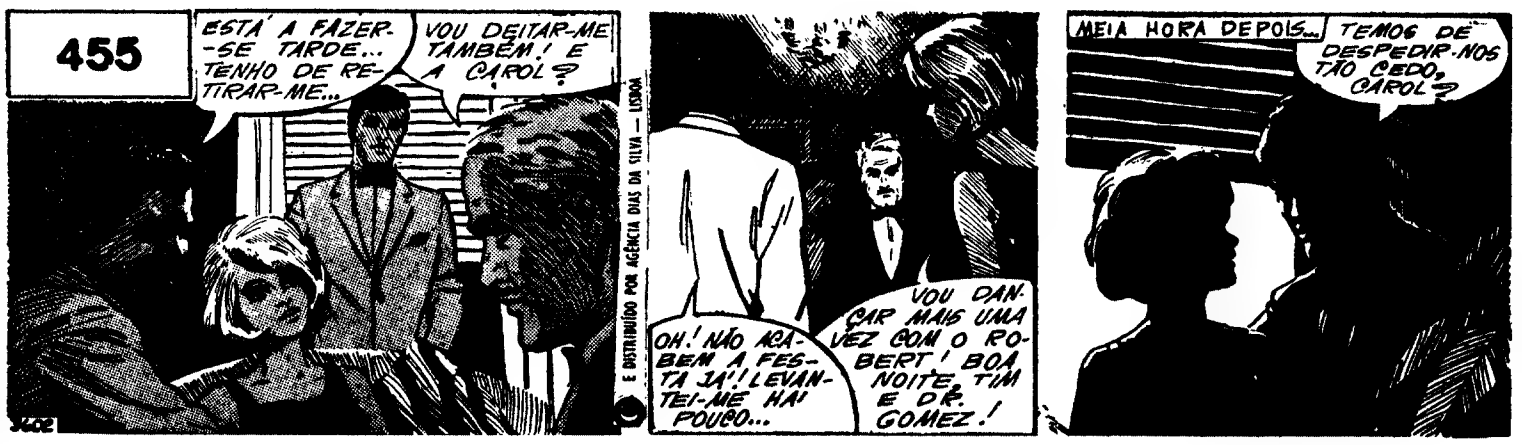
amia Breack ou Berline

CITROËN

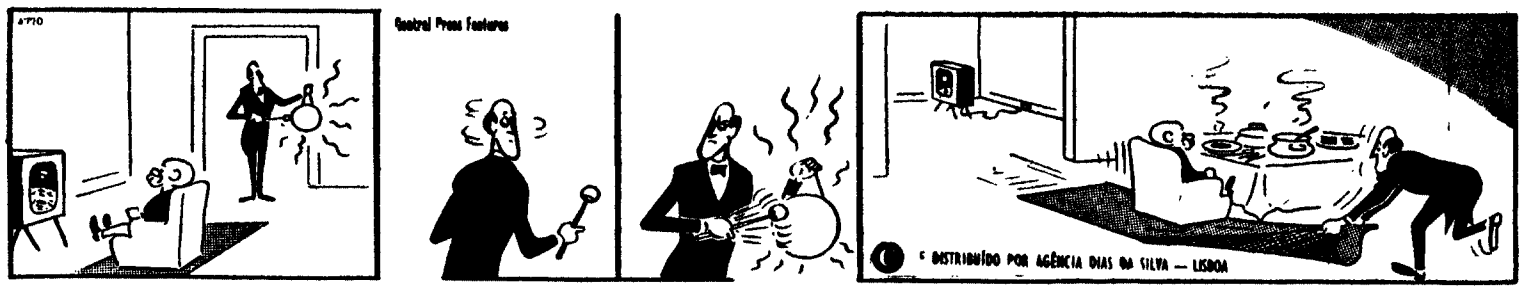


Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Janeiro de 1940 publicava:

«O «Daily Mail» afirma:

«Churchill avisou as pequenas nações de que podem vir a ser agredidas pela Alemanha e abandonar forçosamente a neutralidade, por esse facto. Mesmo a neutralidade, que tão valentemente se esforçam por manter, tem a sua principal protecção nas forças imbatíveis da França e da Grã-Bretanha São factos que não escapam a nenhum homem de Estado europeu inteligente. Criando uma frente única contra os agressores, sejam quais forem, os neutros poderiam ajudar a pôr rápidamente termo às convulsões da Europa.»

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

UNIÃO DE TOMAR-SPORTING

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

A C. P. organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 25 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar-Sporting», ao preço de 55$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego)	7-44
Chegada a Tomar	10-05
Partida de Tomar	18-50
Chegada a Lisboa (Rego)	21-24

Bilhetes á venda na Sede do Sporting Clube de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

Palavras cruzadas

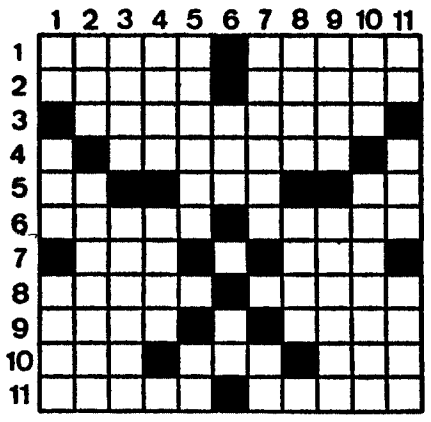
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5424

HORIZONTAIS: 1 — Canção Cortejo. 2 — Freguesia do concelho de Paços de Ferreira. Cobrir. 3 — Rio do estado de Sergipe, Brasil. 4 — Atormentadas. 5 — Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Pronome pessoal. Cobalto (s. q.). 6 — Pequeno quadro, com orações, que se encosta á banqueta do altar. Tirar. 7 — Título honorífico na India. Nome de letra. Oceano. 8 — Chama a si. Emparelhar. 9 — Aquele que. Casta. 10 — Larva das feridas dos animais. Calonido. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel de Medicina em 1943 pelos seus trabalhos sobre a bioquímica e os vitaminas. 11 — Palmeiras da Amazónia. Velho.

VERTICAIS: 1 — Pronome pessoal. Reles. Nesta ocasião. 2 — Víscera dupla. Abundância. 3 — Rezar. Atrair a benevolência de alguém. 4 — Volta. Saem frequentemente á rua. 5 — Género de plantas eriicíneas. Césio (s. q.). 6 — Óxido de cálcio. Boro (s. q.) 7 — Presas. Batráquio. 8 — Alavanca de pau com que se governa o leme. Gostar muito de. 9 — Bolos de farinha de arroz e azeite de coco usados na Ásia. Que casou. 10 — Rio da Escócia. Máscaras. 11 — Sufixo que designa estado. Tempo do verbo ir. Ramalhete.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5423

HORIZONTAIS: 1 — Farpa Poços. 2 — Ateia. Abalo. 3 — Legaras. Tas. 4 — Oiro. Revi. 5 — Usa. Sic. Soa. 6 — Bitna. 7 —Arm. Ari. Par. 8 — QUEM Baba. 9 — Uai. Amargar. 10 — Erada. Miollo. 11 — Masca. Amuas.

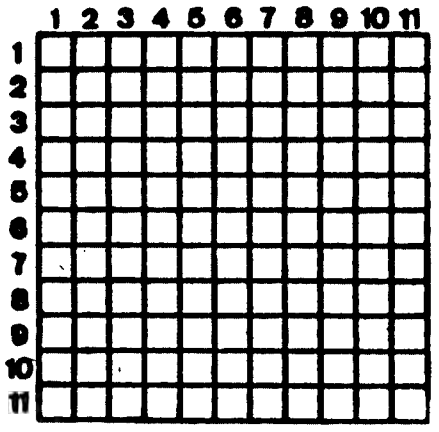
VERTICAIS: 1 — FAILOU. Aquém. 2 — Ateis. Ruada. 3 — Regra. Melas. 4 — Pião. DC. 5 — Aar. Sia. AAA. 6 — Acintem. 7 — Pás. Cri. Ama. 8 — Ab. Brim. 9 — Cates. PAGOU. 10 — Olavo. Abala. 11 — Sósia. Raros.

Provérbio: QUEM FAILOU PAGOU.

PROBLEMA N.º 9267

HORIZONTAIS: 1 — Declarar. O mesmo que atacadar. 2 — Homem de baixa estatura. Lavram. 3 — Nome de homem. Gosta muito de. Sapo do Amazonas. 4 — Oferece. Trabalhar. Deus dos pastores. 5 — Agarrareis. 6 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Nota musical. 7 — Modificasse. 8 — O mais. Plantas do pé. Pertences. 9 — Saudável. Conjunção. Matemática. 10 — Galinha nova. Em terra estranha. 11 — Guarnecera de asas. Residir.

VERTICAIS: 1 — Libré. Aparo. 2 — Que dura um ano. Prendeis com eles. 3 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Preposição. Base aérea portuguesa. 4 — Preposição e antigo definido. Armadilhas. Viração. 5 — Rio de França. Donativo. 6 — Dois mil e seiscentos em romano. Pronome pessoal (pl). 7 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Pelos de certos animais. 8 — Basta. Manas. Nome de Buda, na China. 9 — Lavra. Aqui está. Maior. 10 — Chorei. Serra. 11 — Causas amuo a. Assistir.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9266

HORIZONTAIS: 1 — Outil. Amiga. 2 — Rana. Taras. 3 — DVI. Não. Ata. 4—Ea. Acolá. Aí. 5— Acasala. 6 — Apor. Rola. 7 — Amas. Rima. 8— Mar. Aba. Sol. 9 — Aralda. Brasa. 10 — Re. Armai. Si. 11 — Astro. Raras.

VERTICAIS: 1 — Ordem. Amara. 2 — Uiva. Amares. 3 — Tai. Apara. 4 — In. Aços. Dar. 5 — Lançar. Aaro. 6—Aos. Ab. 7 — Atolar. Abar. 8— Má. Alar. Ria. 9 — Irá. Alisa. 10 — Gatal. Amassa. 11 — Asais. Alais.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«MOCÂMEDES»	24 de Janeiro	Leixões, Cabinda, Sazaire (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«BEIRA»*	5 de Fevereiro	Luanda, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«ANGOLA»*	12 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes. Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85: TEL. 323021.
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63. TEL. 22438

A C. P. E O CARNAVAL

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 6 de Fevereiro (sexta-feira), até ás 12 horas de domingo, dia 8, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até ás 24 horas de terça-feira, dia 10.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

14/70

Eu, António Victorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço publico que, tendo em vista a circunstância de a Azinhaga do Carrascal, também designada vulgarmente por Calçada do Carrascal, se encontrar, actualmente, dividida em dois troços distintos, o que torna difícil a sua conveniente identificação, resolvi ao abrigo do disposto no n.º 4 do art.º 50.º do Código Administrativo e no uso da competência que me confere o art.º 102.º do mesmo Código, que o troço do citado arruamento compreendido entre a Calçada da Picheleira e a Rua Frei Fortunato de São Boaventura, mantenha a denominação de AZINHAGA DO CARRASCAL e o troço compreendido entre a Rua do Sol, a Chelas e a Rua Eng.º Maciel Chaves, passe a denominar-se CALÇADA DO CARRASCAL.

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Lisboa e Paços do Concelho, em 16 de Janeiro de 1970.

O Presidente
António Victorino França Borges

Necrologia

FUNERAIS

Joaquim Romão Duarte

Da capela do Hospital do Ultramar para o cemitério da Ajuda, efectuou-se, esta manhã, o funeral do sr. dr. Joaquim Romão Duarte, de 63 anos, natural de Santarém, director-geral do Ensino do Ministério do Ultramar.

O extinto era licenciado em Filologia Germanica pela Faculdade de Letras de Lisboa e professor efectivo do Liceu Passos Manuel, tendo sido reitor do Liceu Gil Vicente, em Lisboa.

A carreira docente do sr. dr. Joaquim Romão Duarte teve começo em Faro, em 1938. De 1944 a 1948, foi reitor do Liceu de Portimão, e de 1948 a 1951 desempenhou idênticas funções no Liceu da Guarda. De 1955 a 1961, exerceu o cargo de comissário-adjunto da Mocidade Portuguesa, tendo depois sido nomeado director-geral do Ensino do Ultramar.

O sr. dr. Joaquim Romão Duarte era casado com a sr.ª dr.ª D. Maria da Conceição Pinto Caimoto Romão Duarte e pai dos srs. capitão José António Caimoto Duarte e do dr. Joaquim Rafael Caimoto Duarte.

D. Laura Albertina Augusta da Silva Pimenta

PORTO, 22. — Com grande acompanhamento, foi hoje a sepultar no cemitério do Prado do Repouso, a sr.ª D. Laura Albertina Augusta da Silva Pimenta, de 84 anos, ontem falecida na sua residência, na Rua de Miraflor, 3.

A virtuosa senhora era tia dos srs. David Rodrigues Barrote, do Centro de Informação e Turismo de Macau; Alberto Rodrigues Barrote e António Rodrigues Barrote, da redacção do nosso prezado colega «O Comércio do Porto» e tia-avó dos srs. Manuel José Beleza Barrote, D. Maria de Lourdes Beleza Barrote Cortês e Jorge Pereira Rodrigues Barrote, ausentes em Angola, e do sr. Fernando António Pereira Rodrigues Barrote, da delegação do nosso prezado colega «O Século».

À família enlutada, em especial aos nossos camaradas António e Fernando Barrote apresentamos sentidas condolências.

José Mateus

PONTE DE SOR, 22. — Realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento, o funeral do sr. José Mateus, agricultor, falecido na freguesia de Montinho, onde residia. Contava 75 anos, era casado, natural de Montargil, e geralmente estimado.

D. Carolina Emília Ferreira

PORTO, 22 — Na sua residência no Bairro da Tapada, ás Fontainhas, faleceu a sr.ª D. Carolina Emília Ferreira, de 76 anos, viuva, mãe do nosso colaborador sr. António Abel, secretaria da Redacção do nosso prezado colega «O Norte Desportivo».

O funeral sai amanhã, ás 15 e 30, daquela residência para o cemitério do Prado do Repouso.

À família enlutada, em especial ao sr. António Abel, as nossas condolências.

Em três linhas

O eng.º Abílio Coxito Granado foi exonerado de delegado do Governo junto da Hidroeléctrica do Alto Catumbela e nomeado administrador da mesma empresa por parte do Estado.

///

Nos cargos de vice-presidentes das camaras municipais de Ponte da Barca e de Mogadouro foram reconduzidos os srs. Gonçalo Lobo Bouças e tenente João Varão.

///

Foram reconduzidos nos cargos de presidentes das camaras municipais do Entroncamento e Ponte da Barca os srs. Eugénio Dias Poitout e Joaquim José Meira Arriscado Guimarães.

«Operação Saudade»

Vindo da Guiné, chegou hoje a Lisboa o primeiro cabo António Nobre dos Ramos, de Messejana, Baixo Alentejo, premiado pela «Operação Saudade», do Movimento Nacional Feminino.

Ordem dos Advogados

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

Assembleia Distrital Ordinária

Nos termos do artigo 606.º, n.º 1, e para os efeitos do artigo 608.º, n.º 1, do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de S. Domingos, 14, 1.º andar, no dia 27 de Fevereiro, às 15,30 horas, a fim de apreciar e votar as contas do ano civil de 1969.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1970.

O PRESIDENTE,
José Manuel da Silva Ramos

DESENHADOR DE PUBLICIDADE

Com experiência de maquette e de arte final. Indicar curriculum e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 414.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

EMPREGADO DE BALCÃO COM BASTANTE PRÁTICA.

PRECISA-SE: E. I. E. L. — RUA DA BOAVISTA, 84

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

Concurso público para a arrematação do fornecimento dum conjunto de máquinas para escolha e calibragem de fruta

Faz-se público que pelas 15 horas do dia 23 de Fevereiro de 1970, se procederá, na sede desta Junta, Rua Rodrigo da Fonseca, 8 — Lisboa, ao concurso público acima designado.

O processo deste concurso encontra-se patente na Rua Alexandre Herculano, 51-8.º, em Lisboa, todos os dias úteis, nas horas de expediente, onde, também, serão prestados todos os esclarecimentos.

O depósito provisório é de 25 000$00.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1970

Pel'O PRESIDENTE
A. Cândido Ferreira

EXCURSÃO DA C. P.
ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ
8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha.

Preço .... **560$00**

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

GRÉMIO DAS GARAGENS E ESTAÇÕES DE SERVIÇO DO SUL

Rua da Palma, 272, 1.º — LISBOA

CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do art.º 26.º dos Estatutos do Grémio, é por este meio convocada a reunião da Assembleia Geral Ordinária para o dia 29 do corrente mês, quinta-feira, pelas 21.30 horas, na sede da União de Grémios dos Lojistas de Lisboa, Rua Castilho, n.º 14, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1970/1972.
— Apreciar as diligências efectuadas e em curso quanto à melhoria de comissões na revenda dos carburantes.

Não havendo número legal de sócios para que a Assembleia possa funcionar à hora acima indicada, fica desde já convocada, nos termos do § 3.º do art.º 23.º dos mesmos Estatutos, para as 22 horas, no mesmo dia e local, com a mesma ordem de trabalhos, funcionando com qualquer número de sócios.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pel'A Electro Central Vulcanizadora, Ltd.ª
JOSÉ GONÇALVES LEITÃO

CASA SENHORIAL

DENOMINADA CASA DA GARRIDA

SÉCULO XVIII

PONTE DE LIMA

Verdadeiro Monumento arquitectoral.
Vende-se c/ grande quintal — Vila de Ponte de Lima — Capela com azulejos do séc. XVIII. Motivo: Partilhas Judiciais. Muito Urgente.

Carta com proposta ao n.º 117 da Delegação deste Jornal (prazo máximo 20 DIAS) Rua do Almada, 30, 2.º — Porto.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

GRUPO VII — CONCURSOS A VIGORAR EM 1970, PARA FORNECIMENTO DE:

— Ampolas de vidro para injectáveis.
— Cápsulas de gelatina.
— Compressas de gaze.
— Medicamentos (concursos n.ºs 1 e 6).
— Moldes de plástico para supositórios.
— Produtos químicos.
— Sistemas para administração de soluções.

Até ás 17.30 horas do dia 2 de Fevereiro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13.30, as condições para os concursos em referência.

LISBOA, em 20 de Janeiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

ARTUR LOURENÇO FERNANDES

FALECEU

Isaura Dias Viana Fernandes, Ruben Dias Viana Fernandes e sua mulher, Artur José Dias Viana Fernandes e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido sogro, avô e parente, cujo funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. Mamede para Jazigo de família no Cemitério de Santo André de Tojeiras.

AGÊNCIA MEGA

Artur Lourenço Fernandes

FALECEU

A Administração da Papelaria Fernandes, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Fundador e Presidente do Conselho de Administração, cujo funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. Mamede para Jazigo de família no Cemitério de Santo André de Tojeiras.

AGÊNCIA MEGA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

TOTOBOLA

Ao que parece, nunca os diversos apresentadores da rubrica «Vamos jogar no Totobola» conseguiram, através da TV, um almejado 13. Julgamos bem que não, o que não impede uma continuidade util desta rubrica, para os interessados.

Assim, cerca das 20 e 15, Artur Agostinho tenta dar uma «ajuda»...

SANGUE NA ESTRADA

Pelas 20 e 30, Joaquim Filipe Nogueira apresenta a sua rubrica «Sangue na Estrada», focando problemas e casos da segurança rodoviária, trazendo a publico considerações e reparos pertinentes.

TV JAZZ

Cerca das 20 e 45, via Eurovisão, a R. T. P. apresenta mais um programa dedicado ao 4.º Festival de Jazz de Molde (Noruega), de 1969.

Participa o Quarteto de Jan Garbareck, com o titular em sax; Torje Rypolal, guitarra; Arild Andersen, contra-baixo; e Jon Christensen, bateria.

Comentários de Manuel Jorge Veloso.

Tony Franciosa é o protagonista do episódio desta noite da série «O Jogo da Vida». Com ele contracena uma figura feminina bem conhecida da crónica mundana e famosissima pelas suas «excentricidades».

«O JOGO DA VIDA»: «A RESPOSTA NEGRA»

«Uma bomba incendiária destroi um jornal afro-americano. Morre no incêndio um amigo de Dillon, e este resolve descobrir o culpado. É incriminado Joe X, chefe de um grupo militante. Mais tarde, vem a provar-se, graças ao interesse e persistência de Dillon, que...»

É este o tema do episódio de hoje da série «O Jogo da Vida». Intitula-se «A Resposta Negra», e é exibido cerca das 22 e 5, tendo como principal intérprete o actor italo-americano Tony Franciosa.

II PROGRAMA O PENÚLTIMO «ZIP-ZIP»

Toda a emissão é preenchida pelo penúltimo programa (31.º) da série «Zip-Zip», produzida e apresentada por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Luis Andrade.

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 25: Estaleiros Navais; 21: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 212 e 5: Concerto; 212 e 30: A Brigada Especial; 28 e 25: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «As Aventuras do Capitão Wyatt»; 23 e 25: Fecho.

canal da crítica

ONTEM: MAIS UM MILAGRE DE SANTO ALEIXO

I

Dizer de como foi bom assistir à emissão de ontem do «Panorama do Teatro Português» será talvez pouco dizer. Foi bom não pela qualidade do texto, não pela qualidade da interpretação, não pela qualidade da realização. Não por nenhuma qualquer razão especial dessas, e pode dizer-se que à revelia um tanto delas. Foi bom assistir ao «Auto de Santo Aleixo» por essa boa companhia que a inteligência sempre faz. A inteligência e o amor das coisas.

II

A novela «*O Retrato de Ricardina*», de Camilo Castelo Branco, não se nega que tivesse popularidade no seu tempo. Nem se nega o valor de «*clavigo*» na expulsão das declamações gregas e troianas. Simplesmente, só o trabalho onde o génio da arte se manifesta tem a capacidade para interessar os homens das mais variadas épocas. Foi muito importante, no seu tempo, a charrua de madeira, mas agora quem a usa? Foi muito importante gatinhar na nossa infância — mas depois de adultos só se anda a quatro por fatalidade irrevogável e mesmo assim em sentido figurado.

As obras mencionadas serviram de recheio há bem pouco tempo ainda, a «noites de teatro» que tão tristemente ficaram na memória do publico. Porquê? Fundamentalmente porque se pretendeu que o publico de hoje tivesse os mesmos gostos do antigo publico.

III

O texto de Baltasar Dias, autor do «Auto de Santo Aleixo», não possui um mínimo de qualidade literária capaz de vencer a corrente do tempo. Apenas se poderia alegar em sua defesa o facto de ser correcta a verificação se isso nos ajudasse a concluir daí não ter sido Baltasar Dias de todo inculto, como pretende Luciana Picchio. Infelizmente não sou tão optimista como a estudiosa italiana do nosso teatro.

Assim sendo, e porque o reconheceu ainda ontem na apresentação do «Auto» outro estudioso do teatro português, o que terá motivado a sua vinda até nós? O próprio responsável do «Panorama» explicou: uma literatura não se compõe só de génios e além disso há certas tendências, certas correntes ou actividades que importa historiar ainda mesmo que os seus representantes, na literatura, não passem a fasquia. Não o esqueçamos que preside a este programa uma finalidade didáctica — e assim sendo é natural que o nome deste e de alguns outros balta-

(Continuação da pág. anterior)

Rádio

PROGRAMAS DE AMANHÃ

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 17: Noticiário — Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 119.º episódio do folhetim «Roça»; 21 e 05: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades no Estudio; 212 e 30: Musica ligeira, 23 e 05: Programa da Noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 24: Fecho.

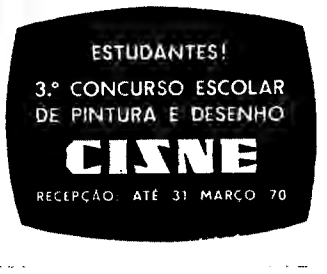
2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 22: Musica de Barroco Italiano: Sonata em ré maior, op. 14 n.º 4, de Tessarini, por Jean-Pierre Rampal (Flauta) e Ruggero Gerlin (Cravo); 16 e 30: 1.º acto da ópera «Tristão e Isolda», de Wagner; 18: Musica do século XX — Obras de Lutoslawsky; 19 e 10: Folclore Português: Musica Regional da Beira Alta, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: A Cantata Aldeã, de João Sebastião Bach; 211: Musica de Camara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de canto por Maria Cristina de Castro, com a colaboração da pianista Regina Cascais; 212 e 09: Trio de Camara: variações sobre um tema de Mozart, em dó maior, de Beethoven, por Hans Kamesch e Manfred (oboés) e Hadamousky (corne inglês); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — 23: O cravista Ralph Kirkpatrick, na interpretação da: Suite Inglesa n.º 6, em ré menor, de Bach; 23 e 30: Festival de Liège de 1969, em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Belga: parte do 4.º programa da série «Monteverdi, Origem da Musica Moderna»; 0 e 21: Quarteto n.º 112, em mi bemol maior, op. 127, de Beethoven, pelo Quarteto n.º 12, em mi bemol maior, op. 127, de Beethoven, pelo Quarteto de Cordas Hungaro; 1: Fecho

Rádio Universidade — 45 m 665 kc/s. — Às 19 e 10: Aventura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290, 3 m — 1034 kc/s. — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande Roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tallismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-Noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.



Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa CDC, 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21: Noticiário; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 212 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 212 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecha.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Audrtório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular:** das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Vox de Lisboa:** das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal:** das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça:** das 14 e 30 ás 19 e 30

MARCA B. DV. 1-69

Esta é a nova pístola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração

comece com DeVilbiss e «acabe» melhor

DEVILBISS

Agentes Gerais: Bethencourt Bros., Ltd. R. Sapateiros, 128-1.º LISBOA — SORIA, Lda. R. Sá da Bandeira, 214-216 PORTO

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas. 3 casas de banho, cozinha, garagem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

zares dias não possam ser ignorados.

IV

Ora entre não ignorar e levar a sério há uma grande distancia. Levar a sério, isto é: apresentar como boa para a eternidade uma obra arrancada de um clima vivo, de uma vivência que a justificava.

O «Panorama do Teatro Português» não nos deu o «Auto de Santo Aleixo» pura e simplesmente: deu-nos o espectáculo de *uma representação* do Auto. Não ouvimos sòmente as palavras, não vimos apenas as personagens que o cego Baltasar viu: ouvimos comentários do publico, assistimos á reacção de uma assistência que visìvelmente não primava pela cultura nem pela inteligência, e ás peripécias dos bastidores. O sinal foi dado logo desde o início, com o publico a movimentar-se com extraordinária naturalidade e a dar uma das notas mais conseguidas de todo o espectáculo.

Este oscilou entre o teatro de bonecos e a representação popular. Teria sido talvez, para manter a genuinidade e unidade do espectáculo, que ele se mantivesse com aquela ultima feição. Mas não há duvida que, de qualquer modo, ao *situar* o «Auto de Santo Aleixo», ao confrontá-lo com as reacções de um publico (de um determinado publico) se criou um foco benéfico de distanciação que salvou o «Auto», o espectáculo e o espectador.

V

Adivinha-se quanto terá sido penoso educar os actores num caminho de aproveitamento das nossas tradições populares de que tão arredios temos andado. A dificuldade foi vencida especialmente por Vítor Ribeiro (com uma ligeira queda para o «bem representar» no final da sua actuação), por Mário Jacques, no melhor trabalho que lhe vimos na televisão, por Rogério Paulo e por João Perry, este grande instinto de teatro em rodagem para um grande nome. Não nos será lícito esquecer Luís Cerqueira, António Sarmento e Manuel Lereno numa pequena mas convincente intervenção em que não declamou nem choramingou — e foi a sua sorte.

As presenças femininas foram todas de fraco, muito fraco nível, destoantes por completo do clima geral da representação. Talvez um pouco de perdão para Maria Alvim...

O realizador Herlander Peyroteu, integrado num trabalho de equipa, fez o seu melhor trabalho de director de TV. A atenção permanente ao foco de interesse e ao pormenor significativo (embora insignificante) contribuiu em larga medida para o impacto do espectáculo junto do telespectador.

João Vieira, nos cenários, e Maria Emília Araujo, nas pinturas, são igualmente dois nomes a não esquecer de um genérico que passou a galope, o que está na base da injustiça de algum esquecimento, aqui.

MÁRIO CASTRIM

JUNTA DE FREGUESIA DO CASTELO

EDITAL

Américo Lopes Rodrigues, Presidente da Junta de Freguesia do Castelo, do 1.º Bairro de Lisboa, faz saber que, ao abrigo do Artigo 212.º do Código Administrativo, tem começo em 1 de Fevereiro do corrente ano, finalizando em 15 de Março p. ft.º, as operações do recenseamento para Chefes de Família que se não encontram inscritos no respectivo recenseamento eleitoral.

Os requerimentos dos interessados podem ser entregues todos os dias úteis na Junta de Freguesia, onde prestam todas as informações necessárias aos interessados das 19 às 21 horas.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1970

O PRESIDENTE
Américo Lopes Rodrigues

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

Concurso público para a arrematação do fornecimento de 4.000 estrados e de 70.000 caixas para a Estação Fruteira da Castanheira do Ribatejo

Faz-se publicar que pelas 15 horas do dia 16 de Fevereiro de 1970, se procederá, na sede desta Junta, Rua Rodrigo da Fonseca, 8 — Lisboa, ao concurso público acima designado.

O processo deste concurso encontra-se patente na Rua Alexandre Herculano, 51-6.º, em Lisboa, todos os dias úteis, nas horas de expediente, onde, também, serão prestados todos os esclarecimentos.

Os depósitos provisórios são respectivamente, de 8000$00 e de 15 000$00.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1970

Pel'O PRESIDENTE
A. Cândido Ferreira

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

A nova máquina de lavar roupa **PHILCO** agora com o **PROGRAMA BIOLÓGICO !!!**

À venda na **SUPERMANOS**

Largo do Mastro, 3 a 9 — Lisboa
DISTRIBUIDORES GERAIS EM PORTUGAL:
Apartado 139 — Porto

Bluebird

A MAIOR FÁBRICA DE CARAVANAS RESIDENCIAIS DA EUROPA

De 23 a 31 de Janeiro:

1ª EXPOSIÇÃO DE CARAVANAS RESIDENCIAIS EM PORTUGAL

MARCAMPO - Artigos de Campismo, Lda
SALÃO DE EXPOSIÇÕES:
Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D • LISBOA 726776
- IMPORTADOR EXCLUSIVO -

ANTÓNIO MARTINS ROCHA

AGRADECIMENTO

Maria Emília de Lemos Rodrigues Rocha apresenta deste modo os agradecimentos muito sinceros a quem tenha de qualquer forma manifestado o seu pesar, especialmente àqueles a quem, por falta de endereços, não pôde apresentar directamente o seu reconhecimento.

DESPORTO

POR 7650 CONTOS...

CRUYFF — DO AJAX PARA O BARCELONA?

AMSTERDÃO, 22 — (A. N. I.) — A direcção do Ajax, clube holandês que comanda a classificação do campeonato local, anuncia que está disposta a prescindir dos serviços do seu melhor jogador, Johan Cruyff, no fim da temporada em curso.

Cruyff, que ainda há dias confirmou as suas excelentes qualidades de jogador no encontro amigável Inglaterra-Holanda, realizado em Wembley, e que acabou sem golos, revelara que estava em negociações com emissários do Barcelona, muito embora a legislação espanhola ainda não permita o contrato de jogadores estrangeiros.

O contrato de Cruyff com o Ajax vai até ao fim da temporada de 1970-71, mas o próprio jogador declarou que o Barcelona estava disposto a pagar ao clube holandês o equivalente a um milhão de florins (7650 contos) pela transferência no fim da temporada em curso.

O presidente do Ajax, Jaap Van Praag, confirmou que o seu clube decidiu, realmente, libertar Cruyff já no fim desta época, caso haja uma oferta de valor, «para se restabelecer a tranquilidade na equipa».

A única condição imposta é que o clube estrangeiro interessado pague uma determinada verba, que só é conhecida do jogador e da direcção do clube.

Por outro lado, há notícias de Espanha que levam a esperar para breve a autorização do contrato de jogadores estrangeiros.

O actual treinador do Barcelona é o inglês Vic Buckingham — exactamente o treinador que levou o Ajax ao auge da sua carreira. E afirma-se que Buckingham virá em breve a Amsterdão para debater a transferência de Cruyff para o clube espanhol.

Cruyff é «problema»

JOGO ANTECIPADO DO «NACIONAL»

O F. C. PORTO VENCEU A CUF (2-0) MOSTRANDO ACENTUADA MELHORIA

• SÉNINHO — (2 golos) concretizou o bom futebol dos portuenses

A equipa do F. C. Porto parte amanhã para São Paulo, a fim de participar no festival comemorativo da inauguração do Estádio do São Paulo F. C. Por esse motivo, foi antecipado para ontem, á noite, o jogo da 16.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, que opôs os portuenses ao G. D. da C. U. F.

A vitória, por 2-0, conseguida, ontem, á noite, no Estádio das Antas, pela equipa do F. C. Porto sobre os barreirenses da C. U. F. não pode sofrer contestação, tão evidente foi a sua superioridade ao longo dos noventa minutos regulamentares.

No entanto, justo se torna realçar o meritório comportamento dos cufistas, a excelente réplica que ofereceram e, sobretudo, o magnífico sentido colectivo que evidenciaram, alardeando apreciável capacidade táctica, que, em alguns momentos do desafio, chegou a perturbar o «onze» portista.

Com efeito, durante os primeiros quarenta e cinco minutos e apesar do domínio territorial dos visitados, o marcador não funcionou. Agrupando-se muito bem no seu meio-campo, com o visível propósito de dificultar a progressão contrária, e deixando a Arnaldo a missão de catapultar para a ofensiva os dianteiros Fernando e Capitão-Mor, a equipa da Cuf para além de não consentir situações perigosas nas imediações da sua baliza pode, ainda, por outro lado e em agradáveis movimentos de contra-ataque, criar alguns problemas delicados para o guarda-redes Vaz e desperdiçar até algumas situações de golo possível.

Jogo no Estádio das Antas, no Porto.

Árbitro: Maximiano Afonso, de Lisboa.

F. C. PORTO — Vaz; Sucena, Valdemar, Vieira Nunes e Leopoldo; Rolando («capitão») e Gomes; Pavão, Chico, Pinto e Nóbrega.

Na segunda parte, Sèninho entrou, porque Leopoldo saiu, e, a otto minutos do fim, Ricardo rendeu Rolando.

C. U. F. — Vítor Cabral; Bambo, Vítor Marques, Medeiros e Castro; Pedro, José António, Sério e Arnaldo; Fernando («capitão») e Capitão-Mor.

Golos de Sèninho, aos 4 e aos 9 minutos do segundo tempo

Vieirinha tentou o «golpe»

Na segunda parte a equipa portista apresentou-se com rectificações no seu processo de jogo e de moldo a tentar abrir clareiras na defensiva da Cuf propícias ás infiltrações dos seus avançados. O treinador Vieirinha substituiu Leopoldo por Séninho com o evidente propósito de dotar a sua equipa com mais um homem com rotina atacante. E de tal modo o brasileiro do F. C. Porto interpretou o pensamento do seu técnico que em breve os golos surgiram e antes dos dez minutos após o recomeço os portistas tinham alcançado já dois golos.

Então toda a equipa «azul-branca» exibiu-se em grande plano, com jogadas alternadas pelos dois flancos de ataque e trocando bem a bola com todos os seus jogadores em movimento a equipa deixou antever a possibilidade de um retorno breve ao seu verdadeiro nível.

Apesar, porém, desse apreciável labor dos visitados, os «cufistas» não se entregaram. Continuaram a bater-se com o mesmo apego e sabor, valorizando a actuação do F. C. Porto. E até final sempre no mesmo jeito de contra-ofensiva, os visitantes continuaram a apoquentar a baliza dos «portistas» criando mesmo situações embaraçosas para o guarda-redes Vaz.

Maximiano Afonso produziu trabalho aceitável.

Meirim nas bocas do mundo

Outra vez Meirim. O discutidíssimo treinador de futebol volta a andar nas bocas do mundo, agora devido a um convite que lhe foi dirigido pelo União de Tomar — muito preocupado com a sua posição no campeonato.

Consideraram os dirigentes tomarenses que a grande tábua de salvação seria a de contratar Meirim. E fizeram-lhe uma proposta que, ao que se diz, é realmente muito tentadora. Mas a atitude tomada pelo já famoso treinador (que ás vezes pode exagerar no «pitoresco» das suas declarações) foi a de um homem de carácter: ele apressou-se a frisar que estava comprometido com o Varzim, convidando o clube que o pretende a expor a sua pretensão á colectividade da Póvoa. Jogo limpo, leal.

Meirim pode não vir a ganhar o muito dinheiro com que lhe acenam — mas ganhou prestígio com esta atitude.

PARA O «MUNDIAL»

OS BRASILEIROS CONTAM COM TOSTÃO

RIO DE JANEIRO, 22 — (R.) — O «astro» do futebol brasileiro Tostão, aguardando ainda o veredicto médico final após uma operação que sofreu a um dos olhos, deverá quase de certeza jogar pela selecção do Brasil que disputará no México a Taça Mundial de Futebol, segundo revela a noite passada nesta cidade o jornal «Ultima Hora».

O jornal diz que o seleccionador da equipa brasileira, João Saldanha pedira a Tostão para ignorar notícias de que não estaria apto a disputar a Taça Mundial, acrescentando: «Continuas a fazer parte da equipa e em Março principiaremos com os treinos»

Pelé e Tostão — os dois avançados em quem os brasileiros confiam para que a sua selecção marque muitos golos, no México. Aqui os vemos, em acção, num dos jogos contra o Paraguai, na fase d qualificação

Tostão, o melhor marcador do Brasil na fase de qualificação para a taça «Jules Rimet», foi submetido há quatro meses em Houston a uma operação de descolamento de retina. Espera-se que regresse a Houston em 2 de Fevereiro para ser sujeito a um exame final.

O jornal declara que os médicos de Houston se mostravam satisfeitos pela operação ter sido um êxito e por Tostão poder voltar de novo a jogar futebol.

Tostão, que festeja no próximo domingo o seu 23.º aniversário natalício, recebeu anteontem á noite o troféu que lhe foi conferido como o melhor desportista brasileiro de 1969.

Adiado para o dia 29 o França-Portugal (juniores)

Foi adiado para quinta-feira, dia 29 o encontro de futebol entre as equipas de juniores de Portugal e da França, a contar para a fase de qualificação do Torneio Internacional da U. E. F. A. e que deveria realizar-se amanhã, em Paris.

O encontro disputar-se-á tal como estava previsto, no Parque dos Príncipes e a selecção portuguesa partirá para a capital francesa na próxima terça-feira, dia 27, ás 15 e 30.

O Ajax venceu o Nápoles (4-0) com três golos (de Suurendonk) no prolongamento

AMESTERDÃO, 22. — (A. N. I.) — O Ajax venceu o Nápoles por 4-0, com três golos obtidos no prolongamento por um jogador que ficara como suplente, Suurendonk.

Na primeira «mão» dos oitavos de final da Taça das Feiras, o Nápoles ganhara por 1-0. Hoje, no tempo regulamentar, o Ajax conseguiu um só golo, de Swart, aos 35 minutos.

Os primeiros quinze minutos decorreram sem golos. E então, numa sequência rápida, registaram-se os três tentos da vitória, aos 108, 112 e 114 minutos.

ASSEMBLEIA-GERAL DO BELENENSES

Está convocada para esta noite a reunião da assembleia geral ordinária do Clube de Futebol «Os Belenenses», para eleição do presidente da direcção daquele clube para o biénio 1970/1971.

A sessão, que tem o seu início marcado para as 21 e 30, realiza-se no Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém.

Hóquei em patins

O BENFICA EM ITÁLIA

A equipa de hóquei em patins do Benfica inicia esta noite, em Novara, a sua participação no torneio internacional organizado naquela cidade italiana.

Os portugueses são considerados os principais favoritos da competição.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

A equipa do C. D. U. L. venceu, ontem á noite, a da Faculdade de Ciências por 3-0 (15-2, 15-1 e 15-10) em jogo a contar para o campeonato de Lisboa de Seniores.

Em juvenis o Benfica ganhou ao Lisboa Ginásio também por 3-0

BASQUETEBOL

A contar para o campeonato nacional feminino de basquetebol da 1.ª divisão, defrontaram-se ontem á noite, em Setubal, no pavilhão do Naval Setubalense, as equipas do Vitória de Setubal e da C. U. F.

Saiu vencedora a turma setubalense por 25-20.

«RESERVAS»: BELENENSES, 1-BENFICA, 1

POUCO SE VIU (COM TAL NEVOEIRO...)

Quando se atingiu o final da primeira parte deste Belenenses-Benfica, em reservas, não tínhamos ainda tomado qualquer apontamento. O jogo, envolvido no denso nevoeiro que se havia formado, não dera motivo a isso.

Nem uma oportunidade de golo, nem um lance ligado, nem uma proeza individual, nem um remate bem dirigido ou uma defesa espectacular. Tudo se diluía naquele londrino «puré de ervilhas».

Os futebolistas não se entendiam uns com os outros e, a maioria das vezes, entregavam o esférico a um adversário. Um desafio apático, desorientado e desorientador.

Felizmente que, no segundo tempo, algo se modificou. Talvez por melhor adaptação ás condições climatéricas as equipas subiram imenso nesta fase. Não que tivessem chegado ao brilhantismo mas, não passando do razoável, tinham, no entanto, conseguido sair do nada.

Para tanto concorreu a obtenção do golo do Benfica, marcado aos 2 minutos. Abel infiltrou-se pela direita, centrou com boa conta e Nené, de cabeça, enfiou o esférico nas redes.

A verdade é que o tento despertou as turmas, particularmente a do Belenenses, inconformada com a desvantagem. Após o golo «encarnado», os «azuis» adiantaram as suas linhas e deram á sua acção um tom eminentemente ofensivo.

Buliçosos, insistentes, os belenenses acercaram-se, uma e outra vez, numa teimosia louvável, da grande área do visitante. A experiente defesa do conjunto da Luz suportou o embate mas a pertinácia dos donos do campo não abrandou.

Nesse período deu nas vistas o irrequietismo de Gomes, novo recruta de Belém, que, embora baixo, se eleva com bom tempo de salto e é ágil como os que o são. Há evidente inexperiência no incipiente jogador, recentemente chegado de África, mas, apesar desse contra, o rapaz deixou indicações positivas.

O facto é que a pertinácia de Belém não ficou por premiar. Quinito apontou um «livre», aos 27 minutos, e Quaresma, que acudira á frente, cabeceou com a conta devida. Era o empate, fomentado por um «onze» que o buscara com denodo.

Como acontecera com o Belenenses, a melhorar depois de estar a perder, também o Benfica não se contentou com a posição de igualdade. O encontro conheceu então vivacidade, acabando em nível infinitamente superior do que o que apresentara de início.

O «quarteto» defensivo do Benfica portou-se á altura das circunstancias e, nos outros sectores, Abel e Matine cotaram-se como os de rendimento mais certo.

Cardoso e Quinito salientaram-se no Belenenses, satisfatóriamente secundados por Quaresma e Canário.

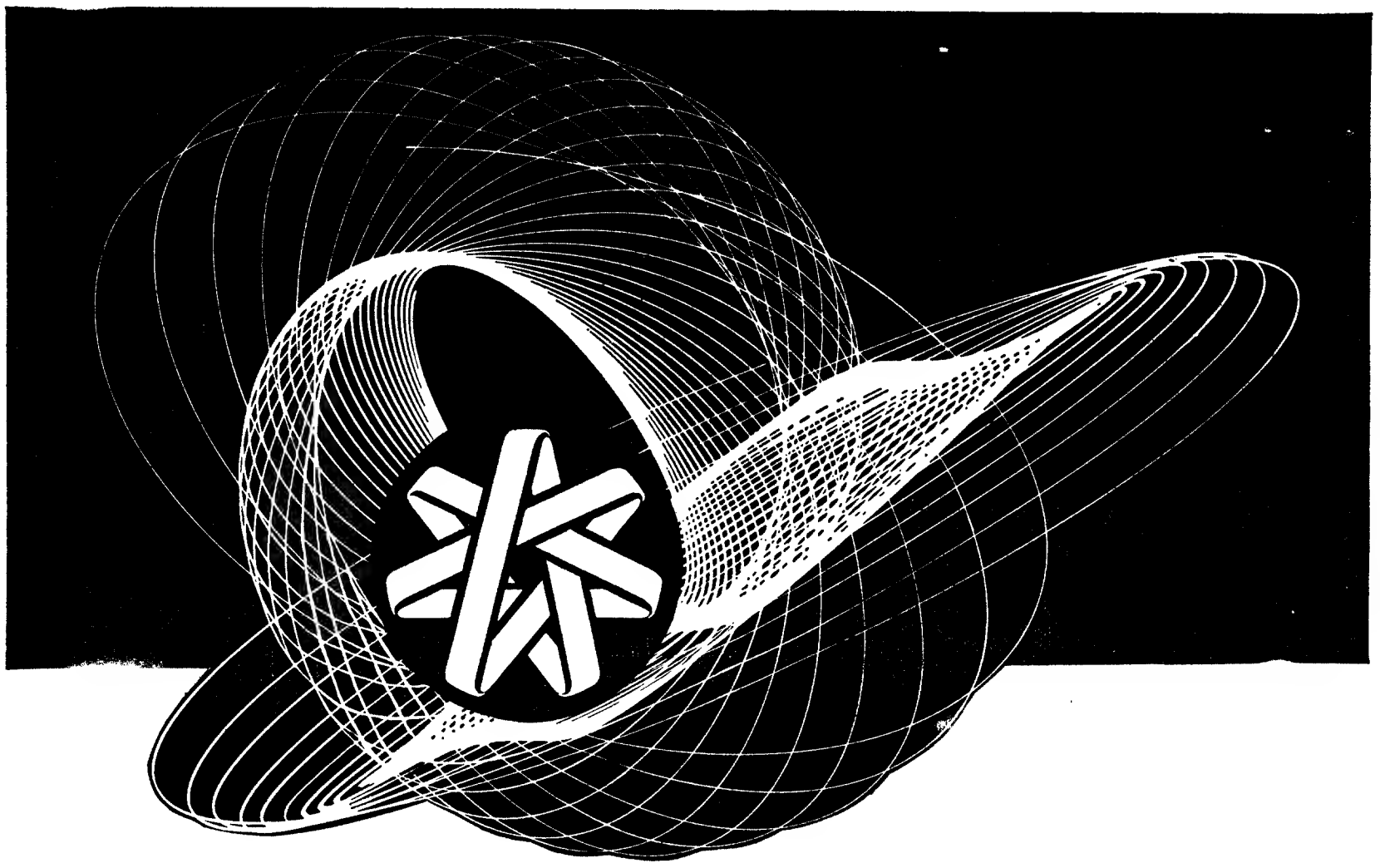
Arbitragem aceitável, com o senão de alguns benefícios ao infractor, de Armando Castro.

Equipas:

BELENENSES — Ferro; Assis, Quaresma, Cardoso e Esteves (Franquelim); Luciano e Virgílio (Quinito); Gomes, Canário, Valter e Godinho.

BENFICA — Porfírio; Fernandes, Zeca, Marques e Cruz; V. Martins (Calado) e Matine; Praia, Antoninho, Abel e Nené.

FRANCISCO CAMILO



NA LINHA DA EVOLUÇÃO.

Valorize as suas economias, participando no processo de evolução sócio-económica do País.
Ajude a traçar, connosco, as linhas do futuro.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SER
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

CARTAZ DOS CINEMAS

A MORTE DE UM PISTOLEIRO — POLITEAMA
MEIAS PRETAS — EDEN
SWEET CHARITY — MUNDIAL e VOX

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 21.45
NOITE DE ESTREIA
SHIRLEY MACLAINE no famoso filme
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
Rua Bulhão Pato (à Av. Roma)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor - Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais** e **Roger Hanin**

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 3.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme gigante
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DO CINEMA INGLÊS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
OS INOCENTES, de Jack Clayton
com Deborah Kerr e Michael Redgrave, etc.
Dia 26: **«A Única Ambição»** (Adultos)

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo
2.ª SEMANA
MISSÃO NO ÁRCTICO
Panavision Metrocolor
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine, Jim Brow**
70 mm

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 horas
Magistrais interpretações de **Katharine Hepburn, Yul Bryner, Danny Kaye** e muitos mais artistas!
A LOUCA DE CHAILLOT
A maior sátira social de todos os tempos!

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 21.45 — **ESTREIA**
Um dos melhores espectáculos da história do cinema
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
c/ Shirley MacLaine, Sammy Davis Jor.
METRO: **Estação Picoas**

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 6.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs 54153/4
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
(Óscar para o melhor realizador)
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katharine Ross**

No DOMINGO, dia 25, às 11 horas da manhã
Cinema com critério — patrocínio do C. C. C.
A iniciar as sessões quinzenais aos domingos de manhã, o ciclo «A Responsabilidade na Vida»
«O SALTO» — M. 17 anos
Bilhetes á venda nas bilheteiras deste cinema

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Quem é Jack? Temido pelos reis, adorado pelas cortesãs, idolatrado pelo povo
ONDE ESTÁ O JACK?
STANLEY BAKER e FIONA LEWIS

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
SINFONIA DA VIDA

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
O HOMEM QUE MATOU BILLY THE KID
com **Peter Lee Laurence** e **Fausto Tozzi**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 21.45 — **ESTREIA**
Victor Henry e **Susan George** em
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
Às 18.30 — Últimas — (M. 12 anos) — **«Comando Suicida»**

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.30
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRCTICO
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine**
Panavision — Metrocolor

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
10.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 3.ª SEMANA
Ingrid Bergman e **Walter Matthau**
A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
À 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!
o par mais sensacional do momento

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma avalancha de emoções!
NA PISTA DOS DIAMANTES
com **Richard Johnson** e **Honor Blackman**

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
A RAPARIGA DA PISTOLA ENTRE DUAS LÁGRIMAS

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — **ESTREIA**
Um filme de excepcional nível em realismo dramático
A MORTE DE UM PISTOLEIRO
com **Richard Widmark** e **Lena Horne**
TECHNICOLOR
HOJE, ÀS 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
MARIA ISABEL
com **Silvia Pinal** e **José Suarez**
A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga...
— EASTMANCOLOR —

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
Um filme de acção e «suspense»
OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA
com **Robert Hossein** e **Anouk Aimée**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
O 41.º
O GRANDE INDUSTRIAL

OUTROS ESPECTÁCULOS

COLISEU
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «Não matar» (17 anos).

Não há segredo no êxito da revista «Esperteza Saloia»

Por todos os motivos, a revista «Esperteza Saloia», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites, no Teatro Maria Vitória, em 4.º mês de representações, é um grande espectáculo: pela graça do texto, beleza da música, categoria de montagem e guarda-roupa e excelência da interpretação, a cargo de alguns dos melhores artistas do nosso teatro musicado. À frente do elenco, estão os artistas Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes, Dora Leal, e ainda as atracções Helena Tavares e «The Melodies», os artistas Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola, um gentil friso de jovens actrizes e um escultural e alegre «Ballet» internacional.

O público riu, durante toda a revista, como nunca riu num espectáculo do género, e é esse o grande motivo do enorme êxito de «Esperteza Saloia».

CINEARTE — Às 21: «O cardeal» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Desilusão» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Gangsters em Roma» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Massacre no Forte Perdição» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Massacre» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Rocco e seus irmãos» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Com os olhos vendados» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Interlúdio de amor» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Romeu e Julieta» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «Antes do inverno chegar» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «O mistério da ilha maldita» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «História de um assalto».
UNIVERSAL — Às 21: «10 000 dolares para um massacre» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Onde está o Oscar?» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Serafino» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Kiowa» e «Teia de Aranha» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: Programa de Variedades «Bang-Bang»

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Grande Pistoleiro» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Orfeu Negro» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A Maldição da Glória» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às [illegible] e ás 21 e 30: «O Homem que Matou Billy the Kid» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os Boinas Verdes».

● Linha de Sintra
VENDA NOVA — Cine-Portugal — Às 21 e 15: «Os Comediantes» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Mata-me Depressa que Tenho Frio» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Os Teus, os Meus e os Nossos» e «A Fera e o Flecha» (17 anos)
MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «O Vingador Atira Primeiro» (12 anos)
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Esplendor na Relva» (17 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G
AJUDA — **Moura**, Trav. do Memória, 55 (630944) ✲ **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — **Bairrão**, R Prior do Crato, 25 (661821).
ALMIRANTE REIS — **Confiança**, Av. Almirante Reis, 46 (42458).
ALVALADE — **Zil**, Av. da Igreja, 9-D (711780) ✲ **Roma**, Av. de Roma, 85-B (772466) ✲ **S. João de Deus**, R Pedro Ivo, 1-A-B (725140).
AMOREIRAS — **Britânica**, Trav. Língua do Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — **Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727800) ✲ **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — **Alcântara**, Av. da Repub., 74-A (771379) ✲ **Vale**, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ **Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27 n.º 41 (311216).
BAIXA — **Fernandes**, R. de S. José, 187 (326476) ✲ **Azevedo, Filho**, Pr. de D Pedro IV, 31 (327478).
BENFICA — **União**, Est. de Benfica, 592-594 (700092) ✲ **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — **Lobet**, R. de Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ **União**, R. Saraiva de Carvalho, 149 (663643).
CAMPOLIDE — **Salutar**, Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade (683694) ✲ **Pinto**, R. de Campolide, 141 (682610).
CONDE REDONDO — **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (553468).
ESTRELA — **Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFÂNIA — **Mundial**, L. D. Estefânia, 9 (45578).
GRAÇA — **Ziller**, R. de S. Tomé, 54-56 (862835).
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R. do Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Alam. das Linhas de Torres, 93-A-B (791181).
MADRAGOA — **Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102 (662631).
OLIVAIS — **Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (311237)
PENHA DE FRANÇA — **Central da Penha**, Rua Penha de França, 58-60 (849245) ✲ **Vitális**, Rua Morais Soares, 66-A (843011).
PICHELEIRA — **Luzmar**, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — **Albano**, R. da Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — **Baptista**, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST.º AMARO — **Correia de Azevedo**, R Luís de Camões, 42-B (638625)
S. BENTO — **Maz Teixeira**, Rua Poço dos Negros, 115 (679961).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas**, Rua Zófimo Pedroso, 111-B (381186) ✲ **Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Frazão**, R. da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)
PALHAVÃ — **Canto**, Est dos Laranjeiras, 202-B (780841)

● Linha de Cascais
ALGÉS — **Branco** — Av Comb G. Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva** — Av Patrão Lopes 4 (Tel. 2432039).
OEIRAS — **Central**, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — **Aisir**, Av Gago Coutinho (Bairro dos Caixas de Previdência) (Tel 2472948)
ESTORIL — **Parque** — Arcadas do Parque, 3 (Telef 260 191)
CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef 280214)

● Linha de Sintra
AMADORA — **Cavaco** — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); **Flama** — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira), 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — **Confiança**, Est Militar, Lote D (Tel 971028).
QUELUZ — **Gil**, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117) ✲ **Simões Lopes**, Av Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (T 29100121).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** — L. Rainha D. Amélia (Tel. 980058).
COLARES — **Colares** — Abreiro (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10, (284187).
ALHOS VEDROS — **Portugal** Avenida da Bela Rosa 8 (Telef 224250)
ALMADA — **Central** R de Olivença, 11 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** Est Nacional [illegible]-B (224 41)
BARREIRO — **Santa Marta**, Rua do Lavradio, 77-C (22724?)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues**, P 5 de [illegible] 62 — (270 21)
MOITA — **União Matense** Av Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — **Moderna** R Bulhão Pato, 60 (230 56)
SESIMBRA — **Leão** Av Valazar (Tel 22947)
SETUBAL — **Bocageana** — R do Romeu (Tel 23425), **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Tel 23330).
SEIXAL — **Soromenho**, Rua Paiva Coelho 38 (22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla. idem e feriados 382069.**
BOMBEIROS — **Sapadores 322222 Voluntários, 538524**
POLICIA e G N. R — **Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural). 36865**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José. 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.**
TRANSPORTES — **Aeroporto 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço). 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511**

BOM APETITE

CASTANHEIRA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Willy Brandt propôs a abertura de negociações com a Alemanha Oriental

BONN, 22 — (F. P.) — O chanceler Willy Brandt enviou, hoje, uma mensagem ao seu colega leste-alemão Willi Stoph, propondo-lhe a abertura de conversações entre as duas Alemanhas.

Ao terminar a reunião semanal do Conselho de Ministros, o informador governamental Conrad Ahlers indicou que o texto da carta fora aprovado, esta manhã, pelo Gabinete federal. Um secretário de Estado partiu imediatamente para Berlim-Leste, para entregar a mensagem ao seu destinatário. O texto só amanhã será divulgado, quando Willi Stoph estiver de posse do documento.

Ahlers limitou-se a precisar que a carta do chanceler se situa na linha do relatório sobre o Estado da nação apresentado a semana passada no Bundestag.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco; o céu estava muito nublado ou encoberto nas regiões do Norte e Centro, onde caíam chuviscos e havia nevoeiro, e pouco nublado no Sul.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 11°; Faro, 7°; Funchal, 14°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 7° e Porto, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 14°; na água do mar: 13°,5.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro, céu muito nublado ou encoberto, condições favoráveis á ocorrência de nevoeiro matinal, períodos de chuvisco ou chuva fraca em especial no litoral. No Sul, céu geralmente pouco nublado. Em todo o território, vento fraco.

Amanhã:
Nascer às 8 e 50
Ocaso às 18 e 47

Hoje Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 4 e 22 (3,8 m); 16 e 49 (3,6 m). Dia 23 — 4 e 58 (3,9 m); 17 e 20 (3,6 m). Dia 24 — 5 e 30 (3,9 m); 17 e 47 (3,6 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 10 e 07 (1,2 m); 22 e 11 (1,2 m). Dia 23 — 10 e 37 (1,1 m); 22 e 14 (1,2 m). Dia 24 — 11 e 08 (1,1 m); 23 e 14 (1,1 m).

Represália da Pérsia

TEERÃO, 22 — (R.) — O Governo iraniano, como represália contra a expulsão do seu embaixador em Bagdad, intimou hoje o embaixador do Iraque nesta cidade e os seus três colaboradores a abandonarem o país dentro de 24 horas.

As autoridades locais também ordenaram o encerramento de todos os consulados iraquianos e a expulsão de todo o pessoal desses consulados.

IONESCO ACADÉMICO

PARIS, 22 — (F. P.) — Eugene Ionesco foi eleito para a Academia Francesa. Ionesco teve 18 votos, sendo eleito logo ao primeiro escrutínio. Havia 34 académicos presentes. O romancista Jules Roy obteve 9 votos. Houve 7 brancos.

TABACO

(Continuação da 1.ª página)

organismos de saude na luta contra o tabaco.

O conselho executivo examinou longamente os relatórios apresentados na sua sessão por especialistas norte-americanos e europeus. «Nenhum organismo que se dedique á melhoria da saude pode ficar neutral», diz o conselho. Vários membros deste manifestaram, á luz dos relatórios, a opinião de que o cigarro é hoje um dos problemas de saude mais graves, sendo «a causa principal, embora evitável, de falecimentos prematuros».

OS DEVERES DAS MULHERES NO LIBERAL MASSACHUSETTS

BOSTON (Massachusetts), 22 — (A. N. I.) — As mulheres casadas do Estado norte-americano de Massachusetts poderão ser em breve obrigadas, por lei, a preparar três refeições por dia para os seus maridos e a lavar-lhes a roupa, nos termos de uma proposta de lei ontem enviada, para estudo e decisão, á comissão jurídica do Estado.

A proposta é da autoria de um electricista casado e com quatro filhos, e foi apresentada pelo deputado estadual Paul Cavanaugh — que não concorda com o seu conteúdo, mas se viu forçado a apresentá-la, nos termos de um artigo da constituição do Massachusetts, que proíbe aos deputados recusarem-se a apresentar as propostas dos seus eleitores.

«É necessário criar um sentido de responsabilidade no casamento que tende a desaparecer», afirmou durante a reunião da comissão jurídica, o electricista William Farrell, de 39 anos.

Por seu turno, o deputado pediu renúncia «á proposta, e que se iniciasse sem demora o muito trabalho que há a fazer este ano».

Novas fontes alimentares

NOVA YORK, 22 — (F. P.) — A satisfação das necessidades alimentares da população mundial até 1979 implicará uma despesa anual da ordem dos onze biliões de dólares por parte dos Governos, das instituições filantrópicas e da industria, isto segundo os 150 especialistas de alimentação reunidos em Nova York.

O seu relatório diz que o maior potencial de aumento dos abastecimentos de víveres reside na conversão da vegetação não comestível (folhas de árvores, ervas daninhas) em alimentos aceitáveis. Vêm depois os produtos derivados das algas marinhas, as proteínas extraídas da soja e do peixe, a celulose da madeira e as proteínas derivadas dos microrganismos cultivados no petróleo.

De vez em quando

Já aqui manifestámos o nosso desgosto por, nesta Lisboa, se estar a dar mau pão a um milhão de portugueses. Agora rejubilamos com a comunicação do ministro da Economia à Assembleia Nacional, na qual se dá a conhecer uma série de decisões governamentais tendentes a melhorar a qualidade daquele alimento. Os deputados ficaram a saber o que se passa ouvindo a leitura de um ofício daquele membro do Governo, para quem a complexa actividade económico-financeira não tem sido positivamente um mar de rosas, a provar que os nomes e as coisas, as palavras e os actos nem sempre jogam certo. Por isso mesmo, só deverá considerar-se o problema do pão resolvido quando se passar da teoria à prática, não vá acontecer (o Diabo tece-as) que as boas vontades fiquem apenas no papel. E, se nem só de pão vive o homem, de papel é que ele não vive...

V. D.

DIA DE S. VICENTE

Comemora-se hoje o Dia de S. Vicente, padroeiro de Lisboa, rezando-se, ás 18 e 30, na igreja da Sé, missa de pontifical, celebrada pelo cardeal-patriarca.

NASSER CONVIDADO A VISITAR A ESPANHA

CAIRO, 22 — (F. P.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Lopez Bravo, deixou esta manhã o Cairo, terminada a sua visita oficial de três dias ao Egipto.

O chefe da diplomacia espanhola foi recebido pelo presidente Nasser a quem entregou uma mensagem do generalíssimo Franco convidando o chefe do Estado da R. A. U. a visitar a Espanha.

O BENFICA NO BRASIL?

RIO DE JANEIRO, 22 — (A. N. I.) — O presidente do Vasco da Gama, Agartino da Silva Gomes, confirmou á Imprensa o seu interesse em trazer o Benfica ao Brasil, em Fevereiro, para um jogo particular, no Rio de Janeiro, podendo, ainda, a equipa portuguesa deslocar-se a São Paulo, para enfrentar o Corintians.

O jogo da Gunabara entre o Vasco da Gama e o Benfica seria em 14 de Fevereiro, em jornada dupla, na qual o Flamengo enfrentaria os japoneses do Mitxubixi.

O objectivo da vinda do Benfica seria apresentar o Vasco-70, sob o comando do técnico Tim, já com os novos valores conquistados, entre eles Krieger, do Paraná.

DINFER
ALTA QUALIDADE
A BAIXOS PREÇOS

Artigos de interesse:
- Malhas de boas marcas, para homem, senhora e criança
- Bons retalhos de lanifícios, sedas e algodões, nacionais e estrangeiros
- Cintas, soutiens e fatos de banho modernos
- Gabardinas e camisaria
- Atenção especial à nossa Secção de DECORAÇÃO

RUA D. DUARTE—TR. NOVA S. DOMINGOS
(6 PISOS)

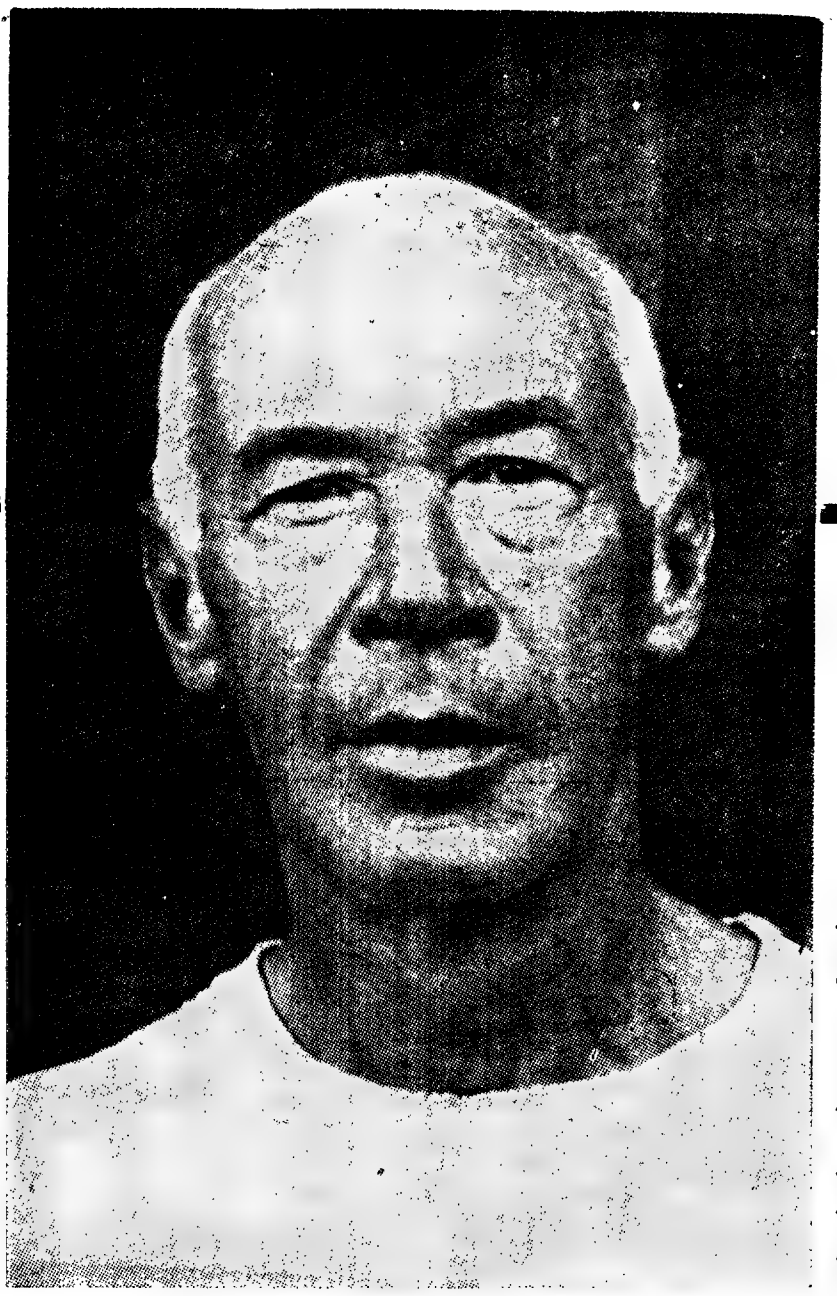
SAIU HOJE
motor
COM UMA COMPLETA REPORTAGEM DO RALLYE NOCTURNO DO SPORTING
(Avelãs Coelho e Maria do Céu)
Ainda poderá ler, além das habituais secções:
- O XXXIX RALLYE DE MONTE CARLO
- E SE FOSSEMOS TENTAR (A.C.P. E TUDO) TRABALHAR EM CONJUNTO? (Augusto Vilela)
- O 49.º SALÃO DE BRUXELAS (Hélder Sousa)
- ANGOLA VAI TER 3 AUTODROMOS (Carlos Blonco)
CALENDÁRIO INTERNACIONAL 1970
PREÇO 2$50

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 596/22 DE JANEIRO DE 1970

HENRY MILLER O MESMO

COM OS SEUS JUVENIS 78 ANOS (completados a 26 do passado mês de Dezembro), Henry Miller — esse «descobridor das Américas desconhecidas da alma americana», como lhe chamou Lawrence Durrell — permanece um clown magnífico, um monstro de instintiva sinceridade, um temível demolidor da hipocrisia e da estupidez encapotada. Acima de tudo, porém, avulta nele uma pujante vitalidade artística, pessoalíssima e sempre generosa a manifestar-se — no romance como na pintura, que hoje mais o atrai. Em recente entrevista publicada nas revistas «Playboy» e «Lui», aí o temos em corpo inteiro, «a bizarra mistura de adoração da vida, de entusiasmo, de interesse apaixonado por tudo, de energia, de exuberância, de riso e de súbitas borrascas destruidoras» que um dia desconcertou Anaïs Nin — e hoje deconcerta tantos de nós todos.



«A primeira coisa que se deveria ensinar a um homem seria a arte de viver em paz com outrem»

J. B. — *Não fica contente por saber que as pessoas se interessam pela sua pintura e que se interessam a ponto de a comprar?*

H. M. — A resposta a essa pergunta poderia dá-la a propósito também dos meus livros. Diria que, de todos os meus leitores, não há 10% que me dêem satisfação pelo facto de me lerem. Os outros não têm, a meus olhos, qualquer importância. Os meus livros não lhes fazem nenhum bem — nem a mim, de resto. Com efeito, calculo que 80% de tudo quanto se faz no domínio da música, do teatro, da pintura e da literatura não vale nada.

J. B. — *Certamente que não inclui a sua produção...*

H. M. — Uma parte, sim. Não tenho dúvida de que a minha pintura não é importante.

J. B. — *Então você não se preocupa com o seu público?*

H. M. — Estou-me completamente nas tintas. Para mim não tem a mínima importância... porque desprezo todos os que me lêem e me compram. Há muito pouca gente que conta para mim. Os outros, a multidão, aqueles que me compram, que me admiram, que me escrevem cartas, todos os *fans*... borrifo-me para eles. São chatos, incomodam-me. Às vezes fico como que horrificado quando penso nisso: «O quê? Este tipo é um dos meus leitores? — Eis o género de idiota que me lê!»

J. B. — *Você recebe milhares de cartas de pessoas que dizem ter aprendido alguma coisa consigo. Não fica satisfeito por saber que abriu portas a tanta gente?*

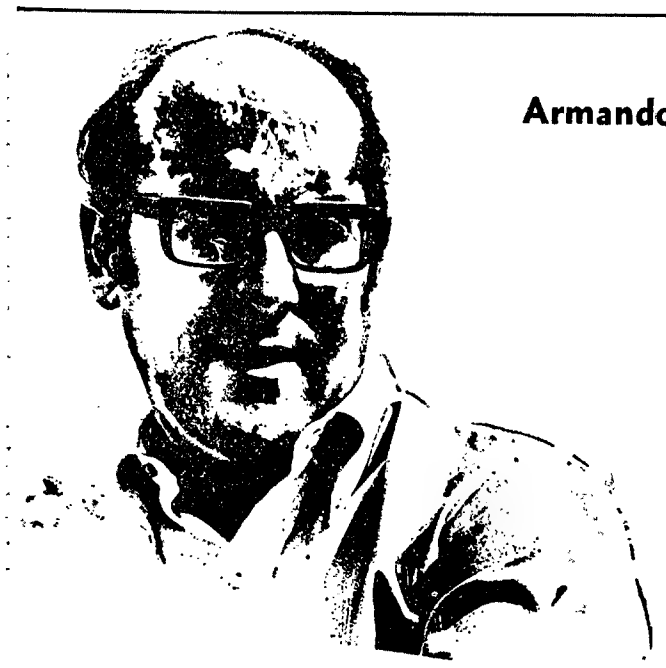
H. M. — Devo confessar-lhe que isso não me toca absolutamente nada. Não creio que uma pessoa possa abrir portas seja a quem for. Quando uma porta se abre, é por acidente... um idiota poderia fazê-lo. E, para mais, não creio que, nestes casos particulares, tenha sido eu a fazê-lo. Qualquer um poderia tê-lo feito, na condição de estar lá no bom momento. Além disso, estou-me marimbando: não escrevo para abrir portas. Não sei se já o disse, mas não acho que se deva louvar ou censurar as pessoas. Todos nós temos o hábito incorrigível de condenar certas pessoas e de louvar outras excessivamente. Ora eu acho que as pessoas são o que são — e não há nada a fazer. Os escritores, particularmente, deveriam evitar ser vaidosos. Não deveriam dizer palavras como «eu... o meu nome... Henry Miller... Jean Cocteau...» ou qualquer coisa assim. Nós não passamos de instrumentos.

J. B. — *De Deus?*

H. M. — Do que quiser... das forças invisíveis, ou do grande além.

J. B. — *No livro «Correspondência Privada», você expôs abundantemente os seus pensamentos e os seus receios mais íntimos.*

Cont. na pág. 7



Armando Silva Carvalho:

«Falar em inspiração é ridículo»

ENTREVISTA CONDUZIDA POR RUI NUNES

CONVERSO com Armando Silva Carvalho. Falamos das coisas... e dos homens. Dos mitos que constroem. Dos mitos a destruir. Ferozmente redescobrimos o prazer de ouvir o outro. A lucidez do autor de «Os Ovos d'Oiro» é implacável. O livro: uma gargalhada (uma dor) a pairar sobre este microcosmos. «Os Ovos d'Oiro» tenta a adaptação de uma escrita a uma realidade social da qual o autor é, simultâneamente, participante e agente transformador.

Vamos ouvi-lo:

A. S. C. — *... O aparecimento da palavra não é doloroso... Fazer o poema dá-me um certo prazer e não vejo que a coisa se assemelhe a um parto... Penso que isso é uma noção um tanto ou quanto romântica. Escrever é um exercício que exige uma concentração bastante grande, um isolamento extraordinário e um estado de espírito propiciatório.*

R. N. — Como reage frente ao papel branco, esse espaço físico onde o poema vai ser construído?

— *Sinto uma apetência pelo papel branco. As palavras aparecem e criam uma dimensão diferente. Esse silêncio absoluto, que é uma folha vazia, concretiza a primeira palavra e obriga-me à seguinte.*

— Há, portanto, todo um trabalho de elaboração, oficinal pode dizer-se...

— *Agora, sim... Na minha adolescência, quando comecei a fazer versos, acontecia o poema surgir de jacto, havia, até, uma espécie de melopeia. Tudo sem ser burilado, sem ser repensado, sem ser construído. Com o tempo comecei a fazer cada vez menos versos, mas esses implicavam já uma certa construção, uma certa maneira de principiar e acabar... enfim, uma estrutura. Falar em inspiração é ridículo. O «instante mágico» é falso.*

— As coisas fazem parte integrante do seu universo poético. Como as vê? Qual a relação que estabelece com elas?

— *Não aceito a frieza, a independência, a autonomia das coisas que esteve em moda há uns dois ou três anos. Há sempre uma relação sujeito-objecto — utensilhagem, é o termo próprio. As coisas são sempre para mim uma continuação do homem. Elas acompanham-no no seu estar no mundo... Não sei se na minha poesia se pode encontrar uma certa agressividade das coisas em relação às pessoas, ou vice-versa...*

— Penso que em «Lírica Consumível» essa agressividade, embora latente, existe...

— *Sim. Tenho a impressão de que nessa altura as coisas estavam a substituir muito as pessoas. Numa paisagem totalmente deserta no aspecto humano, elas começavam a existir como personagens... e o meu tentar humanizá-las não é mais do que uma possibilidade de estabelecer um diálogo.*

— Os seus poemas, além da procura da palavra exacta e, portanto, de um acordo perfeito entre significante e significado, atingem, mercê de um olhar ferozmente crítico, toda uma sociedade. Considera-se um escritor comprometido?

— *Dantes eu tinha muito pejo em pensar na obra de encomenda; isso seria como que a prostituição do criador... depois, vi que obra de encomenda é ela toda: ou para o artista, que se encomenda a si próprio ao fazer um determinado projecto de escrita,*

Cont. na pág. 2

> *A escrita é uma realidade ambígua: por um lado nasce incontestàvelmente de um confronto do escritor com a sociedade; por outro, desta finalidade social, reenvia o escritor, por uma espécie de «transfert» mágico, às fontes instrumentais da sua criação.*
>
> *«Le Degré Zéro de L'écriture»*
>
> *Roland Barthes*

Uma revista para ler

Publicado o n.º 273 do «Jornal de Letras & Artes». Para ele — e porque o justifica — aqui se chama a atenção dos leitores. Inclui um artigo (importante) do crítico e ensaísta americano Harold Rosenberg: «A história da arte chega ao fim», artigo que se completa, criticamente, pelo texto de Fernando Pernes «Sobre arte e política». Jean Narboni, um dos redactores principais da (extinta?) revista «Cahiers du Cinéma», é entrevistado em exclusivo por Fernando Guerreiro e Eduardo Paiva Raposo. Perfurante, Jorge Silva Melo opina sobre o espectáculo «Tombo no Inferno». Do genial polaco Witold Gombrowicz (já nestas colunas devidamente referenciado: e é sempre pouco!) se apresenta um texto — «Philifor tomado de infancia» — de certo modo complementar do conto quase homónimo publicado no suplemento «& etc...» do «Jornal do Fundão». O compositor Berlioz, cujo centenário da morte ocorreu em 1969, é lembrado em três artigos, respectivamente de Claude Rostand, Pierre Boulez e João Paes, numa panorâmica necessária. Com justeza polémica, Eduardo Trigo de Sousa escreve sobre «As 2 Arquitecturas» assunto premente para quem tem espírito de cidade. Finalmente, as secções «Pare, Escute e Olhe» e «Um mês de L & A» (esta incluindo textos salutarmente críticos de Eurico Gonçalves, Fernando Pernes, João Paes, Manuel de Castro e Alberto Seixas Santos) garantem ao leitor uma informação actualizada e pertinente.

Capa de Manuel Simões

Ruy Bello na «111»

No próximo sábado, pelas 18 e 30, o nosso colaborador Gastão Cruz apresentará, na Livraria-Galeria «111», ao Campo Grande, o novo livro de poemas de Ruy Belo: «O Homem de Palavra(s).

O autor e Ana Maria Teodósio lerão, depois, alguns poemas do livro.

A «111» alberga, assim, uma útil actividade de divulgação dos novos poetas e da nova poesia.

Rectificação

Saiu errado o título do artigo que o nosso prezado colaborador Urbano Tavares Rodrigues fez publicar no número anterior deste Suplemento: onde se leu «Descoberta da poesia de Alfredc Guisado» deveria ler-se, como no original, «Redescoberta da poesia de Alfredo Guisado». Do lapso cometido (embora involuntàriamente), pedimos desculpa ao autor e aos leitores.

A propósito de um poema

No dia 8 p. p. fizemos publicar neste Suplemento dois poemas de Alexandre O'Neill. Um deles — *Pois*, de seu título — sugeriu a «Um Azevedo e Silva», devidamente identificado, o envio de uma carta, acompanhada de três «poemas para Alexandre O'Neill», cuja publicação se reclamava como direito de resposta. Na carta se dizia, entre outras considerações: «Não vejo nada de mal em que um O'Neill se meta com qualquer Azevedo e Silva; parece-me, no entanto, que o direito de resposta é elementar».

Tal seria o nosso parecer se, porventura, tivesse sido atingido, não *um qualquer Azevedo e Silva*, mas *o concreto Azevedo e Silva* que nos escreve. Contactado o poeta nosso colaborador, este nos informou declinar

qualquer responsabilidade pelo facto de «um Azevedo e Silva» se sentir protagonista do seu poema; como nos filmes, qualquer semelhança com pessoas ou factos reais é mera coincidência.

Assim damos por encerrado o ligeiro episódio, sem ofender (estamos crentes) os invocados «são os princípios da liberdade de Imprensa»

Falar em inspiração é ridículo

Cont. da pág. 1

de pintura ou de música, ou para a sociedade a que pertence, grupo social que quer defender ao serviço de uma ideologia. Acho isso perfeitamente válido, porque o indivíduo acaba sempre por ser a sua ideologia (emprego aqui a palavra no sentido de Weltanschauung, maneira de sentir, de agir, visão do mundo e do cosmos). Ideologia é tudo aquilo que, consciente ou inconscientemente, o sistema individual cria. Há, aqui, também, margem para o irracional. O homem não tem possibilidade de «contrôle» total sobre o seu intelecto: existem elementos não racionalizáveis e não racionalizados... A intenção exerce-se em função disso.

— No poema «Aldeias» é nítida uma desmistificação da paisagem rural portuguesa, de um folclorismo alienante...

— *Esse poema é uma relação simples e directa entre mim e o mundo do campesinato... Há neles uma crítica a uma visão optimista, começada pelo neo-realismo, acerca das possibilidades revolucionárias de um certo mundo rural, que, verdadeiramente, não existem... «Novo poema sobre a agricultura» é, também, um trabalho sobre uma realidade provinciana como é a nossa, agrária e medievalística ainda, isso dentro da realidade geral e da realidade mais restrita a actividade literária ou literata portuguesa... e, ainda, uma crítica de costumes. Existem diversos planos.*

— E «Os Ovos d'Oiro»?

— *Põe em causa três tipos de sociedade: a grega clássica, a cristã e a sociedade de consumo americana...*

— Consequentemente, três tipos de cultura. Que representa ela para si?

— *Se, por um lado, cria instrumentos para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, por outro tem dado origem a abortos tremendos. O homem necessita adaptar-se a um novo estar no mundo completamente diferente. A civilização em que vivemos agoniza. A tecnologia e o excesso de produção de bens continua a obedecer a planos de irracionalidade a um nível geral.*

— Têm aparecido na sociedade de consumo grupos de indivíduos que se recusam integrar e que tentam, de variadíssimas maneiras, modificar essa sociedade. Por exemplo, os «Hippies»...

— *Os «Hippies» são figuras líricas muito engraçadas, mas não me parece que tenham tido uma grande influência transformadora. Como você sabe, os aspectos superficiais começaram a ser absorvidos pela sociedade de consumo e entraram nos circuitos da mesma, desde as peças que chegam à Broadway, como «Hair», ao vestuário, etc....*

— Como reage à crítica?

— *Aceito, ou não aceito... também me posso rir. Por parte de determinados críticos nota-se uma incompreensão total do fenómeno poético. É o caso do sr. dr. João Gaspar Simões, que já anda nessas lides profissionais há muitos anos e não há meio de aprender, de evoluir... É sempre a mesma coisa: os poetas que se devoram... autodevoram... eu sou uma espécie de tubo digestivo: como palavras e defeco palavras... aliás, eu disse isso num poema, mas dai a ser uma teoria poética... até porque não é alimento que me agrade. O meu aparelho digestivo está habituado a outro tipo de coisas... enfim, o sr. dr. Simões lá sabe. Por outro lado que era frio... já pensei em lhe pedir uma achazinha para ver se me aqueço...*

— Projectos?

— *Continuar a escrever... prosa, talvez... não sei... Continuar a escrever.*

(Ent.ª conduzida por Rui Nunes)

Prémio Alves Redol

Aqui se publicam as «Condições de Inscrição» do PRÉMIO ALVES REDOL — meritória iniciativa de «Publicações Europa-América»:

1.º — Poderão concorrer a este prémio todos os romances inéditos de autores de nacionalidade ou origem portuguesa, cuja extensão não seja inferior a 200 páginas dactilografadas a dois espaços, com trinta linhas;

2.º — O prémio é constituído por uma reprodução do busto de Alves Redol, do escultor José Dias Coelho, e no qual figurará, em placa própria, o título da obra premiada, o nome do autor e a data da concessão do prémio;

3.º — Publicações Europa-América editará o romance premiado nos doze meses seguintes à atribuição do prémio;

A publicação será regida por contrato que cobrirá uma primeira edição de 5000 exemplares e que garantirá a Publicações Europa-América o direito de publicar edições sucessivas no ritmo que julgar conveniente.

Os direitos de autor da primeira edição serão fixados em 12 por cento do preço de venda do livro e os das edições seguintes em 15 por cento.

O Autor receberá, no acto de assinatura do contrato, a quantia de 35 000$00. (trinta e cinco mil escudos), como antecipação sobre os direitos autorais da 1.ª edição. Receberá as restantes percentagens por forma estabelecida no contrato;

4.º — O tema da obra é da livre iniciativa do Autor, mas o júri considerará em especial aquelas obras que pelo conteúdo, técnica e estilo se refiram às exigências do nosso tempo e em particular à problemática nacional nos seus mais variados aspectos, tendo sempre em atenção a dignificação dos valores humanos;

5.º — O júri é permanente e constituído por:

David Mourão-Ferreira, escritor e crítico literário;

Eduardo Lourenço, crítico literário e professor da Faculdade de Letras de Nice;

Eduardo Prado Coelho, crítico literário e professor da Faculdade de Letras de Aix-en-Provence;

Francisco Lyon de Castro, editor, em representação de Publicações Europa-América e na qualidade de presidente das sessões;

Jacinto do Prado Coelho, crítico literário e professor catedrático da Universidade de Lisboa;

José Palla e Carmo, crítico literário;

Óscar Lopes, crítico literário e professor do ensino liceal.

6.º — As decisões do júri serão registadas em acta lavrada no encerramento das sessões e que será lida, aprovada e assinada por todos os presentes;

7.º — O júri reunirá e decidirá conforme o que se encontra estipulado em regulamento próprio, aceite e subscrito por todos os seus membros;

8.º — Se por decisão do júri nenhuma das obras apresentadas reunir méritos suficientes, o prémio não será concedido neste ano e em nenhum caso poderá ser distribuído por diversas obras concorrentes. Não obstante, Publicações Europa-América reserva-se o direito de opção para a edição de qualquer das obras concorrentes;

9.º — Os originais devem ser enviados, em **oito** cópias dactilografadas, **apenas** por correio devidamente registado para: Prémio ALVES REDOL 1970 — Publicações Europa-América — Apartado 8 — Mem Martins;

Na primeira página de todas as cópias deverá figurar em letra bem legível o pseudónimo do Autor (e nunca o seu nome) e o título da obra. O nome do Autor não pode figurar em qualquer parte da obra o que, a dar-se invalidará o seu concurso;

10.º — Em carta fechada e lacrada em cujo sobrescrito deverá figurar em letra bem legível o pseudónimo, indicar-se-á o nome verdadeiro do Autor, o título da obra, o endereço do autor e número de telefone, se houver. Esta carta deverá ser enviada a Publicações Europa-América conjuntamente com os exemplares da obra concorrente e no mesmo registo;

11.º — O prazo de entrega dos originais para o prémio Alves Redol 1970 expira no dia 30 de Junho de 1970;

12.º — Expirando o prazo de entrega é publicada, na imprensa de Lisboa e Porto, a lista das obras concorrentes, com títulos e pseudónimos. Nos quinze dias imediatos, qualquer candidato cuja obra embora enviada a P. E. A. não conste dessa lista por motivo de extravio de correio, poderá apresentar a obra a concurso desde que envie fotocópia do talão de registo original.

13.º — O prémio será concedido no dia 15 de Outubro de 1970 e divulgado pelos meios de informação;

14.º — Até 30 dias depois de anunciada a sua concessão o editor promoverá a entrega do prémio ou em caso de impedimento do premiado a quem este designar e na mesma oportunidade será assinado o contrato de edição e entregue o adiantamento indicado na alínea 3;

15.º — Uma vez atribuído o prémio, os autores não premiados, e sobre os quais o editor não enuncie o direito de opção, poderão retirar o seus originais mediante a apresentação do talão de registo;

16.º — Publicações Europa-América compromete-se a mandar traduzir a obra premiada de modo a poder levá-la ao conhecimento do maior número de editores estrangeiros para uma eventual publicação;

17.º — Ao concorrer ao prémio o candidato reconhece e afirma que nenhuma opção de outro editor pende sobre a obra concorrente e declara-se seu integral autor e proprietário.

LICEUS • Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclos

PROFESSORES MUITO COMPETENTES
E DIPLOMADOS EM TODAS AS DISCIPLINAS

RESULTADOS INCOMPARÁVEIS

EXCELENTES INSTALAÇÕES • EDIFÍCIO PRÓPRIO • AMBIENTE «SUI GENERIS», PROPÍCIO AO ESTUDO

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA

Telef.: SECRETARIA — 45310 Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Alm. Reis)

O espírito da letra

por Rocha de Sousa

Já se referiu oportunamente, que o quadro da actividade artística em Portugal, ainda que em regime de excessiva centralização e precária distribuição dos valores verificáveis, tem registado nos últimos anos um nítido acréscimo de presenças, em paralelo com o aumento do número de galerias e a acção didáctica desempenhada por estas. A explicação deste fenómeno, que chega a atingir proporções surpreendentes, só é possível pelo recurso ao estudo de diversos factores, entre os quais se podem apontar o incremento das comunicações a diversos níveis, a reconversão de certas formas de intervenção social, novos esquemas de distribuição dos bens de cultura, o nascimento de uma crítica interessada e as solicitações de compra numa sociedade em vias de industrialização. Uma nova mentalidade no domínio do ensino artístico e a acção desenvolvida pela Sociedade Nacional de Belas-Artes alguns anos atrás podem igualmente ter constituído as bases técnicas para as actuais características do panorama artístico português, no sector das artes plásticas. As galerias passaram a orientar-se segundo directrizes doutrinàriamente mais precisas e têm contribuído em profundidade, como causas próximas, para a renovação em referência Nessa base, e dentro de esquemas de divulgação ainda elementares mas bastante claros, gerou-se em certa medida um mercado que tem vindo a ganhar consistência e que movimenta neste momento trocas substanciais.

Em Lisboa, e no prolongamento desse mercado, surgiu últimamente uma nova Galeria de Arte, a Judite Dacruz, que procura cumprir num plano comercial um papel de dignificação do objecto de arte, não se afastando grandemente do esquema didáctico empreendido por outros organismos semelhantes. Agrupando em regime particular, quatro artistas portugueses, propõe-se expor obras de outros artistas convidados, nacionais e estrangeiros, intenção já afirmada pùblicamente e, ao que parece, em vias de confirmação. Depois de duas exposições colectivas que a Imprensa referiu de passagem e a crítica assinalou com maior ênfase, a Galeria Judite Dacruz apresenta agora uma primeira exposição individual de um dos artistas a ela mais estreitamente ligados, o pintor João Vieira.

João Vieira: dos sinais alfabéticos ao «objecto»

JOÃO VIEIRA
Galeria Judite Dacruz

UM ARTISTA QUE PROCURA CUMPRIR-SE

A EXPOSIÇÃO de João Vieira, que se intitula «O Espírito da Letra», pode resolver-se para o espectador segundo uma verificação genérica — e essa verificação diz-nos que o autor prolonga para o domínio do «objecto» a sua anterior experiência travada no campo dos sinais alfabéticos. A pintura propriamente dita não foi abandonada e parece nesta exposição dentro de um confronto que parece explicar com maior eficácia o seu programa habitual. Na verdade ela traduz-se no plano de uma mais nítida monumentalidade, já registável nos sinais gráficos que João Vieira manejava em ordem a um tipo de comunicação muito intenso e onde as ambiguidades da representação conferiam á letra um sentido plástico particular e uma nova significação. No entanto, e perante a estabilização da forma pictórica encontrada, João Vieira parece ter-se debatido com uma necessidade de ultrapassar os limites da sua experiência, correndo o risco de uma investigação mais aberta. Deve-se, naturalmente, a essa exigência há pouco pressentida e assumida, quando tudo parecia esgotado pela repetição dos esquemas e pela mesma certeza dos efeitos, o resultado particularmente enfático e decidido desta exposição agora apresentada. Nela o autor empenha o seu esforço e a sua visão, apostando num futuro dimensionado de outra forma, mais impreciso no brilho imediato mas incomparávelmente mais animado no sentido polémico. Ao assumir a consciência do espaço, ao corporalizar nesse espaço os sinais tantas veezs tratados no plano, João Vieira faz com que o seu campo estético coincida com o dos autores que se dedicam á resolução de «objectos», conservando as características fundamentais do seu trabalho: o sentido gráfico, a monumentalidade da composição, a ironia que por vezes envolve algumas das suas obras, pela ambiguidade, pelo mal-entendido, pela troca dos sinais e do sentido das palavras, pela reconstrução *maldosa* da linguagem.

O OBJECTO E O JOGO

As pinturas e os «objectos» de João Vieira ligam-se a uma experiência particular da visão e propõem certas formas de *jogo* que comprometem o espectador, quer no domínio dos seus conceitos, da sua instrução e da sua aprendizagem quotidiana, quer ainda no plano da sua capacidade visual.

Até há muito pouco tempo, as letras conquistavam o espaço pictórico depois de vencerem o âmbito da pintura abstracta, deixando de se confudir com ela Passaram, de facto, a ficar assinaladas como elementos capazes de autonomia, significando-se como estruturas plàsticamente válidas e redescobrindo-se na convenção que as integra no código da linguagem comum. Estas duas realidades surgiram em sobreposição, ou completando-se, mas sempre no domínio de uma extensão própria cada vez mais incisiva e mais comunicante. Para além disso, os sinais considerados eram constantemente agrupados numa relação irónica e ambígua, trocando de sentido, variando na direcção, mudando de uma palavra para outra conforme o movimento possível da leitura. Esta pluralidade de posições, reveladora do carácter movente da linguagem pictórica e da linguagem gráfica, acentuava um programa paralelo ao das figuras ambíguas que exaltam ou contrariam os dados da percepção. A pintura de João Vieira tem sido neste aspecto, e apesar da sua permanência formal ou de um certo academismo nos meios coincidente com as preocupaçeõs de outras artistas mais *objectivamente* modernos.

O jogo, que já se situava nos últimos quadros apresentados pelo autor, sobretudo na exacta medida das inversões e das mudanças de sentido dos elementos caracterizados das composições, aparece agora experimentado com maior objectividade. O espectador é convidado a intervir no espaço da obra, é forçado a superar a sua capacidade visual, é impelido para a acção física, é solicitado para um movimento efectivo em torno do objecto. O objecto, por seu turno, integra o espaço e o tempo, subtraindo-se ao quadro e beneficiando o ambiente, caracterizando o ambiente. As letras, os elementos fundamentais de toda esta problemática, coisificam-se na sua monumentalidade ou na sua presença irónica (e ambígua), revelando-se do mesmo passo numa extensão imprejusta, escultórica, dinâmica.

SIGNIFICADO DE UMA EVOLUÇÃO

A evolução de João Vieira manifestada no seu trabalho mais recente responde aos que olhavam a sua obra dos últimos anos com a desesperança de lhe surpreender uma viragem, uma mudança de atitude. Efectivamente, essa obra parecia condenada a esgotar-se no quadro, traduzida por gestos largos, por uma oficina dogmatizada e pouco reflexiva, cristalizando-se num formulário espectacular mas vazio de perspectivas novas. Agora, no entanto, a atitude mudou de uma forma substancial. E se ela ainda não cumpre senão o esboço de um programa, faz-se na coerência com que utiliza a experiência anterior e é, pelo menos, reveladora de maiores possibilidades no manuseamento dos elementos de partida. João Vieira, contraiu, assim, uma especial responsabilidade com esta exposição, no risco assumido, na experiência nova que decidiu, no campo de acção que corajosamente abordou. Esta verificação não exclui uma outra de valor, atribuível aos actuais objectos: a execução apressada e por vezes excessivamente descuidada, a imaginação ainda perdida no elementar, a ineficácia de certas evidências, tudo isso nos fala de um programa ainda em esboço, de uma tentativa ainda frustrada, sem poder encantatório, mas cuja direcção entendemos ser da maior importância para o autor.

AUTORES de HOJE

JOÃO VIEIRA

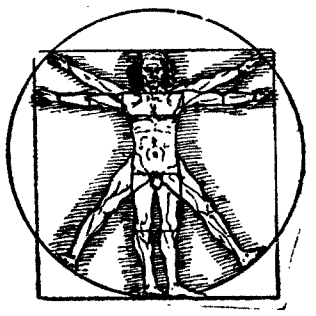
JOÃO VIEIRA nasceu em Vidago, em 1934. Frequentou o Curso Superior de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, foi professor na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Componente do Grupo «KWY», colaborador e um dos fundadores da revista que o mesmo grupo editou em Paris, viveu nessa cidade, de 1957 a 1961, e trabalhou com Henri Goetz e Vieira da Silva. Viveu igualmente em Inglaterra, leccionando no Maidstone College of Arts. Expôs pela primeira vez na «1.ª Exposição dos Artistas de Hoje», realizada na S. N. B. A. em 1956. Posteriormente, entre outras, participou nas seguintes exposições:

«7 Junge Portugiesische Kunstler», «Kunstverein Kunstlerhaus», Hanover, 1956; I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, 1957; «Once Pintores Portugueses»; Galeria de Abril, Madrid, 1958; Exposição do Grupo «KWY», Universidade de Sarrebrucken, 1960; Exposição do mesmo grupo na S. N. B. A., 1961; Exposição do mesmo grupo na Galeria Soleil dans la Tête, Paris, 1961; II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, 1961; Prémio Lissone, Milão, 1967; Exposição de Arte Portuguesa do Naturalismo aos Nossos Dias, da Fundação Calouste Gulbenkian, Bruxelas, 1967; na mesma exposição em Paris e Madrid, 1968; Exposição Gm 67, S. N. B. A., 1968; Exposição Inaugural da Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, 1969; em duas exposições colectivas na Galeria Judite Dacruz, 1969.

Realizou as seguintes exposições individuais: Galeria «Diário de Notícias», em 1959 e 1962; Galeria Divulgação, 1964; Galeria 111, em 1965 e 1966.

Como cenografista, João Vieira foi prémio do Círculo de Teatro Latino de Barcelona em 1968 e foi convidado pela Fundação Calouste Gulbenkian para colaborar no Festival de Música da mesma Fundação nas óperas «Ida e Volta», de Hindemith, e «O Capote», de Chailly. Foi bolseiro daquela Fundação, de 1959 a 1961, em Paris. Está representado em alguns museus e em diferentes colecções particulares, em Portugal e no estrangeiro.

Representante de uma geração que activamente contribuiu para a modernidade portuguesa e faz parte da sua definição ainda recente, João Vieira é dono de uma obra plural que vai da pintura às artes gráficas e à cenografia. No seu último período, longamente desenvolvido com uma grande coerência formal, a pintura de João Vieira tem-se baseado nos sinais alfabéticos, reelaborando o seu valor plástico e a sua significação gráfica. As letras e as palavras formam-se numa ordenação lógica aparente, mas destroem-se na ambiguidade dos confrontos. O espírito da letra é assim reassumido nas suas consequências dentro dos limites do quadro e os sinais, tratados pela violência do gesto, ganham uma monumentalidade rara e um considerável poder de comunicação. Recentemente, e dentro de uma evolução inevitável, João Vieira prolongou para o domínio do «objecto» a sua experiência realizada no plano, conferindo aos elementos uma espécie de significação lúdica e uma explicitação irónica da sua monumentalidade.



O suburbano na poesia de Larkin

Texto e tradução de Luís Amorim de Sousa

PHILIP LARKIN nasceu em 1922. Desde o aparecimento do seu segundo volume de poesia, «The Less Deceived», o seu nome passou a estar associado aos dos melhores poetas contemporâneos de língua inglesa. O aparecimento de novo livro de poemas, «The Whitsun Weddings», veio confirmar em absoluto a sua reputação. Curiosamente, Phillip Larkin vive isolado em Hull, cidade industrial do Norte da Inglaterra, exercendo a profissão de bibliotecário da Universidade local. Hull, como símbolo de um tipo de vida pequena, suburbana, é uma influência permanente na sua obra. Há quem tenha chamado a Phillip Larkin um «major poet», definição que apenas se pode traduzir por *grande poeta*, mas que obedece a uma noção muito especial de equilíbrio entre a perfeição técnica e a profundidade e universalidade das constantes temáticas, tal como definida por T. S. Eliot. Dentro do mundo de língua inglesa, Larkin será, talvez, um «major-póet». Porém, o tipo de observação do quotidiano que caracteriza a sua poesia situa-se num tipo de regionalismo formal que por definição não atinge a universalidade. Mas Larkin, além de ser um poeta do quotidiano, é poeta apesar do quotidiano. E é por aqui que vamos começar. Eis os primeiros versos do poema «Places, loved ones», que se traduz por «Sítios, entes queridos».

«Não, nunca encontrei
o sítio sobre o qual possa dizer
'Aqui é a minha terra
'Aonde ficarei;
Também nunca encontrei o ente especial
Com direito imediato a partilhar
Tudo quanto possuo
Até ao nome.»

Aqui temos, pois, Philip Larkin meditando o seu isolamento: a cidade de Hull, pequena e hostil, e a incompatibilidade do poeta com a paisagem humana que se lhe apresenta. O seu isolamento, porém, adquire circunstâncias especiais — e a sua própria condição de poeta com obra publicada (um nome público, portanto) suscita-lhe outra queixa aparentemente contraditória:

«Para lá de tudo isto a vontade de estar só:
Porém o céu escurece com cartões de convite...»

Define-se aqui um sentido de aventura interior que merece ser questionado. Analisemos um outro poema seu:

«Ouve-se às vezes dizer em quinta mão,
À guisa de epitáfio:
«Ele mandou tudo à fava
E pronto, pôs-se a milhas»...

E mais adiante:

«Assim, ouvir dizer
«Abandonou toda a malta»
Deixa-me afogueado e comovido
Como «e ela tirou o vestido»
ou «toma lá, seu filho desta».

E a conclusão:

«Eu partiria hoje mesmo
.....
Não fora um gesto tão artificial
Um tão deliberado passo atrás
Para criar um destino:
Livros; louças; uma vida
Repreensivelmente perfeita.»

Começamos, pois, a ficar com uma ideia mais clara da posição do poeta no mundo que o rodeia. Há um conformismo físico em conflito permanente com o sentido de aventura interior de que falámos há pouco. No seu livro seguinte, «The Cobitsun Weddings», Larkin começa a definir melhor esse mundo em função da sua posição de espectador participante. Escolhemos como exemplo um poema intitulado «Mr. Bleaney».

«Este era o quarto do Sr. Bleaney. Aqui morou
Enquanto trabalhou para a Bodies e até
Que foi transferido». Cortinas de cretone
[fininhas e esfiadas
Sem tocar no parapeito da janela
Que revela uma nesga de terreno
Abandonado ao esterco». O Sr. Bleaney
Tomou a peito amanhar-me o jardim».
Cama, cadeira, luz de 60 velas e nem
[sequer
Um gancho atrás da porta. Falta de es-
[paço para livros e bagagem.
«Serve-me». E acontece assim que estou
[deitado
Na cama do Sr. Bleaney, apago os meus
[cigarros
No mesmo cinzeiro-brinde e tento
Atafulhar os ouvidos de algodão para
[abafar
O som da velha telefonia que convenceu
[a senhoria a comprar.
Sei todos os seus hábitos. A que horas
[descia,
Sua preferência d'óleo por azeite, porque
Insistia em jogar no Totobola, tal como
[os jogos
Se repetem de ano a ano. Os amigos em
Frinton
Que o recebiam nas férias do Verão
E o Natal em Stoke na casa da irmã.

Mas se ficava erguido a ver o vento frio
Despentear as nuvens, ou se estendido na
[cama bafienta
Se convencia que esta era a sua casa, e
se sorria
E tremia sem afastar o horror.

De que o modo em que vivemos mede a
nossa natureza
E, se, na sua idade, nada mais tendo a
[mostrar
Do que quatro paredes de aluguer se
[convencia
De que não precisava de mais nada, en-
tão não sei.

É um excelente poema, ao qual esta tradução, deliberadamente académica, não faz justiça. No original, a sua utilização de recursos técnicos revela uma destreza formal de que só um verdadeiro artista é capaz. Quanto ao poema em si, é uma das mais atentas descrições que conheço dum determinado modo de vida em determinado centro urbano. Com efeito, o suburbano por excelência. Desapaixonadamente, sem justificar nada nem formular acusações, Philip Larkin reune neste poema as tonalidades essenciais comuns á vida de todos os Srs. Bleaney: o cinzeiro-brinde, a cama bafienta e a lâmpada se sessenta velas, a relação de respeitosa distancia mas cordial entendimento com a senhoria, os amigos de Frinton, a irmã moradora em Stoke — a vida embrulhada em papel pardo. E de repente, Larkin faz explodir a quase banalidade do poema com as ultimas três palavras: ENTÃO NÃO SEI. Uma sugestão de incolor alheamento e ao mesmo tempo uma verdadeira nota de angustiada rebelião. Um encolher de ombros que é uma pergunta imensa num universo de coordenadas patéticas, sempre á beira do ridículo.

Na morte de Pierre Francastel

Folhetim artístico de José-Augusto França

NOS primeiros dias de Janeiro faleceu, em Paris, Pierre Francastel. Visitei-o dias antes, numa clínica — e bem vi ser inevitável, e próximo, o fim.

Escrevo sobre Pierre Francastel com uma grande emoção. Éramos amigos há muitos anos já — e devo-lhe muito. Ou tudo, quanto na minha vida se modificou nestes mesmos anos. Intelectual e profissionalmente.

Trabalhei com ele desde 1959 até 1963, anos a fio; depois, e até agora, continuei a frequentá-lo, assistindo-lhe a cursos, visitando-o, ou, ao fim das suas aulas, indo tomar o café ritual, no bistrot ao lado da Ecole des Hautes Etudes. Todas as vezes que fui estando em Paris, ou que por lá passei, vi e falei com Francastel. Para ser exacto, fiz isso desde 1955 ou 56, após ter lido a sua hoje célebre mas então desconhecida obra, *Peinture et Société*.

Nas páginas deste livro encontrei o que me convinha — isto é, o tratamento dos problemas socioculturais que mais me interessavam e dentro dos quais eu ia balbuciando dúvidas e presunções. Lendo-o, encontrei respostas ou, o que mais importa, dúvidas maiores, e perspectivas. Francastel dizia ali, o que eu tentava dizer. E certificava-me a posição que eu próprio assumira, dentro duma sociologia tateante. Sobretudo me garantia que, melhor expressa do que por mim, a problemática da sociologia da arte era uma problemática aberta, sem certezas abusivas, e que procurava evitar as armadilhas duma ortodoxia marxista demasiadamente imperante no pensamento dum Hauser, por exemplo, tanto quanto as dum idealismo corriqueiro que, sem o saber, vamos produzindo em cada opinião estética formulada.

Pierre Francastel era um homem de duvidas porque era um homem de problemas. E de «dúvidas metódicas», porque era um Francês...

ELE foi, realmente, o criador da Sociologia da Arte, para além dum mecanismo causalista que definia tais diligências em outros pensadores. Para ele, a Sociologia era uma ciência-a-fazer-se — e por isso, dentro dela, ele pode formular propostas notáveis, como a do primado da *imaginação*, que atravessa todos os seus escritos e todos os seus cursos. Sem imaginação não se entendem problemas de imaginação; parece evidente, mas o medo que isso dá, tem paralisado e diminuído a actividade de muitos sociólogos de estatísticas e crenças na arte-produto-social...

Criando uma sociologia dinamica, atenta à leitura total do objecto artístico, elemento dum conjunto (ou, como eu prefiro dizer, dum «facto artístico»), mas elemento «sine qua non» a partir do qual, e só, é possível entender o que ele *reflecte e promove* — Francastel criou, afinal, uma nova situação da História da Arte. Ou *um novo conceito de História da Arte*. Encontramo-nos, de resto, dentro duma linha moderna de pensamento historiográfico, que se arreda da linha «événementielle»; á simples análise morfológica, à relacionação sintáctica sucede uma reflexão semântica que não pode deixar de apelar para uma situação sociocultural globalizante. É claro que continuará a haver pesquisadores agindo nos outros planos gramaticais da decifração e bem útil eles são: seu inventário, sem investigação de arquivos, sem fixação estilística de séries, não pode haver reflexão. A apreensão e a classificação dos elementos não é posta em causa — mas a estes estádios desinteressados sucede, numa programação interessada, uma reelaboração integrante em outro estádio cultural. Francastel intervinha quase que exclusivamente neste ultimo plano; a pesquisa minuciosa não interessava sobremodo ao seu espírito — e, mesmo em França, em círculos alheios (ou rivais) ao do seu ensino nos Hautes Etudes, isso não deixava de ser criticado. No fundo, invejado... Digamos também que ele tinha um horror irredutível á estupidez.

ACRESCIA que Pierre Francastel era um homem difícil, algo agressivo e com enorme gosto por manobras e estratégias, muitas vezes gratuitas — primeiro, porque ele próprio era desinteressado de carreirismos e, depois, porque, mais inteligente que os adversários complicava as situações para além das respostas prováveis ou possíveis...

Cedo me avisaram dessa dificuldade de convívio; dela observei provas — mas de todo em todo não a sofri. A sua generosidade, a sua delicadeza assistiu-me sempre — mesmo quando, tantas vezes!, discordámos, e à mesa do café nos dirigíamos cordiais «pointes»...

... Mas sobretudo, acima de tudo, devo a Pierre Francastel o ter confiado em mim. Agradecendo um livro que lhe ofereci, e conversando sobre ele, convidou-me a vir trabalhar para o seu curso, que pouca gente frequentava então. (Éramos poucos em 1959, uma multidão, de pé encostada às paredes, sobrando para o corredor em 1963!). Assim fiz. Propôs-me depois um doutoramento e fez admitir a minha candidatura; em 63 ofereceu-me um posto de assistente que uma alteração de estruturas da Ecole não permitiu criar então. E sempre se interessou pelo meu trabalho: «*Revenez si le pays vous plait*», escreveu na dedicatória dum dos seus últimos livros... No leito, que seria de morte, em voz que mal ouvi, perguntou-me ainda sobre outro doutoramento que daí a dois ou três dias eu devia fazer.

NÃO cabe aqui dizer muito sobre a sua obra. No prefácio que escrevi para a tradução portuguesa de «Arte e Técnica», (Edições Livros do Brasil, 1964) tratei dela, e do seu significado. Neste folhetim, apenas escrevo duas palavras comovidas sobre um homem que foi o meu único mestre.

... Lembrando ainda que, para além de mim ele exerceu influência sobre críticos mais jovens que, já bolseiros da Fundação Gulbenkian, melhor ou pior, seguiram os seus cursos: Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, Alfredo Margarido, Egídio Álvaro, e outros mais, que por lá fui vendo. Por aí um dia se avaliará a importância que P. Francastel teve, para o pensamento estético português.

As lusas semifusas

por José Alberto Gil

CONSTANÇA CAPDEVILLE concluiu em 1961 o Curso de Composição na classe do professor Croner de Vasconcelos, e em 1962 obteve o Prémio de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa. No ano seguinte apresentou-se com obras suas num concerto de «A NOVA GERAÇÃO», tendo, seguidamente, trabalhado com o compositor Philipp Jarnach, como bolseira da Fundação Gulbenkian. É colaboradora da Comissão de Musicologia da Fundação Gulbenkian. Colaborou na «Encyclopédie des Musiques Sacrés», editada em Paris. É autora de um «Método Elementar de Entoação». As suas obras, devidamente analisadas, vão figurar na «Enciclopédia da Música Contemporânea», que está a ser publicada na Alemanha pelo editor Hans U. Schumann.

«Diferenças Sobre um Intervalo» é a sua obra mais «conhecida» entre nós. Numa quinta-feira à tarde perguntei-lhe se a obra lhe servia de espelho.

— *Sim. Pelo menos o caminho que estou tomando actualmente.*

A referida obra atraiu as diversas espécies de manifestações do público no último Festival Gulbenkian e foi qualificada pela crítico espanhol Xavier Montsalvat por 3 adjectivos acusatórios:

% um tanto ingénua.
% neo-académica.
% fechada a qualquer evolução.

— *Fico absolutamente estarrecida como um crítico consegue, sem assistir a um único ensaio, dar uma opinião valorativa sobre uma obra que ouve pela primeira vez. Admiro estes críticos. São FULGURANTES.*

— Neo-académica!

— *O crítico é um homem superior aos outros? Mais esclarecido? A obra não tinha um poder suficiente de atracção? Mas isso depende da sensibilidade de cada um!*

— Fechada a qualquer evolução!

— *Não gosto de uma experiência quando deu o que tinha a dar. Gosto que cada obra seja a resolução de um problema novo que ponho a mim própria na altura. Sou aberta a todas as tendências da musica de vanguarda, desde que elas correspondam a um verdadeiro sentido musical e SIRVO-ME delas livremente segundo as NECESSIDADES da obra que tenho em mão. Acho que a adopção absoluta dum sistema, seja ele qual for, esconde um sentimento de conforto ou comodismo,* Dirla ele, alheada? Desenraizada de um «tempo cultural»?

— *Interessa-me deixar não que a arte EXPRIMA, mas sim, que SEJA.*

Acho que em música, mais do que nas outras artes, nada nos é dado feito. Nas outras artes opera-se com matérias que o mundo cultural ou natural encheu já de significado, mas em música nada nos é dado. Por isso, o que o crítico diz é uma autocrítica. Um retrato da sua percepção da obra. No entanto, a melhor

Constança Capdeville fala para nós

por parte do autor, que, mais tarde ou mais cedo vem, por assim dizer, atrofiar a actividade mental e espiritual que o acto criador exige. Por isso, procuro sempre trabalhar num SENTIDO de procura e movimento.

— Nova acusção: partitura um tanto ingénua.

crítica é a autocrítica. Depois de escrever uma obra ela já não me pertence. Acho esta característica uma das melhores da nossa época. Adoro a minha época! Uma dessas razões é a da emancipação da arte. A arte fala através dela própria. Já deixou de falar pelo autor.

Constança Capdeville: música celularmente viva...

— No entanto, como me disse mais à frente, «o papel do compositor é o de inventor, mas nunca o de um espelho de si próprio»; qual o nível de intervenção pessoal?

— *Continua a ser o inventor-criador, mas nunca para se exprimir através dela.*

DOS DIVERSOS ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO: A MATÉRIA-PRIMA E A MANUFACTURA:

A gente, para se entender *mùtuamente* (não se trata, evidentemente, do entendimento longitudinal do indivíduo como coerênci através do tempo, mas um entendimento paralelo), necessita de utilizar fórmulas, expressando-se através delas. É acerca da técnica de utilização destas fórmulas e da maneira de as fermentar que C. C. nos dá uma achega preciosa.

— *A grande exigência da arte actual é a técnica cada vez mais apurada.*

E isto vem levantar um problema muito grande. Esta técnica elevada a um ponto alto pode vir a transformar-se num biombo contra a asfixia de invenção. Há uma falta de imaginação entre a maior parte dos vanguardistas. Limitam-se a moldes. Se não se luta contra isto, a arte de vanguarda pode limitar-se a uma simples presença ou apresentação dos elementos (sonoros) que a compõem.

A técnica, cada vez mais desenvolvida, leva a maiores possibilidades de realização. Tanto que:

— *Num determinado ponto da obra todos os elementos da estrutura podem ser móveis. No entanto, acho que se está a abusar um pouco do aleatório* (1). *Acho que é uma cobardia da parte do autor, fugindo, por assim dizer, a um dos maiores problemas que se põem no acto de compor, que é o da escolha, atirando-se a responsabilidade para as costas do intérprete. Não quer dizer que, em determinada altura duma obra, não sinta necessidade do aleatório mas este surge-me sempre como um Meio de Expressão.*

— É influenciada só pela evolução interna da obra?

— *Sim, de resto, sou perfeitamente independente da minha obra, porque o que INTERESSA AO OUVINTE* (2), *não é, com certeza, encontrar-me a mim, mas sim encontrar qualquer coisa que seja válida para ele e que vá ao encontro dele* (3).

— *Depois da composição, o que mais me satifaz é ensinar.*

O que pode acontecer é eu aproveitar essas impressões, sensações, etc., como estímulo de trabalho. TRANSFORMAR isso em ENERGIA. Mas nunca para Exteriorizar.

RELAÇÃO ENTRE A OBRA E O PROCESSO:

— *Não é novidade nenhuma, e qualquer de nós sabe isso. O que conta realmente não é o processo utilizado; acusa-se, por exemplo, Bach de abusar das progressões (é verdade que Bach abusa das progressões, como Stravinsky dos pedais), mas não é a progressão o que no fundo conta, mas sim a maneira como ela é feita. O realmente importante é que o processo técnico utilizado seja verdadeiramente necessário no preciso momento da sua utilização.*

Cont. na pág. 6

NOVIDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA

ESTUDOS COMPLEMENTARES DE PINTURA

POR

VARELA ALDEMIRA

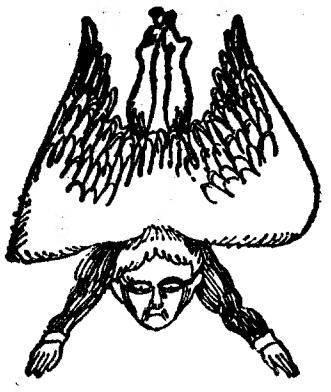
Um volume ilustrado
edição limitada
150$00

Livraria Portugal
LISBOA
e nas principais livrarias

UM GRANDE LIVRO SOBRE ANGOLA,
as suas gentes, o seu viver, com seus mistérios e feitiçarias, suas paixões e estranhos costumes

«FUNANTES»

DE ANTÓNIO DE AGUILAR
o excepcional autor de «AVENTURAS DE CAÇA»
● 1.ª EDIÇÃO QUASE ESGOTADA ●
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
PREÇO 40$00
Pedidos aos Distribuidores: Editoial Organizações, Lda.



HOMEM

por Alexandre O'Neill

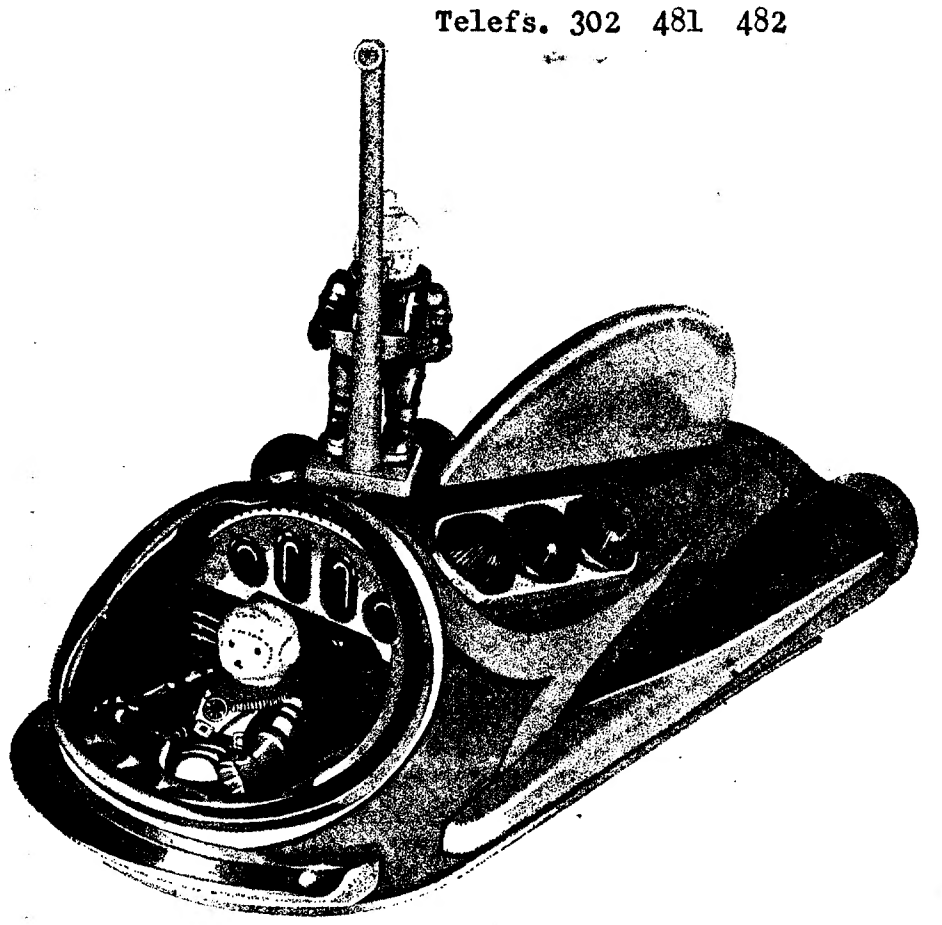
INSOFRIDO TEMÍVEL ADAMADO PURO SAGAZ INTELIGENTÍSSIMO MODESTO RARO CORDIAL EFICIENTE CRITERIOSO EQUILIBRADO RUDE VIRTUOSO MESQUINHO CORAJOSO VELHO RONCEIRO ALTIVO ROTUNDO VIL INCAPAZ TRABALHADOR IRRECUPERÁVEL CATITA POPULAR ELOQUENTE MASCARADO FARROUPILHA GORDO HILARIANTE PREGUIÇOSO HIEROMÂNTICO MALÉVOLO INFANTIL SINISTRO INOCENTE RIDÍCULO ATRASADO SOERGUIDO DELEITÁVEL ROMÂNTICO MARRÃO HOSTIL INCRÍVEL SERENO HIANTE ONANISTA ABOMINÁVEL RESSENTIDO AMARGURADO EGOCÊNTRICO CAPACÍSSIMO MORDAZ PALERMA MALCRIADO PONDEROSO VOLÚVEL INDECENTE ATARANTADO BILTRE EMBIRRENTO FUGITIVO SORRIDENTE COBARDE MINUCIOSO ATENTO JÚLIO PANCRÁCIO CLANDESTINO GUEDELHUDO ALBINO MARICAS OPORTUNISTA GENTIL OBSCURO FALACIOSO MÁRTIR MASOQUISTA DESTRAVADO AGITADOR ROIDO PODEROSÍSSIMO CULTÍSSIMO ATRAPALHADO PONTO MIRABOLANTE BONITO LINDO IRRESISTÍVEL PESADO ARROGANTE DEMAGÓGICO ESBODEGADO ÁSPERO VIRIL PROLIXO AFÁVEL TREPIDANTE RECHONCHUDO GASPAR MAVIOSO MACACÃO ESFOMEADO ESPANCADO BRUTO RASCA PALAVROSO ZÉZINHO IMPOLUTO MAGNÂNIMO INCERTO SEGURÍSSIMO BONDOSO GOSMA IMPOTENTE COISA BANANA VIDRINHO CONFIDENTE PELUDO BESTA BARAFUNDOSO GAGO ATILADO ACINTOSO GAROTO ERRADÍSSIMO INSINUANTE MELÍFLUO ARRAPAZADO SOLERTE HIPOCONDRÍACO MALANDRECO DESOPILANTE MOLE MOTEJADOR ACANALHADO TROCA-TINTAS ESPINAFRADO CONTUNDENTE SANTINHO SOTURNO ABANDALHADO IMPECÁVEL MISERICORDIOSO VOLUPTUOSO AMANCEBADO TIGRINO HOSPITALEIRO IMPANTE PRESTÁVEL MOROSO LAMBAREIRO SURDO FAQUISTA AMORUDO BEIJOQUEIRO DELAMBIDO SOEZ PRESENTE PRAZENTEIRO BIGODUDO ESPARVOADO VALENTE SACRIPANTA RALHADOR FERIDO EXPULSO IDIOTA MORALISTA MAU NÃO-TE-RALES AMORDAÇADO MEDONHO COLABORANTE INSENSATO CRAVA VULGAR CIUMENTO TACHISTA GASTO IMORALÃO IDOSO IDEALISTA INFUNDIOSO ALDRABÃO RACISTA MENINO LADRADOR POBRE-DIABO ENJOADO BAJULADOR DIVERTIDO VORAZ ALARMISTA INCOMPREENDIDO VÍTIMA CONTENTE ADULADO BRUTALIZADO COITADINHO FARTO PROGRAMADO IMBECIL CHOCARREIRO INAMOVÍVEL

decida Hoje o Amanhã do seu filho

Ajude o futuro
que o seu filho escolher
Ofereça-lhe um TITULO DE OCUPAÇÃO
O adquirir-lhe hoje
um Título no valor de 40 000$00
equivale a dar-lhe **102 713$00**
quando tiver crescido
mais dez anos
O Título pode ser pagável
em 36 prestações
de **1.111$10**
que rendem imediatamente 8%

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS
Av. Duque de Loulé, 66 A LISBOA
Telefs. 51748 555681 54479 42139
PRAIA DE ALVOR - PORTIMÃO
Telefs. 3128 3211
3212 3251 3253
LAGOS - HOTEL GOLFINHO - PRAIA D. ANA
Telefs. 302 481 482



arp

O CINEMA QUE VEMOS

	Ad.C	Ar.C	APV	DL	JVP	LA	MML	VST
O Circo (Charles Chaplin)	5	4	5	—	—	5	5	5
A Louca de Chaillot (Brian Forbes)	—	—	—	—	—	0	2	0
Hello Dolly (Gene Kelly)	2	1	—	2	—	4	3	1
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	3	3	0	3	3	3	3	3
A Pele de Um Malandro (Donald Siegel)	1	2	0	—	3	4	2	2
Goodbye, Mr. Chips (Herbert Ross)	1	—	0	—	1	1	1	1
Três Quartos em Nova Yorque (Marcel Camé)	—	—	0	—	—	0	0	0
A Flor do Cacto (Gene Sakes)	—	—	—	—	0	0	0	0
Que Importa Morrer (David L. Rich)	—	—	—	—	2	2	0	—
A Primeira Noite (Mike Nichols)	—	0	—	—	1	2	0	1
Missão no Ártico (John Sturges)	—	—	—	—	—	0	—	0
Comando Suicida (Camillo Bazzoni)	—	—	—	—	0	0	—	—
Onde está o Jack (James Clavel)	—	—	—	—	—	2	2	1
Sweet Charity (Bob Fosse)	—	—	—	—	—	4	3	3

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: Ad.C (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); Ar.C (**Armando Caeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letras e Artes e realizador); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); JVP (**José Vaz Pereira**, Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (**Lauro António**, D. L. e Programa «PBX»); MML (**Manuel Machado da Luz**, Seara Nova e D. L.) e VST (**Vítor Silva Tavares**, D. L.)

Constança Capdeville fala para nós

Cont. na pág. 5

RELAÇÃO DO AUTOR COM O PROCESSO:

— O papel do compositor é o de inventor, mas nunca o de um espelho de si próprio. Considero o compositor em 2 aspectos: o criador, e o compositor que faz «com-posição», que «com-põe». O ideal é serem ambos. Dois exemplos. Completos: Schubert, Boulez, Penderecky. Alguns que eu considero apenas com-positores: Richard Strauss, Stockhausen.

(o) INTERVALO

é a matéria-prima que usa Constança Capdeville. Não a nota A ou a nota B, mas o intervalo (distância, medida) entre A e B. Por isso:

— Como ouve o intervalo?

— Foi logo pegar numa coisa que acho o mais profundamente válido da estrutura musical! Manteve-se através dos séculos com o mesmo valor.

— Concede-lhe algum valor sinestésico?

— Não, apenas lhe dou um valor como uma medida de som. Pedagògicamente inculco mesmo o intervalo como uma medida.

— Interessa-lhe dar um «senso comum» para apreciação, pela mesma bitola, de todos os intervalos?

— Acho que o que interessa é o valor do conjunto das diversas combinações. O Intervalo total, como conjunto. É dependente das parcelas de que é constituído.

— Qual o critério de escolha dessas parcelas?

— Depende do ESPÍRITO da obra. Não tenho os intervalos dentro de uma caixinha! Na ALTURA é que tenho de sentir. A música que corre na ALTURA é a menos importante. O que interessa é o que veio de trás e o que virá. Um som deve ser olhado como consequência do anterior e preparação do seguinte.

— Como ouve o intervalo vertical (harmónico, simultâneo)?

— O intervalo vertical existe fisicamente, mas não o sinto como tal.

— Como aglutinação de intervalos horizontais?

— Sim, a cor obtida através disso, sim. É um mundo fascinante, esse!

Em 1962, por ocasião o 80.º aniversário de Strawinsky, C. C. escreveu para órgão as «Variações sobre o nome de Igor Strawinsky», obra tocada no Festival de Música Latina para Órgão, na Sé (Patriarcal) de Lisboa, já ouvida também na Alemanha e na Itália, e que irá ser gravada em Espanha. Tendo disposto as 12 notas da escala cromática em movimento ascendente e descendente e fazendo corresponder a cada nota uma letra do alfabeto também assim estendido, extraiu a série de 14 notas em que se inscrevia o nome de Igor Strawinsky.

— Qual a maneira para avaliar do grau de coesão interna de um conjunto de intervalos assim obtidos?

— Era um tema que «aguentava». Sentia que ele tinha vida. QUE CELULARMENTE É VIVO. Que pedia REPETIÇÃO.

(Característica não evidente na pauta!)

— «Música viva como factor de coesão de elementos» — disse. Considera o factor «vivo» independentemente do tempo ou das velocidades que possa atribuir a um conjunto de intervalos?

— Há sempre uma pulsação inerente a qualquer série viva de intervalos. Um movimento interno.

Voltando ao ponto de partida, a sua obra «Diferenças sobre um intervalo» trata-se de 15 Diferenças ou Variações, que têm por base de construção o intervalo de 2.ª. A obra começa com um agregado de 10 sons, construído a partir de um centro sonoro prèviamente estabelecido.

O Agregado é atacado e largado segundo o referido esquema, que, ao longo da obra, servirá de base de construção para determinadas séries de Intensidade e Duração; em cada uma das Diferenças é posto em relevo um ou vários problemas de tipo variação. Assim, por exemplo:

I Altura e Duração.

II O intervalo visto, simultâneamente, sob todos os seus aspectos como intervalo.

III Dilatação e Contracção do Movimento.

Etc. Etc...

As intensidades foram utilizadas não como intensidades pròpriamente ditas, mas como planos sonoros, perspectivas e como pesos.

— Este aspecto e o da elasticidade da obra podiam ter sido mais cuidados se houvesse mais tempo para ensaios. A obra tem uma constante de flutuação de andamento, o que não foi possível ter respeitado. Já estavam tão preocupados em tocar numa pulsação certa...

Voltando ao aspecto de crítica, não tenho o mínimo de problema, primeiro porque acho que o autor da obra, o criador, deve ter o seu caminho traçado com mão firme, deve saber exactamente o que quer e para onde vai. Portanto, o que acho que é importante é a autocrítica, e não a crítica, como disse anteriormente.

JOSÉ ALBERTO GIL

---

(1) ALEATÓRIO: elemento variável, não determinado, improvisado.

(2) De salientar a perspectiva anterior-posterior, que vem já desde o latim (inter-esse = estar entre). Isso leva a saber do papel do compositor entre os impulsos, influências «extramusicais» a que C. C. respondeu a seguir.

(3) Ir ao encontro das pessoas através de fórmulas que funcionam como transportes colectivos desde que se pague a devida taxa em gramática não anda longe da perspectiva de ensino, na qual C. C. — que dá aulas de Harmonia, Solfejo e Música de Câmara, na Academia de S. Cecília — gostosamente se inclui.

Henry Miller, o mesmo

Cont. da pág. 1

Lamenta hoje tê-los publicado?

H. M. — Depois de um texto publicado, não sinto nada. Sinceramente. É tarde demais. No momento em que escrevo, sinto qualquer coisa, depois não. O tempo de fazer publicar um texto (e é longo), o tempo de ler, de dar por ele... está morto. Não lamento.

J. B. — *Como descreveria a sua maneira de escrever?*

H. M. — Como escritor, sou um caso particular. É necessário dizer uma vez mais que não me considero aquilo a que se convencionou chamar um escritor. Decidi não escrever senão sobre a minha própria vida — e tenho-me conservado nisso.

J. B. — *Porque é que tomou uma tal decisão?*

H. M. — Por que era mais fácil. E mais verdadeiro. Para que iria eu procurar personagens e situações imaginárias se a minha própria vida me parecia tão mais real e mais importante do que tudo quanto eu pudesse inventar? Tudo o que eu escrevo, é preciso que me saia das entranhas, de sensações e de experiências que sejam mesmo minhas.

J. B. — *V. também escreveu textos não autobiográficos...*

H. M. — Sim. Uma peça de teatro, *Just Wild about Harry*, É, aliás, o título de uma canção. Neste momento, trabalho numa outra peça, algo que tinha deixado no estaleiro e agora retomo. Depois, há ainda o meu pequeno livro sobre o *clown: O Sorriso aos Pés da Escada*. Fez-se dele uma ópera que foi montada na Alemanha e que em breve o será na França e na Itália. Trata-se duma obra puramente imaginária, dum «caprice». De tudo quanto escrevi, é uma das coisas de que mais gostei — e nada tem a ver com a minha vida. Escrevi-a para dar gosto ao pintor Fernand Léger. Ele tinha-me dito: «Vou fazer um livro sobre o circo; eu trato das ilustrações; quer V. escrever o texto?». É geralmente ao contrário que as coisas se passam, e isso excitou a minha curiosidade. Pus-me a trabalhar e escrevi tudo de um jacto, sem verdadeiramente reflectir. Mas Léger ficou desiludido. Disse-me que estava á espera de qualquer coisa como o *Trópico de Cancer*.

J. B. — *Com efeito, V. escreveu mais ensaios que romances...*

H. M. — Nunca escrevi romances. Os *Trópicos* são pedaços de vida.

J. B. — *Tem algum livro preferido?*

H. M. — Certamente. O livro sobre a Grécia, *The Colossus of Maroussi*.

J. B. — *Entre os seus livros, há algum que gostasse de reescrever?*

H. M. — Não. Não está no meu feitio. Quando escrevo qualquer coisa, dou nesse momento o que tenho de melhor. Depois digo: «Está bem como está, não lhe toquemos mais». Creio que não se ganha nada em reescrever um texto. Sou contra a perfeição. É certo que me sucede ler uma passagem e achar que não é lá muito brilhante, mas isso não me atormenta o suficiente para que pense reescrevê-la. Do mesmo modo, não quereria rectificar este ou aquele erro da minha vida. Se V. me perguntasse: «Gostaria de poder apagá-lo?», eu responderia: «Não». Efectivamente, parece-me que as coisas boas e as coisas más acabam por se equilibrar, que o bem resulta do mal e vice-versa. Digamos que eu aceito as coisas como elas são. Não olho para trás nem para a frente, mas para aquilo que está exactamente diante do meu nariz.

J. B. — *Considera que o ensino auxilia o criador?*

H. M. — Não. Pelo menos no que me diz respeito. E estaria tentado a generalizar. Penso que é preciso desaprender tudo quanto se aprendeu, todas as disciplinas escolares. Não acredito no *ensino*. Se me tisse sido possível, nunca teria mandado os meus filhos para a escola. Tal como o conhecemos, o conjunto do ensino, como método e como ciência, é desastroso e funesto. As crianças devem aprender à sorte. Se me fazem uma pergunta, respondo-lhes o melhor que sei; se mostram um grande interesse por qualquer coisa, aconselho-as a estudar a questão nesta ou naquela obra. Mas ir á escola tantas horas ao dia, aprender todas essas asneiras, chamo a isso estupidez pura e simples. Da educação, aprovo apenas o jardim de infancia. Isso está bem. Tudo o mais é desastroso e funesto. Digo que faz de um ser humano um enfermo e um idiota. Sei que isto parece insensato, mas eu creio que todos nós nascemos criadores, que todos nós temos os mesmos instintos de criação. Ora, na maior parte das pessoas, a instrução escolar mata o artista, o criador. Em meu entender, a verdadeira educação seria aquela que um mestre dá a um discípulo — mas essa não tem equivalente no mundo ocidental, a não ser, talvez, no domínio da pintura ou, digamos, da musica. Por *mestre* não entendo um intermediário encarregado de substituir o ensino, mas um mestre no sentido espiritual. Tudo quanto se chama «saber», no nosso mundo e na nossa civilização, não significa grande coisa para mim. É certo que a maior parte dos artistas começou por aprender a sua técnica. Homens como Picasso, Marc Chagall, Utrillo, tiveram de submeter-se a essa disciplina. Mas era porque viviam numa época cuja tradição exigia que todos os pintores passassem pelas academias. Conhecemos outros que não começaram assim. Recentemente, bem recentemente, vimos surgir artistas que não tinham passado por esse bê-a-bá esclerosado. O que é que disse Picasso não há muito? Eu estremeci de alegria, tão maravilhoso que era. Tinha ido ver uma exposição de pintura feita por crianças: «Quando penso nos anos que precisei para chegar ao ponto em que elas estão!» Ah, poder fazer como elas, ter a sua espontaneidade, intrepidez, o seu sentindo da cor, a sua total liberdade! Se nos dobramos á «disciplina», tornamo-nos limitados, inibidos, frustrados, estéreis. É esse o efeito da disciplina... daquilo que as pessoas julgam ser a disciplina... Não acredito nisso.

J. B. — *Comparando com o que escrevem os autores de hoje, continua a considerar as suas obras como livros de sensação?*

H. M. — Sim.

J. B. — *Acha que continua a estar em forma para os bater nesse terreno?*

H. M. — Sim. Porque não se trata sómente de fazer uso de matéria pornográfica. Há o drama, a força, a significação que sustentam a narrativa. Mas eu cheguei a um ponto em que me estou positivamente nas tintas. (...) Em boa verdade, gostaria de ver eliminar todos os livros, ou quase todos. Em minha opinião, 90 a 99 por cento deles não merecem ser lidos.

J. B. — *De que outras formas de comunicação seria então partidário?*

H. M. — Não sei. Temos o cinema, a televisão, e toda a espécie de meios. Poderíamos inventar outros. Neste domínio, não nos mostramos quase nada criadores. Estamos ainda num estado arcaico, medieval. É estupido arruinar-se a vista a ler páginas e páginas para, no fim de contas, apenas se extrair uma particula de substancia. Um débil mental pode escrever um livro — é aliás o que se passa. Diria mesmo que 50 por cento dos livros são escritos por débeis mentais. Aristocratas da debilidade mental, se se quiser, mas ainda assim débeis mentais.

J. B. — *Quando V. diz que se deveriam eliminar os livros, acha que se deveriam proscrever os bons juntamente com os maus?*

H. M. — Não falo de proscrever. Contento-me em esperar por um outro meio de comunicação. No limite, deveriamos aprender a servir-nos da telepatia. Não podemos continuar a comunicar por meio da linguagem e da razão. Deveríamos em breve chegar ao ponto em que soubéssemos, sem recorer á palavra, o que se passa no espírito de outrem, em que pudéssemos evitar esse trabalho laborioso que consiste em escrever, falar, explicar... Algumas pessoas conseguem-no. Trata-se de um sentido suplementar, que pode ser cultivado. Podemos ter tudo neste mundo, se o quisermos. É isso que faz com que, no fundo, o mundo seja maravilhoso. Se pungente, como é o caso (quem poderia imaginar um mundo mais repugnante?), é porque nós o queremos assim. O mundo deixa-se-nos modelar até ao infinito, podemos fazer dele tudo quanto quisermos. Mas os nossos desejos são banais e estupidos — e nós queremos um mundo que seja banal e estupido. (Quando digo «nós», refiro-me aos cérebros maiores). Tudo está ao nosso alcance se nós o desejarmos intensamente. O catolicismo faz a preguiça — incluída a preguiça do espírito, um pecado capital. É bem verdade que ela é o maior dos pecados e que o roubo, a prostituição, nada são em face da preguiça espiritual. Vivemos num mundo de sonambulos. Se as pessoas estivessem acordadas não suportariam o que acontece, não o poderiam tolerar. Se abrissem a sensibilidade a tudo quanto se passa todos os dias mesmo debaixo dos olhos, vomitariam as entranhas ou matar-se-iam em conjunto.

J. B. — *É talvez o que explica a sua dupla atitude: V. parece muito pessimista quanto á civilização, mas muito positivo em relação ao próprio mundo.*

H. M. — Sou pela vida. E acho que a civilização representa uma influência de morte — e não uma influência de vida. A civilização é rigidez, ossificação. Quando digo que sou contra, significa que me rebelo contra tudo o que nos forçam a aprender, a estudar, a saber — coisas que em 90 por cento dos casos não têm importancia alguma. Em primeiro lugar, deveríamos aprender a viver juntos. Ora, onde é que nos ensinam isso? No fundo de nós, somos todos assassinos em potência. Rufe quem pode um tambor e eis-nos prontos a matar. A primeira coisa que se deveria ensinar a um homem seria a arte de viver em paz com outrem. Não tenho nenhum respeito pelas pessoas que não são capazes disso.

J. B. — *Como chegar a tal?*

H. M. — Basta *estar* em paz. Se se estiver em paz, já não é preciso lutar para obtê-la. Não é um assunto que os governos possam resolver por medidas económicas e políticas. Cabe a cada qual voltar-se para a busca da paz — o que, no plano do espírito, é perfeitamente realizável. É desejável.

J. B. — *Os «hippies» dar-vos-iam certamente razão. Vê razões para se ter esperança nos jovens de hoje?*

H. M. — Vejo alguma esperança... Não digo grandes esperanças, pois creio que um tal empreendimento exige mais que tudo quanto eles fazem. É possível que seja necessária uma verdadeira revolução. Não posso sequer adivinhar quanto tempo nos será preciso para começarmos a viver como verdadeiros homens.

(Excertos, montados, da entrevista concedida a Julie Burns e que reproduzimos, com a devida vénia. Tradução e nota inicial de V. S. T.)

Amar (em disco) a poesia

Cont. da pág. 8

ro, compositores do século XVIII: venderam-se aproximadamente 30 000 exemplares. Essa edição só não é importante num país do mundo: a Alemanha, pois lá existe um público poderosissimo em música erudita.

Agora, antes de chegar à Europa realizei em S. Paulo uma gravação de um português — André da Silva Gomes, lisboeta, que se radicou em S. Paulo em 1754 e lá morreu em 1810. Trata-se de uma Missa para oito vozes e instrumentos, peça de singular importância. Deve ser lançada na inauguração do Museu de Arte Sacra de S. Paulo, em Abril. Acredito sinceramente que encontrará repercussão mundial. Eis um caso que deveria interessar de perto o Governo português ou a Fundação Gulbenkian.

● Portugueses e Brasileiros face-a-face

V. S. T. — Os seus discos são divulgados apenas no Brasil?

I. G. — Faço-os quixotescamente, não tenho qualquer bafejo oficial. Mas, ainda assim, são exportados para toda a América do Norte, para a Inglaterra...

V. S. T. — E aqui em Portugal?

I. G. — Aqui em Portugal vão aparecendo...

V. S. T. — Como se chama a marca?

I. G. — «Festa». Hoje a distribuição está a cargo da «Philips», a que me encontro pràticamente vinculado, sendo também colaborador da direcção da «Philips» brasileira.

V. S. T. — De quem depende a selecção dos poetas e dos compositores?

I. G. — Exclusivamente do editor.

V. S. T. — Qual o critério de selecção?

I. G. — O meu gosto pessoal. Ainda ontem, o meu amigo Alexandre O'Neill dizia assim: «Este é um fanático de Fernando Pessoa». Acho isso muito agradável. Mas não só do Fernando Pessoa...

V. S. T. — Pessoa está editado na sua marca?

I. G. — Tenho quatro LP gravados e deve sair agora o quinto.

V. S. T. — Quais os intérpretes?

I. G. — João Villaret, três, e Sinde Filipe, um já editado e o outro a sair em breve.

Mas vou-lhe dar uma notícia em primeira mão: David Mourão Ferreira vai aparecer em disco exclusivamente como intérprete, apresentando Camilo Pessanha, Cesário Verde, António Nobre e Mário de Sá Carneiro. Penso depois lançar um LP de Mourão Ferreira por-ele-mesmo. E espero que o mesmo possa acontecer com Alexandre O'Neill — mas aí, eu conto com tremenda dificuldade!...

A. O. — Sabemos que está pronto um disco com poetas brasileiros numa face e poetas portugueses na outra, ditos por Laura Soveral...

I. G. — Vai sair no Brasil e em Portugal, simultâneamente. Só não saiu ainda por motivos imperiosos de ordem... técnica.

A. O. — Falta o meu texto...

I. G. — Mas creio que mais uns 15 a 20 dias e estará sanado.

Manuel Bandeira: mais de 10 000 discos vendidos no Brasil. Para disco de poeta, é muito...

● Lugar á língua espanhola

V. S. T. — Você também edita poetas de língua espanhola...

I. G. — Tenho gravações de Nicolas Guillén, Rafael Alberti, o «Llanto por Ignazio Sanchez Mejia», de Lorca, discos de Pablo Neruda, de quem sou velho amigo, de Jorge Luís Borges, e ainda um disco de texto gravado por Cortazar, que vou lançar agora no Brasil. Trata-se de um dos discos mais inteligentes que eu já vi até hoje. É o Cortazar falando de qual a interpretação que se pode ter de um escritor ou de um poeta sendo ouvido. Cortazar improvisa, e esse improviso é extraordinàriamente bem feito. Tenho também Berta Singermann, que creio não ser muito conhecida na Europa...

A. O. — É — e muito: já nos chateou aqui várias vezes.

V. S. T. — Recitais de poesia e rendas velhas...

I. G. — ...e ainda Miguel Hernandez interpretado por Berta Ziaga, do Teatro Nacional de Madrid.

Gostaria agora de fazer uma experiência, lançando um poeta italiano no Brasil: Ungaretti.

*

É isto: independentemente dos acordos estabelecidos e a estabelecer entre gabinetes, processa-se um entendimento entre certos portugueses e certos brasileiros que, para nós, constitui o mais cimentado e o mais significativo e o mais perdurável dos intercâmbios culturais — porque envolvendo homens de gosto, de cultura, de amizade, de risco próprio. O já-feito é apenas quase-nada: Ireneu Garcia falla da ausência de livrarias portuguesas no Brasil e da consequente má distribuição do livro português («Há 30 anos que os brasileiros andam a ler o *Só* do António Nobre...»), muito embora referenciando o culto de inúmeros artistas e intelectuais brasileiros pelos seu pares do lado de cá.

Sendo a conversa como as cerejas, daí a pouco fizemos uma combinação: Ireneu Garcia iria escrever para este Suplemento sobre os mais importantes poetas e prosadores latino-americanos da hora actual.

Valeu?

Valeu!

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Os africanos, que mal conhecemos

Na Sá da Costa apareceram á venda alguns números da colecção «Littérature Africaine» (ed. Fernand Nathan). Dos dez que estão publicados surgiram assim entre nós os volumes dedicados a Cheikh Hamidou Kane, do Senegal, Olympe Bhêly-Quénum, do Daomé, Bernard Dadié, da Costa do Marfim, Aime Césaire, da Martinica (mas ligado desde longa data ao movimento da Negritude e suas sequelas), e Seydou Badian, do Mali.

São livros antológicos, com notas biográficas e apresentação dos principais títulos de cada autor, como é o caso de «L'aventure ambiguë» para Kane ou de «Pagne noir» para Dadié. Preço: 3,20 francos (acessível). À atenção de quem ainda não conhece as modernas literaturas de África.

D. Francisco Manuel

As Presses Universitaires de France apresentaram há dias, incluído na série de publicações do Centro Cultural Português de Paris (Fundação Calouste Gulbenkian), o estudo «La critique et la satire de D. Francisco Manuel de Melo», de Jean Colomès, grosso volume de 440 páginas onde o especialista francês aborda em profundidade toda uma série de problemas ligados á inserção do nosso clássico seiscentista na época tão instável que foi a sua — tão instável que D. Francisco Manuel sofreu a prisão e o exílio.

Namora em francês

Nos planos do editor Stock para este ano conta-se a tradução (entregue a René Bandé) do romance «Fogo na noite escura», de Fernando Namora. Será o sexto livro do escritor a passar para francês. «Fogo na noite escura» data de 1943 e na bibliografia do Namora prosador foi antecedido apenas por «As sete partidas do mundo», precedendo de dois anos «Casa da malta».

Zlatko Tomicic

Segundo «Le Monde», a quase totalidade da crítica jugoslava ignorou o novo livro do poeta croata Zlatko Tomicic, «À procura do ser». Tomicic, figura maior das letras do seu país, teria cometido duas «gaffes» de tomo, a saber: a criação da União (marginal) dos Escritores Independentes, quando já havia uma União dos Escritores jugoslavos; e sobretudo a direcção do «Jornal Literário Croata», sobre o qual pesa a acusação de nacionalismo retrógrado. Recorda ainda «Le Monde» que este órgão literário desapareceu quando os tipógrafos eslovenos se recusaram a compô-lo.

Quem foi Leibniz?

O poeta, professor do ensino secundário e ex-jornalista António Borges Coelho acaba de lançar nos Livros Horizonte o volume «Leibniz», produto da sua tese de licenciatura sobre a vida e obra do pensador de Leipzig. Aliás, também de Borges Coelho saíra já na mesma colecção — Razão e Diálogo — uma antologia de Leibniz, «Obras escolhidas».

Novidades lá fora

Eis algumas novidades (seleccionadas) de Inglaterra: «The Pagoda and Other Poems», de David Gill (Chatto-Hogarth), «Blinde Love and Other Storyes», de V. S. Pritchett (Chatto Windus), «Terry Street», poemas de Douglas Dunn (Faber), «Little Miss Moffatt», de Richard Church (Heinemann), e «Doves for the 70 s», antologia de poesia pacifista que inclui Stevie Smith, Christopher Logne, Laurie Lee e outros (Corgi Books). Em França foram lançadas as «Lettres à Lou», (êxito de venda), e novos livros de Henri Michaux, «Façons d'éveillé, façons d'endormi», e de Jacques Audiberti, «L'empire et la trappe». Finalmente nas livrarias da Quinta Avenida (ou de Greenwich Village?) apareceram «Lovey Childs», de John O'Hara, «Drinkers of Infinity», de Arthur Koestler (compilação de ensaios), «Nature & Love Poems», de Ruth Herschberger, e as «Selected Letters» de Nietzsche, em tradução de Christopher Middleton.

Novidades cá dentro

De entre as novidades (portuguesas) mais recentes seleccionamos «O dossier do catecismo holandês», textos coligidos por Aldo Chiaruttini, com introdução e notas históricas e teológicas de Leo Alting von Geusau e Fernando Vitorino Joannes (Moraes Editores, Círculo do Humanismo Cristão); «Poesia, 1957-1968», de Helder Macedo (idem, Círculo de Poesia); e «A literatura de José Régio», de Álvaro Ribeiro (S. E. C., Ensaístas Portugueses).

«O sinal do tempo»

Com uma micrograva ção (45 r. p. m.) de várias crónicas de Baptista-Bastos lançam «Discos Zip» uma nova série denominada «O Sinal do Tempo»: iniciativa da sua secção de produção, dirigida por Thilo Krassman,

e pelo menos no caso de Baptista-Bastos com música de António Victorino d'Almeida. A seguir está programada uma série de textos de Carlos de Oliveira (voz do próprio) e — talvez — reportagens gravadas.

Do Brasil

Notícias do Brasil; Alceu Amoroso Lima acaba de ser distinguido com o Prémio (norte-americano) Maria Moors Cabot, que a Universidade de Colúmbia atribui anualmente a figuras do jornalismo. ● Sete escritores conseguiram a sua aposentação como profissionais das letras, o que é inédito e vai render-lhes 500 cruzeiros novos mensais. São eles: Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Afonso Arinos, Alceu de Amoroso Lima, Álvaro Lins, José Honório Rodrigues e Octávio de Farias. A ideia partiu de Adonias Filho. ● Geir Campos ganhou, com «Metanáutica», o II Torneio Nacional da Poesia Falada (10 mil cruzeiros novos). Premiados subalternos: José Kleber Martins Cruz, Airton Pereira da Silva, Anderson Braga Horta e Ângelo Sangirardi.

Amar (em disco) a poesia

ENTREVISTA COM IRINEU GARCIA, CONDUZIDA POR VÍTOR SILVA TAVARES (COM APARTES DE ALEXANDRE O'NEILL)

PELA MÃO de Alexandre O'Neill soubemos de Irineu Garcia, brasileiro, 49 anos, jornalista e editor de discos culturais, amigo de poetas. Em Lisboa, de passagem, Irineu conhece já todo o mundo das artes e das letras — o que não admira, pois é homem de trato fino e inteligência sensível, virtualidades ligadas àquela arte do convívio quente e imediato que a nós, bisonhos, tantas vezes escapa.

Num bar de hotel, e na companhia do poeta O'Neill, falámos de coisas — agora e aqui resumidas no essencial.

● Sonhar um negócio sonhador

V. S. T. — Como é que se passou essa história da edição de discos?

I. G. — Um dia recebi um presente de um disco de Paul Éluard gravado pelo próprio — os poemas da Libertação de Paris. Nessa ocasião, tive um encontro com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade numa livraria do Rio de Janeiro. Bandeira, muito extrovertido, lamentou que o bom procedimento que se fazia no exterior em gravar os seus melhores poetas não se realizasse no Brasil. Ora eu estava ligado a um editor, Carlos Ribeiro, e acto contínuo formámos uma sociedade artesanal para a gravação de discos. A curto prazo gravámos mais de 50 poetas brasileiros. Eis a forma inicial desse negócio sonhador, mas que felizmente ainda continua.

V. S. T — Os discos vendem-se bem?

I. G. — Rigorosamente, não posso dizer que tenha um disco *best-seller*. Mas alguns surpreendem.

V. S. T. — Quais as tiragens?

I. G. — Depende. O disco do Bandeira vendeu mais de 10 000 exemplares no Brasil. Penso que para um disco de poeta é muito: sei que, em França, a venda do disco do Malraux não ultrapassou os mil. Carlos Drummond e Vinicius de Moraes, este sobretudo pela projecção da música popular brasileira, têm muito público. Outro poeta que vende extraordinàriamente é Guilherme de Almeida. No início da minha vida de Imprensa, conheci-o na redacção do jornal «O Estado de S. Paulo» — e tenho por ele um profundo respeito. A poesia dele era uma poesia mais ou menos dirigida a um público fiel, esse público que todos nós fomos na adolescência. Agora, se me perguntassem qual o poeta que, do ponto de vista do disco, menos público tem, eu diria que é um dos poetas que melhor declamam, ou melhor, declamavam — o poeta onomatopaico Ascenso Ferreira, o do «Trem de Alagoas».

● Irineu Garcia lança a «Bossa»

V. S. T. — Quando é que começou a actividade de editor?

I. G — Em 1955. Mas a empresa não pôde continuar gravando sòmente literatura. Sei que tais empresas não sobrevivem: até o Pierre Seghers foi absorvido. Então, resolvi ampliar o meu campo à música erudita brasileira, à música folclórica e à música popular mais trabalhada. O primeiro disco de «bossa-nova» fui eu que o gravei: a «Canção do Amor Demais», com música de António Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, interpretada por Elizete Cardoso. É exactamente nesse disco que aparece a célebre batida de violão do João Gilberto. Fiz depois um outro, também com música de Jobim e de Vinicius e com o maestro Leo Perachi. São discos perenes, hoje citados em antologias como das coisas mais importantes para o estudo da renovação da música popular brasileira.

● Obra portuguesa com provável repercussão mundial

Mas aí, eu entrei por um terreno tão tortuoso ou mais tortuoso ainda que a poesia: a música erudita. As gravações de Villa-Lobos, de Camargo Guarnieri, de Claude Santoro, de Mignoni, têm realmente um público muito restrito.

V. S. T. — Tiragens?

I. G. — Irregulares. Por exemplo, gravei dois LP, de custo bem alto, dos Mestres do Barroco Minei-

Cont. na pág. 7

Edições de Irineu Garcia: da «bossa» ao poeta Melo Neto